



DESDE 8 DE ABRIL DE 2000

rascunho

272

Dez. 2022

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



ARTE DA CAPA:
RAMON MUNIZ

**eduardo ferreira**

TRANSLATO

ACC E A TRADUÇÃO (3)

Comento, uma vez mais, algumas passagens do livro **Crítica e tradução** (2016), coletânea póstuma de textos de Ana Cristina Cesar. Observadora arguta e contundente do processo de construção do texto, a poeta nos leva a refletir sobre diferentes estratégias e intervenções do tradutor, sobre os objetivos e resultados possíveis, sobre meios de aferir a precisão de uma tradução.

ACC, em uma passagem em que considera a tradução de dois tipos de textos literários, aponta os elementos essenciais a que o tradutor deveria se ater em cada caso: “Todo mundo sabe que, em poesia, o tradutor deve levar em conta, acima de tudo, o ritmo. Em prosa, o caso é diferente: o tradutor tende a concentrar-se em problemas semânticos”.

ACC se alonga, em especial, sobre a tradução do texto poético. Em certo trecho, a autora especula sobre as relações entre a tradução e o poema, assinalando que os dois textos tendem a avançar em sentidos opostos: “Essencialmente, qualquer ato de tradução extrapola o texto original, explicita sua inerência semântica — numa palavra, diz muito por medo de dizer muito pouco. Portanto, a mecânica criativa natural da poesia [a condensação] se opõe diretamente à mecânica criativa natural da tradução [a inflação, conforme conceito de George Steiner]. Em princípio, traduzir um poema é como nadar contra a corrente”.

Ainda sobre a versão de poemas, Ana Cristi-

na Cesar se inspira em traduções e reflexões de outros autores para tirar suas próprias conclusões a respeito da mecânica desse ofício: “... traduzir poesia, como diz Augusto [de Campos] [...] não é exercício de divulgação; é sim um modo de ler criticamente a obra, ‘quem sabe até revivê-la em alguns momentos privilegiados’”.

Ao comentar a versão de Campos, intitulada *Elegia*, para o poema *Elegy XIX: To his mistress going to bed*, de John Donne, ACC aponta na intervenção do poeta concreto “o limite onde vacila com garbo e perícia o nome tradução [...] [pois] o teor de sacanagem do original é destilado nos cortes e montagens da tradução [...] os segredos que uma tradução pode guardar”.

Para a poeta, “Augusto de Campos encara sua tarefa de tradutor como a máscara de uma máscara de uma máscara”, em exercícios que parecem ao mesmo tempo aproximar (máscara como texto legível) e afastar (máscara como lente opaca) o leitor do original.

ACC também comenta o trabalho tradutório de Manuel Bandeira, ao analisar a recriação que o poeta oferece para cinco poemas de Emily Dickinson, traduções essas que ACC considera manterem o estilo da autora e possuírem “uma densidade de expressão que não dá margem a qualquer tipo de sentimentalismo”. Para a poeta-tradutora, “O resultado é desconcertante e parece indicar uma prática de tradução que absorve o texto original e se concentra na reconfiguração de um tema favorito”.

Em esforço de sintetizar suas considerações sobre a tradução da poesia, ACC define os seguintes critérios para avaliar a tradução de poemas: “...como regra, poderíamos dizer que as melhores traduções são aquelas que: 1) procuram reduzir a taxa de inflação ao mínimo [ou seja, evitam alongar o texto]; 2) tentam absorver o esforço original de dar condensação ao poema; e 3) procuram encontrar mais equivalências para esse esforço específico do que para o significado original”.

Eis aí um roteiro possível, e bem fundamentado, para alcançar uma boa tradução poética. Contudo, não pareceria exagero tentar ir um passo além, em empenho por alcançar uma mescla de elegância e economia da expressão (sintetizada pela condensação, itens 1 e 2) com a preservação da força das ideias fundamentais do poema (extrapolação do item 3). Tarefa do tradutor. **📖**

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

POEMAS INFANTIS DE CECÍLIA MEIRELES (1)

O livro **Ou isto ou aquilo**, de Cecília Meireles, é um primor. É um livro, como toda a grande literatura dita infantil, para todas as idades. Poesia rítmica, imagética e com temas atemporais. Comento nesta e nas duas próximas colunas alguns poemas do livro. O primeiro é *Sonho de Olga*: “A espuma escreve/ com letras de alga/ o sonho de Olga// Olga é a menina que o céu cavalga/ em estrela breve// Olga é a menina que o céu afaga/ e o seu cavalo em luz se afoga/ e em céu se apaga// A espuma espera/ o sonho de Olga// A estrela de Olga chama-se Alfa/ Alfa é o cavalo de estrela de Olga// Quando amanhece, Olga desperta/ e a espuma espera/ o sonho de Olga// A espuma escreve/ com letras de alga/ a cavalgada da estrela Alfa// A espuma escreve com algas na água/ o sonho de Olga”. No poema é descrito o sonho noturno de uma criança. Há dois movimentos no poema: o primeiro fixa a personagem Olga no céu montada em seu “cavalo de estrela”. A estrela que Olga cavalga, como informa o eu lírico, é a Alfa (a mais brilhante de uma constelação). A imagem que melhor expressa o movimento da estrela que é cavalgada é: “[o] cavalo em luz se afoga/ e

em céu se apaga”. Vívida imagem do rutilar e do ofuscar da estrela. O segundo movimento do poema se dá quando, ao amanhecer, o sonho vivido por Olga vira lembrança e registro poético: “a espuma escreve/ com letras de alga/ a cavalgada da estrela Alfa”. O sentido da palavra “sonho” no texto é rico, remetendo especialmente a uma interioridade intensa, que aspira à independência. O ritmo se eleva com o emprego recorrente da paronomásia: “alga”/“Alfa”, “alga”/“Olga”, etc. Vejamos agora *O Menino Azul*: “O menino quer um burrinho/ para passear/ Um burrinho manso,/ que não corra nem pule,/ mas que saiba conversar// O menino quer um burrinho/ que saiba dizer/ o nome dos rios/ das montanhas, das flores/ — de tudo o que aparecer// O menino quer um burrinho/ que

saiba inventar/ histórias bonitas/ com pessoas e bichos/ e com barquinhos no mar// E os dois sairão pelo mundo/ que é como um jardim/ apenas mais largo/ e talvez mais comprido/ e que não tenha fim// (Quem souber de um burrinho desses/ pode escrever/ para a Rua das Casas,/ Número das Portas,/ ao Menino Azul que não sabe ler)”. É um poema sobre a amizade, o acolhimento, a boa companhia. Dois personagens, como visto, figuram nele: um menino azul e o objeto de seu sonho/desejo: um burrinho. Trata-se de um burrinho que, diferente dos demais, não serve (ou não serviria, já que é idealizado) apenas para montar, mas para conversar, nomear as coisas, contar belas histórias, andar mundo afora, enfim, fazer companhia. Uma revelação é feita no desfecho do poema: o menino azul é analfabeto (inversão de posições, já que o burro é instruído). Daí o menino idealizar ou mesmo necessitar de uma companhia que lhe nomeie as coisas e lhe conte as histórias que ele não pode ler nos livros. O sentido da palavra “convivência” ecoa forte desse poema. E nos toca a condição de analfabeto do menino. **📖**

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

✉ rascunho@rascunho.com.br
🌐 www.rascunho.com.br
🐦 twitter.com/@jornalrascunho
📘 facebook.com/jornal.rascunho
📷 instagram.com/jornalrascunho
📞 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTASAlcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches

João Cezar de Castro Rocha

José Castello

José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Noemi Jaffe

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Alexandra Vieira de Almeida

Ana Cristina Braga Martes

André Argolo

André Caramuru Aubert

André Rosa

Cristiano de Sales

Cristina Campo

Hugo Langone

Luiz Rebinski

Márcia Lígia Guidin

Sérgio Tavares

Sinéad Morrissey

Stefania Chiarelli

Tomaz Amorim Izabel

ILUSTRADORES

Aline Daka

Carolina Vigna

Eduardo Mussi

Fabio Miraglia

FP Rodrigues

Kleverson Mariano

Marcelo Frazão

Mello

Oliver Quinto

Ramon Muniz

Tereza Yamashita

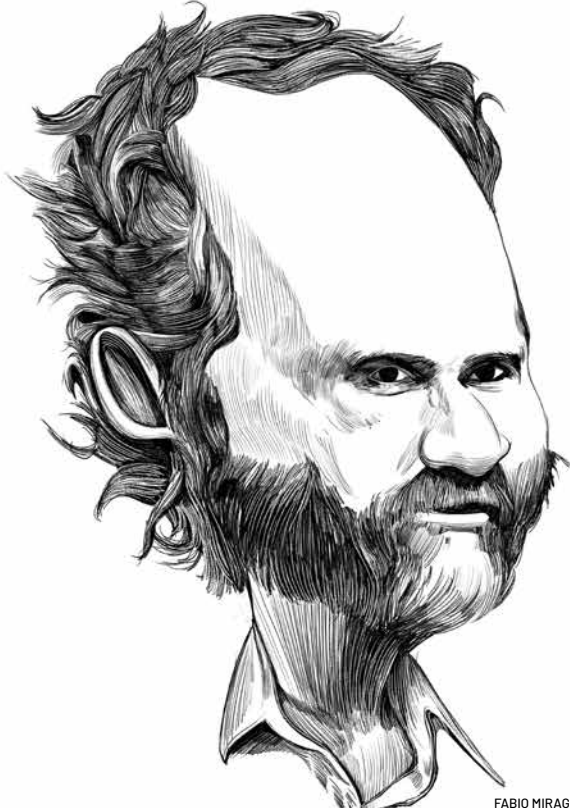
Thiago Lucas

Thiago Thomé Marques

RENATO PARADA

6

Entrevista:
Marçal Aquino
Luiz Rebinski



FABIO MIRAGLIA

10

A filha primitiva,
de Vanessa Passos
Ana Cristina Braga Martes

11

João Maria Matilde,
de Marcela Dantés
Stefania Chiarelli

14

O sono dos
humildes, de
Alexei Bueno
Alexandra Vieira
de Almeida



19

Os campos
calcinados, de Iacyr
Anderson Freitas
Cristiano de Sales

17

Inquérito
Índigo



22

Paiol Literário
Andréa del Fuego



21

Como matei minha
mãe, de Sheila
Leirner
Márcia Lígia Guidin

35

O livro do Martim,
de Daniel Francoy
Tomaz Amorim Izabel

37

Derrubar árvores,
de Thomas Bernhard
André Rosa

38

Poemas
Cristina Campo



EDUARDO MUSSI

paiol
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



40

Poemas
Sinéad Morrissey



arte da Capa:
Ramon Muniz

O Rascunho corre risco de extinção.
Mas a gente não vai ficar parado esperando o mundo acabar.



Participe da campanha de financiamento coletivo.
Acesse catarse.me/leia até 20/12 e dê o seu apoio.

Ao longo de 22 anos e mais de 270 edições, o Rascunho superou muitos obstáculos. Mas nenhum tão contundente quanto a pandemia. Buscamos alternativas, como um novo site e assinaturas digitais, mas não bastou. Para fazer frente ao endividamento do jornal e garantir a continuidade do Rascunho, lançamos uma campanha de financiamento coletivo. **Acesse catarse.me/leia, dê o seu apoio e ajude a divulgar a campanha.**



José Castello

A LITERATURA NA POLTRONA

Venho a Olaria, subúrbio do Rio, para visitar uma amiga, internada no Hospital Balbino. Confundo-me e chego duas horas antes do horário de visitas. Para fazer tempo, caminho sem destino pelo bairro. Sem pressa, observo a tristeza das pessoas, as casas descascadas presas em jardins estreitos, os portões roídos e tombados. A paisagem frágil, porém, desperta em mim um tipo de felicidade. A alegria de ver que, apesar de tudo, o mundo resiste.

Até que, diante de um casarão de esquina, vejo a placa: “Cuidado: homem perigoso”. Que alertem a respeito de cães ferozes, de cercas elétricas assassinas, de muros cobertos de espinhos faz sentido. Mas a respeito de um homem? Talvez seja um leproso, imagino. Talvez alguém que sofre de hidrofobia — o mal que costumamos chamar de raiva. Será um alerta a respeito da presença de um louco?

Algo me faz parar. Antes de tocar a campainha, saco — como uma arma branca — minha carteira de jornalista. À senhora de robe que me recebe, eu explico que faço uma reportagem sobre a vida no subúrbio e que a placa de advertência me chamou a atenção. “Não é da sua conta”, ela diz, com rudeza. “A placa é justamente uma advertência para que ninguém se aproxime.” Argumento que nós, jornalistas, estamos sempre onde a maioria das pessoas prefere não estar. Incêndios, tiroteios, terremotos, enchentes nos atraem. A catástrofe é nosso objeto.

Sem dizer mais nada, a mulher se vira e passa a observar os fundos do quintal. Tenta conferir alguma coisa, captar algum sinal. Olha para umas árvores murchas, que escondem um cercado, coberto por arame. Agora ouço galinhas que, desesperadas, cacarejam. “O que o senhor está esperando?” — ela me pergunta. Aponta para a calçada, os dedos enrugados cheios de anéis, as unhas de falcão. A toalha, enrolada em sua cabeça, está prestes a desabar. Mas ela não se rende.

“E se eu lhe pagar para entrar?” — proponho. Ela se espanta. Pensa e compara: “Como fazem nos museus?”. Silencia, pigarreia para ganhar tempo e completa: “Lembre-se de que nos museus não permitem fotos”. Sem pensar no que digo, eu concordo. Aceita a primeira mixaria que lhe ofereço. Enfia o dinheiro no bolso do robe e me adverte: “Eu servirei de guia, o senhor só fará o que eu mandar”. Só faltam os chicotes e as algemas. É uma domadora de quintal.

Atravessamos uma sala de jantar escura, que fede a terebentina. Móveis antigos, um sofá cheio de furos, telas desbotadas nas paredes. O corredor ainda é mais escuro. “Cuidado para não

CUIDADO: HOMEM PERIGOSO

Ilustração: **Aline Daka**



escorregar, eu estava lavando o chão”, me diz. Sem entender onde piso, seguro-me nos móveis, que estão cobertos de gordura. Minhas mãos deslizam. Sinto nojo, mas não vou recuar.

Na cozinha há um pouco mais de luz. Pilhas de louças sujas, pacotes e vasilhas abertos sobre a mesa, uma geladeira antiga que grunhe como um porco esfaqueado. E logo depois o quintal, maltratado e sujo, onde dois meninos correm. “Vamos saindo, temos visitas”, ela ordena. Os garotos a ignoram. Um deles grita: “Velha burra” e desaparece. A agressão, que se confunde com a intimidade, a obriga a dizer: “São meus netos. Eu os odeio”.

Avançamos entre árvores, vasilhames de lixo, latões de água suja. “Logo o senhor verá”, anuncia. “Mas lembre-se: nada de fotos.” A gritaria das galinhas aumenta. O fedor de fezes. De porcaria. Logo chegamos diante de um engradado com divisórias de arame. São muitas aves para um

espaço tão estreito. “Se quiser, pode entrar. É por sua conta e risco. Eu o espero aqui fora.” Antes, exige que eu deixe com ela meu celular. “É uma garantia de que não me trairá.”

Entro. As galinhas, assustadas, se encolhem nos poleiros. O chão está imundo, cheio de poças. Não sei o que faço aqui. Até que vejo o rapaz. Sim, um jovem homem. Cabelos e barbas imensos, ele se enrola em um cobertor, ou esfregão. Talvez sejam só tiras de papelão. As galinhas o ignoram. Também ele não se importa com minha presença. Permanece sentado sobre um caixote, dando goles em uma caneca de lata.

Tem um olhar pacífico e triste. Não vejo perigo algum. Não há risco, ou ameaça. Será mesmo a esse pobre rapaz que a placa da entrada se refere? “Cuidado: homem perigoso”, ela diz. Contudo, perigoso para quem? “Bom dia”, eu arrisco. Ele não ergue a cabeça. Como se eu não estivesse ali, se limita a dizer: “Há

dias que são sim, outros dias que são não”. Pigarreia, dá mais um gole, e repete a frase maldita.

Só me resta perguntar: “Hoje é dia que é sim, ou dia que é não?”. Minha pergunta o surpreende e ele se cala. Ergue a cabeça e passa a me examinar. Tênuas faixas de sol se infiltram no galinheiro. Traçam riscos de luz no ar, como hologramas. “Há mais alguém aqui?” — pergunto, na esperança de que, enfim, o grande perigo apareça. “Vivo sozinho”, ele responde. “Há dias que sim, outros dias que não, mas estou sempre aqui.”

Penso em me sentar, mas onde? De pé, diante daquele rapaz mirrado e rouco, incorporo a figura do agressor. Ele parece me temer e se encolhe um pouco. Não levanta a voz, só balbucia. “Não tenha medo”, eu digo, “vim para uma visita rápida”. Serrei eu o homem perigoso que a placa anuncia e que o rapaz tanto teme? Haverá dentro de mim uma ferocidade que desconsidero?

“Não tenho nada para lhe dar”, ele diz. “Nem essas galinhas são minhas.” Pergunto o que diabos faz naquela pocilga. “Eu moro aqui”, responde. “A velha me colocou aqui e não posso mais sair.” Agarrando-se à caneca, ele diz: “Há dias que sim, e dias que não, mas nunca saio”. Ficamos quietos. Espero — espero talvez que ele perca o medo. Até que o rapaz começa a cantarolar. Uma canção antiga e bela. Acho que a conheço. Cruzo os braços e ouço.

Então, em movimentos muito lentos, mas firmes, ele enfim se ergue. Agora vejo que é um garoto frágil, embora alto. Abre os braços e balança as mãos. Tenta levantar voo? Mas, como as galinhas que não podem voar, também ele fracassa. Não sei se fracassa, pois o voo logo se transforma em um rodopio. E em outro. E mais um. Começa a dançar, com piruetas suaves de bailarino. Dá saltos entre a nojeira. Ignora a miséria. Encostado a uma divisória de arame, eu o aplaudo. **●**

entrevista

MARÇAL AQUINO

RENATO PARADA

Os faroestes de Marçal



Em romance e livro de contos, após 16 anos, **Marçal Aquino** está de volta com sua potente ficção, resgatando a violência e os “dramas criminais” que o consagraram

LUIZ REBINSKI | CURITIBA - PR

O leitor de Marçal Aquino, que ficou 16 anos sem um livro inédito do autor, certamente se perguntou o porquê do longo silêncio. A resposta é simples e complexa ao mesmo tempo. Nesse período, Marçal foi “sequestrado” pela própria escrita — não a de ficcionista, mas a de roteirista de TV, atividade que exerce há anos. Ele também começou e não terminou uma novela, que em seu cronograma estaria acabada em 2021. E no meio disso tudo veio a pandemia de covid-19.

“De repente, por uma circunstância nefasta, me vi diante da assombrosa experiência que é para um escritor a disponibilidade total de tempo”, diz. Se no início o tempo de sobra assustou Marçal, ele tratou de virar o jogo a seu favor, aproveitando que a trama “desabou” em sua cabeça, num jorro. “Só tinha vivido algo parecido quando escrevi **Cabeça a prêmio**, num ‘surto’ que se estendeu por 54 dias.”

A história do policial Miguel, que se infiltra em uma quadrilha de roubo de cargas, pode-se dizer, é Marçal Aquino em sua essência: submundo, polícia, bandidos, amor, sexo, traição, drogas e conflitos de várias naturezas estão em **Baixo esplendor**. Um tipo de literatura que o próprio Marçal classifica de “drama criminal”.

“**Baixo esplendor** foi um mergulho delicioso, impossível em outras condições. Eu trabalhava em três períodos e, em mais

de uma ocasião, saí da cama de madrugada para desenvolver algo que havia me tirado o sono, sabendo que poderia dormir durante o dia, se precisasse.”

O livro é mais um capítulo de uma carreira repleta de bons momentos, a exemplo da novela — tão curta quando arrebatadora — **O invasor** e do tenso e vertiginoso **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**, cujo sucesso entre os leitores já rendeu 21 edições, passando ainda pela trama de matadores de aluguel **Cabeça a prêmio** — todos levados ao cinema em ótimas adaptações.

Este é certamente um bom momento para os leitores do autor nascido em Amparo (SP), já que a reboque de **Baixo esplendor** a Companhia das Letras publicou também uma nova edição de **Faroestes**, coletânea de contos muito elogiada e que há anos estava fora de circulação.

O livro foi publicado pela primeira vez no começo dos anos 2000 pela Ciência do Acidente, editora fundada por Joca Reiners Terron. Marçal lembra com certa nostalgia daquele período, em que “acabava de sair de dois mergulhos verticais em universos de extrema violência”, diz, ao se referir à escrita de **Cabeça a prêmio** e às filmagens de *O invasor*, longa do parceiro Beto Brant.

Um lançamento, aliás, marcado por uma discussão entre o escritor e editor do **Rascunho**, Rogério Pereira, e o autor paulista Marcelo Mirisola. Um elemento a mais para entrar na mitologia do livro, que antes mesmo do lançamento, já fazia jus ao nome dado por seu autor.

• **Em *Baixo esplendor* os dramas existenciais de Miguel guiam a trama. Sempre considere seu tipo de “romance policial” diferente por investir grande parte**

da narrativa na psicologia dos personagens, fundindo bem o “mistério” da história com uma investigação da alma. Isso faz sentido para você?

Sou grande apreciador de tramas, como leitor e como escritor. Mas, para mim, elas só surgem a partir dos personagens. Daí o cuidado na hora de perfilá-los, para entender quem são, suas motivações e até onde estão dispostos a ir para dirimir seus conflitos — porque é de conflitos que acho que falam minhas histórias. O conflito é combustível essencial em tudo que escrevo.

• **Aliás, essa classificação, “romancista policial”, soa bem para você e sua literatura? Você se vê como romancista policial ou isso limita sua ficção?**

Não me incomoda, porém não me vejo como um “escritor policial puro-sangue”, até porque não pratico o gênero em seu modo mais clássico, como, por exemplo, o Tony Bellotto e o Luiz Alfredo Garcia-Roza, que trabalham com detetives recorrentes. Não gosto muito de rótulos, mas ousaria dizer que o que tento fazer são “dramas criminais” a partir da perspectiva de personagens marginais. Dá para classificar um romance como **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios** como policial? Acredito que não, embora nesse livro estejam presentes, até de forma paródica, diversos elementos e procedimentos da narrativa policial.

• **Você costuma dizer que, nesses 16 anos de hiato entre seus dois últimos romances, nunca parou de escrever — produzindo principalmente roteiros para o cinema e a TV. Mas como foi efetivamente a produção de *Baixo esplendor*? Ele ficou “parado” por um tempo? Ou foi um trabalho de “empreitada”, em que sentou e resolveu o livro?**

Baixo esplendor foi beneficiado por uma circunstância terrível: a pandemia. De repente, me vi isolado dentro de casa de forma radical, em companhia unicamente de Tereza, 10, minha cachorrinha “salsicha”. Por problemas de saúde preexistentes, eu não podia me arriscar e me expor. Então resolvi escrever. Eu vinha trabalhando numa novela desde meados de 2018, num ritmo tranquilo, saboreando a escrita sem pressa nos momentos que os compromissos da TV permitiam. Imaginava que iria concluir o texto em 2021 — e, de repente, por uma circunstância nefasta, me vi diante da assombrosa experiência que é para um escritor a disponibilidade total de tempo. A trama “desabou” em cima de mim. Só tinha vivido algo parecido quando escrevi **Cabeça a prêmio**, num “surto” que se estendeu por 54 dias. **Baixo esplendor** foi um mergulho delicioso, impossível em outras condições. Eu trabalhava em três períodos e, em mais de uma ocasião, saí da cama de madrugada para desenvolver



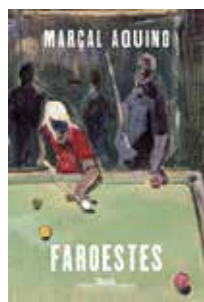
Literatura é liberdade. Se levamos a ferro e fogo, hoje em dia Kafka só poderia publicar **A metamorfose** se arranjasse o patrocínio de algum inseticida.”



Baixo esplendor
MARÇAL AQUINO
Companhia das Letras
262 págs.



Como cidadão, tenho um respeito intransigente pela expressão plena de todas as agendas sociais, políticas, de gêneros etc. Mas, como escritor, não acredito em discursos como, por exemplo, o da legitimidade do ‘lugar de fala’.”



Faroestes
MARÇAL AQUINO
Companhia das Letras
144 págs.

algo que havia me tirado o sono, sabendo que poderia dormir durante o dia, se precisasse.

• **A história se passa em 1973 e tem a ditadura como pano de fundo. Por que situar a história de um agente infiltrado em uma quadrilha de roubo de cargas nesse período e não no presente?**

Acaso e necessidade. Eu tinha escrito um longo trecho já quando me dei conta de que, até então, não havia aparecido nenhum signo contemporâneo, tipo celular, computador, internet. Entendi que era uma história de época, embora ainda não soubesse com precisão de que ano estava falando. Daí veio o trecho em que a experiência física da rua me fez falta. Não houvesse uma pandemia letal, teria sido o instante em que eu iria pra rua, como é habitual quando escrevo, para me embeber do espaço físico que me interessava. A saída foi definir o ano de 1973 como época da trama e recuperar, de memória, as ruas, os personagens, as paranoias, o clima de chumbo daquele momento histórico, enfim. Foi um período fundamental na minha vida, eu tinha 15 anos, foi o ano em que decidi que queria ser escritor.

• **Durante o período em que ficou sem publicar, muita coisa mudou no cenário literário do país. Houve um protagonismo de uma literatura mais voltada às “causas” — feminismo e racismo, principalmente. Pensando nisso, você de alguma forma se policiou para escrever o romance, já que seus personagens costumam trazer uma carga “brutalizada” da “vida real”?**

Como cidadão, tenho um respeito intransigente pela expressão plena de todas as agendas sociais, políticas, de gêneros etc. Mas, como escritor, não acredito em discursos como, por exemplo, o da legitimidade do “lugar de fala”. Se não for para escrever com absoluta e inegociável liberdade, não vale a pena, no meu caso que manuscrovo, nem abrir o caderno — ou os olhos pela manhã. Um escritor tem de ser — ou ao menos ter a ilusão de que é — o mais livre dos homens e deve escrever o que quiser. Claro que há responsabilidades e consequências a partir daquilo que cada um escreve e publica. Quando é que não houve?

• **Ainda sobre esse assunto, o cineasta Martin Scorsese nos últimos anos passou a ser criticado por fazer filmes (que sempre fez...) em que os personagens geralmente são heteros, gostam de sexo e usam drogas, com pouco espaço para mulheres entre os protagonistas nas tramas. Seus personagens também são à moda antiga, digamos. Você já enfrentou críticas por conta disso?**

Não me lembro de críticas ou restrições acerca desses aspectos específicos. Revi recentemente os contos do **Faroestes** para a reedição e não senti necessidade

de nenhum ajuste para adequação aos novos tempos. Só removemos as aspas originais que estavam sobrando nos diálogos de dois contos. Literatura é liberdade. Se levamos a ferro e fogo, hoje em dia Kafka só poderia publicar **A metamorfose** se arranjasse o patrocínio de algum inseticida.

• **Seus dois últimos romances têm em comum duas mulheres lindas que fazem os protagonistas “saírem do prumo”. Elas desestabilizam os personagens, quase como as *bond girls* nos filmes de James Bond. O sexo continua sendo “o ponto fraco” dos homens de seus livros?**

O sexo e o erotismo, a partir dos encontros amorosos, estão no centro do que escrevo. Acho o amor a única força realmente subversiva que existe no mundo, capaz de desviar pessoas de suas rotas. Então é um elemento com um potencial narrativo enorme, que eu não desprezaria nunca. Sei que é masculino o domínio em quase todos os ambientes que retrato nos meus livros. Mas não se engane: o poder de transformação, de elevação da temperatura, está sempre nas mãos de uma mulher.

• **Os chamados “crentes”, ou evangélicos, costumam aparecer com frequência nas suas histórias. Como você vê o protagonismo, principalmente de pastores, nessa última eleição? Que tipo de curiosidade esse grupo de pessoas desperta em você, como ficcionista?**

Sou ateu. Irremediavelmente. Até por isso, sinto um fascínio tremendo e um respeito muito grande pela fé das pessoas. Daí é natural meu olhar atento para esses personagens que, nas últimas décadas, assumiram um papel de relevo no dia a dia do Brasil, sobretudo nos espaços geográficos periféricos que costumam aparecer nas minhas histórias. O pastor é um integrante da paisagem real que eu não poderia ignorar.

• **Seu livro de contos *Faroestes* foi relançado agora, 20 anos depois da primeira edição. Que lembranças você tem daquele período, no começo dos anos 2000?**

Muitas (e ótimas) lembranças. **Faroestes** começou a nascer em 1999, na noite de autógrafos do livro **Treze**, do Nelson de Oliveira, que o Joca Terron estava lançando pelo selo Ciência do Acidente, um projeto editorial tão arrojado quanto informal, que já havia publicado, sempre em tiragens reduzidas, obras de alguns dos meus “malditos favoritos”, como Valêncio Xavier, Manoel Carlos Karam e Glauco Mattoso. O design gráfico do **Treze** me impactou, e não só a mim, a partir de sua capa, na qual aparece o próprio autor com o título do livro “costurado” na testa, tudo isso contra um fundo amarelo algo doentio. E mais nada. Era a primeira vez que um livro não trazia o nome do autor na capa. Pensei: quero fazer alguma coisa com o



Joca, e comuniquei isso a ele nessa mesma noite. Eu vinha trabalhando na ocasião em narrativas que obedeciam a uma unidade temática, que chamei de “prosa de confronto”, uma tentativa de dar conta do grande faroeste em que o Brasil parecia convertido naquele momento. E eu acabava de sair de dois mergulhos verticais em universos de extrema violência, um deles literário — a novela de pistoleiros **Cabeça a prêmio**, escrita num jorro, em menos de dois meses — e o outro literal, acompanhando nas quebradas de São Paulo as filmagens quase documentais do longa *O invasor*, do Beto Brant. O livro reflete um pouco esse espírito. **Faroestes** saiu em setembro de 2001, não me lembro da tiragem, mas não chegou a mil exemplares. O Joca estava publicando na ocasião sua novela *Não há nada lá* e a gente se divertiu muito num *tour* de lançamentos — fomos ao Rio, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília. Puro pretexto para rever e beber com amigos nessas cidades.

• **Os temas tratados em *Faroestes* — periferia, violência policial, pobreza e falta de perspectivas a jovens — são meio que “universais” no Brasil, não envelhecem e estão sempre em pauta. Se fosse reescrever o livro, atualizando-o para os dias de hoje, como ele seria? Mais ou menos “pesado”?**

Como disse, não mexi nos contos, não me pareceu necessário. A maioria continua me agradando pelo que consegue me dizer. Se olharmos para o faroeste do real, porém, muita coisa mu-



Acho o amor a única força realmente subversiva que existe no mundo, capaz de desviar pessoas de suas rotas.”

dou, e sempre para pior. O nível de organização do crime, por exemplo, é incomparável. Vista de longe, a morte era meio artesanal no universo do crime de duas décadas atrás. Seria outro livro, certamente.

• ***Faroestes* é festejado por muitos leitores e críticos como uma das mais importantes coletâneas de contos das últimas décadas. O que há, para você, de mais forte neles, que cativa os leitores?**

Não saberia dizer. Como acontece com meus livros de contos depois de algum tempo, gosto mais de algumas narrativas do que de outras. Me parece normal. Os textos que aprecio mais são aqueles que não se degradaram tanto no trajeto entre a imaginação e a página do caderno. Em geral, uma distância enorme, que às vezes custa a alma da ideia original que nos levou a enfrentar a página em branco.

• **Num dos contos mais interessantes do livro (*Dez maneiras infalíveis de arranjar um inimigo*), você escreve instantâneos em que situações tensas acam os personagens. Apesar de curtos, os textos envolvem o**

leitor. Esse é o segredo da boa literatura, criar um vínculo forte com quem está lendo?

Penso que, em primeiro lugar, livro é fruição, deve proporcionar prazer. Mas deve também propiciar algum tipo de experiência de mundo a quem lê. Porém nunca pensei que escrevo para agradar a algum leitor que não seja eu mesmo. Quando algo que escrevo me satisfaz a ponto de querer compartilhar com alguém, então publico. Acho que minha régua é essa.

• **Muitas pessoas preferem sua produção no conto em relação romance (tal como Paulo Roberto Pires, que escreve o posfácio da nova edição de *Faroestes*). Como o romancista fica quando escuta esse tipo de opinião?**

Não é uma coisa sobre a qual tenho absoluto controle. Depende do que há para contar. **Cabeça a prêmio** nasceu como conto e acabou virando uma novela de mais de cem páginas. A trama de **Baixo esplendor**, por suas possibilidades, jamais caberia num conto.

• **Ouvi mais de uma vez você dizer que no Brasil os leitores compõem uma “seita”, por serem tão poucos... Ainda pensa assim ou o cenário melhorou?**

Acredito que há mais gente lendo — da pandemia para cá, é público que o mercado passou por um aquecimento, como atestam as próprias casas editoriais. Ressalve-se que ficção é apenas um dos componentes desse mercado. E para além do arcaico (e

insuperável) livro físico, hoje tem a internet, que abre um canal muito vasto, quase insondável, para a circulação do que se escreve.

• **Com o país fraturado, parte substancial dos escritores brasileiros vem se posicionando em relação à situação atual, especialmente durante as eleições presidenciais. Por outro lado, há autores que preferem “não misturar” as coisas. Ou seja, arte de um lado, política de outro. Em que grupo você está?**

Acredito que não é possível separar uma coisa da outra. Cresci durante uma das ditaduras mais ferozes e restritivas que oprimiram este país, quando literatura quase virou alegoria. Posso ser tudo, menos incauto. Só acho que livro não deve ser púlpito ou tribuna, sob risco de enfado. O processo é mais sutil.

• **Hoje parece que o mundo conspira contra a literatura. Há tantas distrações: streaming, redes sociais, opções infinitas na vida online e offline. Diante disso, que motivos as pessoas têm para ler literatura, uma atividade que exige esforço, contemplação e certa disciplina?**

Estou convencido de que sempre vai existir no mundo gente interessada em livros, e livros estão sempre expostos a interações inesperadas. Se pensarmos em obras como **O senhor dos anéis**, **Game of thrones** e **The handmaid’s tales**, não acaba soando irônico que, a despeito do brutal volume financeiro investido em criação, alguns dos grandes sucessos recentes dos serviços de streaming tenham nascido de matrizes literárias?

• **Rubem Fonseca, Sérgio Sant’Anna e Lygia Fagundes Telles morreram. Dalton Trevisan se aposentou. Como vê o futuro do conto sem esses autores que ajudaram a consagrar o gênero?**

A excelência da obra desses escritores — e mais alguns que tomo a liberdade de incluir aqui, como J. J. Veiga, Luiz Vilela, João Antônio, Domingos Pellegrini, Caio Fernando Abreu e Ignácio de Loyola Brandão, entre outros — vai permanecer aí, iluminando o caminho dos novos contistas, num processo natural de renovação.

• **Como acha que será o futuro breve do Brasil?**
Espero que chegue em algum momento. 🗣️

Livro de poesias celebra o Parque Barigui, cenário da vida de tantos curitibanos

“Pedacinhos coloridos que ficaram”, de Renato Geraldo Mendes, reúne poesias e fotos do maior parque de Curitiba

O icônico Parque Barigui foi o local escolhido pelo advogado e escritor Renato Geraldo Mendes para praticar suas caminhadas matinais durante a pandemia. Todos os dias, enquanto caminhava, anotava pensamentos, rimas e versos que surgiam naturalmente. Durante o trajeto, também passou a observar e a fotografar a natureza e suas constantes mudanças de acordo com cada estação do ano.

A união de 150 dessas fotos e 171 poesias resultou no livro “Pedacinhos coloridos que ficaram”, uma obra de 285 páginas, que retrata sentimentos e proporciona reflexões por meio da sensibilidade da poesia. “Viver é se permitir, é sentir o que há de melhor em cada um de nós. Este livro é uma homenagem aos melhores sentimentos que possam nascer dentro de nós e, também, um presente a Curitiba e a um dos ícones de nossa cidade: o Parque Barigui, onde tantos curitibanos caminham, correm, pedalam e passeiam todos os dias”, destaca o autor.

Natural de Tubarão (SC), Mendes adotou Curitiba para viver há mais de 40 anos. É autor do projeto “O homem que lia almas”, uma trilogia literária que trata de uma incrível jornada pela alma e essência humanas. O primeiro livro da série, chamado “Confissões e impressões sobre a nossa existência”, foi lançado em 2020. Em 2021, foi a vez de “O sentido da vida e da existência”. O terceiro livro está em fase de edição.

Agora no final de 2022 está lançando “Pedacinhos coloridos que ficaram”, que não integra a trilogia, mas faz parte do contexto da série literária. O livro já está disponível nas Livrarias Curitiba, na Livraria da Vila e na versão Kindle na Amazon.

SERVIÇO:

Livro “Pedacinhos coloridos que ficaram”

AUTOR **RENATO GERALDO MENDES**

Editora Casa 10

285 páginas

Preço R\$ 69

Onde comprar:

Livrarias Curitiba



Livraria da Vila



Amazon



TRECHOS PARA DEGUSTAR:

Saudade

Hoje caminhei com a saudade.
Não disse palavra alguma.
Apenas pensei nela.
Depois, quando estava indo embora,
senti que uma lágrima rolou.
Acho que foi a saudade que ficou.

Foi maravilhoso

Ela perguntou:
O que foi maravilhoso?
Ele respondeu:
Ter caminhado
com você na chuva
sem perceber
que estava chovendo.

Primavera

Nossos caminhos
sempre foram diferentes,
até que se cruzaram.
Foi um momento mágico.
Aquela rotina habitual
deixou de ser apenas
mais um dia e se tornou
algo especial.
Alguns meses se passaram,
e a estrada que parecia sem vida
de repente se floresceu,
parecendo que a primavera
esqueceu que era abril.

Último desejo

Se eu pudesse perpetuar
algo que vivemos,
eternizaria o último abraço,
o último olhar
e o último desejo.
Só não guardaria
as lágrimas que deixamos
para chorar depois.

Amores e amores

Verdadeiros amores
nunca têm fim.
Relações conjugais
ou casamentos
é que acabam.

Praia brava

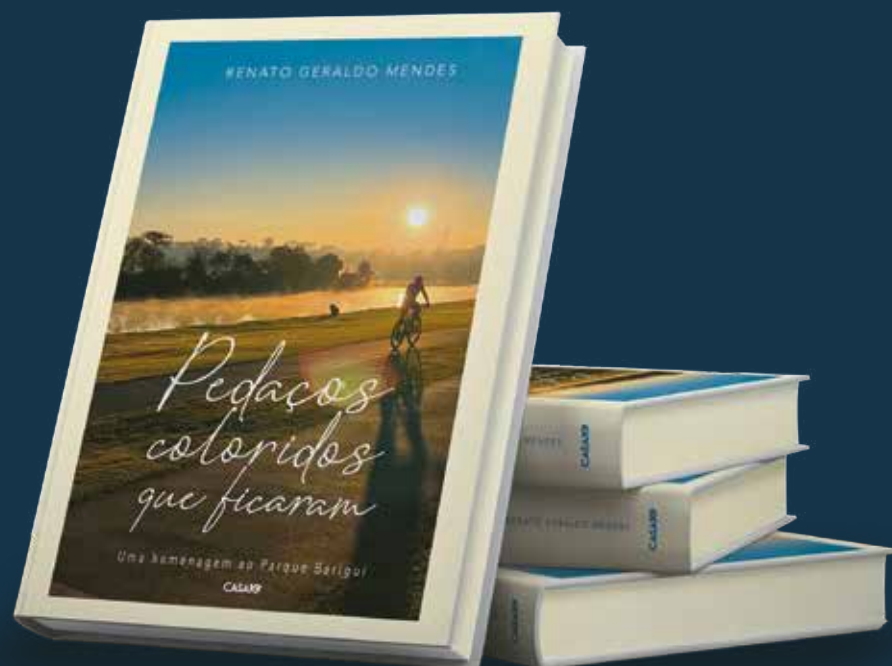
Amor é a paixão
que foi domada.
O amor é muito bom,
mas a paixão
é extraordinária.
O amor é praia mansa,
a paixão é praia brava.

Subocada

A pior dor
não é aquela
que é sentida,
a pior dor
é aquela
que não dói mais.

Surpresa

Por que você
me deixou entrar
em seu coração?
Porque você
não bateu
antes de entrar e,
por isso,
me pegou desarmada,
sem meu escudo
e minha espada.



Acompanhe
no instagram:

@ohomemqueliaalmas



ROGÉRIO FERNANDES



Maternidade hostil

A filha primitiva leva o leitor a desconstruir a maternidade como um fenômeno instintivo, natural e inerentemente positivo

ANA CRISTINA BRAGA MARTES | SÃO PAULO - SP

A filha primitiva, de Vanessa Passos, tem a coragem de expressar o ódio e a revolta diante da precariedade material da vida, do acaso sabotando sonhos, da fragilidade e do aprisionamento dos laços de família. A avó, que não queria ter sido mãe, e a filha, que não queria ter repetido a mesma sina, se vêm diante de um bebê e de um passado silenciado até então.

Cenas cotidianas delicadas e brandas entre mães e filhas, tão reiteradas no imaginário social quanto na literatura, são colocadas em xeque neste livro que induz o leitor a desconstruir a maternidade como um fenômeno instintivo, natural e inerentemente positivo.

Passagens marcantes destacam a rudeza no lugar da ternura do aleitamento, a hostilidade no lugar da paz que uma mãe encontraria ao ver o filho adormecido.

A história se passa no Ceará e abarca três gerações de mulheres negras: avó, filha e neta (não nomeadas), que correspondem às três partes do livro. Mas é a filha quem está no centro da trama, puxando o fio condutor do enredo para descobrir quem é seu pai. O livro aborda um tema atualmente caro às feministas que contestam a existência de um instinto maternal e que inserem a maternidade em meio à batalha cotidiana dos afetos, do poder e da moralidade.

A destino e o acaso

A avó tem a convicção religiosa de que ter uma filha mãe solteira é culpa dela, que abriu este caminho. A filha, por sua vez, não expressa convicção alguma, sua postura diante da vida é de descrença, um tanto faz movido pelo acaso, como, por exemplo, sua gravidez. Ela engravidou de uma pessoa a quem sequer desejou de verdade. Mas até conhecê-lo a raiva tinha sido o único sentimento que ela nutria pelos homens. Por ele, ela sentia dó, o que nada tem a ver com compaixão ou empatia, mas com desprezo, um sentimento de superioridade: “o cara não parecia nada inteligente e tinha um olho de peixe morto que causava pena”. Resolveu, então, experimentar. Estavam na sala e a mãe tinha saído. Foi só uma vez, menos de três minutos dentro dela.

No mundo duro, fechado e hostil vivenciado pela protagonista, algumas fendas se abrem: dó e desprezo, não apenas pelo pai da sua filha mas também pela própria mãe. O despreço pela mãe é justificado pelo fato de esta se negar a revelar quem é o pai. Mas a filha chegou à pós-graduação, é professora e convive com a classe média branca, enquanto a mãe é uma mulher pobre, empregada doméstica e analfabeta. Esta assimetria pode levar o leitor a supor que o desprezo seja também decorrente da posição social “inferior” que a mãe ocupa, e que a filha racionaliza mas não ignora.

A violência

A história de vida da avó, empregada doméstica, é um testemunho de racismo, escárnio dos patrões e vários tipos de assédio. A filha, com a ajuda da mãe, consegue entrar na faculdade e depois na pós-graduação. Na vida dessas mulheres quase não há espaço para homens sensíveis ou amorosos e nem patrões com algum senso de justiça. São vidas marcadas pela violência, às vezes aberta, outras vezes sutil até nos detalhes, violência que a protagonista replicou na sua relação com a filha, já antes do nascimento:

A menina chutou de novo, uma pontada fina no pé da barriga. Soquei a barriga de volta. Os chutes pararam. Tudo calmo. A menina quietinha, queria sobreviver.

Indo e vindo no tempo, o enredo vai tomando forma nas lembranças da infância, da faculdade, do trabalho, do parto, dos abusos sofridos por ela e pela mãe. As ações que se sucedem são intermeadas com diálogos, reais e imaginários da protagonista com a mãe, o bebê, e o professor, um homem bem mais velho, decadente e alcoólatra, com quem mantém um relacionamento. Fragmentos de memória são registrados no papel, na tentativa de construir sua própria história. Escrever é também um modo de agarrar a vida que escapa por entre os dedos.

Ambivalência e ambiguidade marcam ações e afetos. Mas ela não se dá conta de que o desprezo



A filha primitiva

VANESSA PASSOS
José Olympio
174 págs.

A AUTORA

VANESSA PASSOS

Nasceu em Fortaleza (CE), em 1993. É doutora em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC), fez pós-doutorado em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e é professora de escrita criativa. Com

A filha primitiva, venceu a sexta edição do prêmio Kindle de Literatura. Publicou ainda o romance **A mulher mais amada do mundo** (Luazul, 2020).

pela mãe e a maneira como concebe o bebê na sua vida ajudam a reproduzir a estrutura social injusta que ela mesma critica. Para ela, seu bebê tem uma função meramente instrumental. Ora a impede de atingir seus objetivos, ora é útil para alcançar suas aspirações, como por exemplo, a vontade de escrever:

A menina brincava na cama desprotegida, sem travesseiros. Eu não estava preocupada se ela ia cair, se ia se ferir, ou até perder a vida. Pensei no nascimento das palavras...

A raiva por ter tido uma filha indesejada marca a assertividade da voz do narrador, mas deixa uma pequena fresta para que a protagonista procure, quem sabe, algum tipo possível de amor: “Não sei se quero que ela pare de mamar. Dar o peito é o único carinho que sei”. Contudo, o leitor que não se engane, ainda que do peito saia o leite que alimenta a filha, dele também escapa o sangue depois da mordida pelo bebê. A filha primitiva é também uma filha desterrada que vai dar aula em outra cidade para tentar fugir da família, reinventar sua vida e ter alguma liberdade de escolha. Uma história de interditos e abandonos, mas também de buscas e tentativas. 🗨️

A loucura, um cão e a falta do pai

João Maria Matilde, romance de Marcela Dantés, investiga o sofrimento psíquico e a ausência paterna

STEFANIA CHIARELLI | RIO DE JANEIRO - RJ

Em **Quincas Borba** (1891), de Machado de Assis, Rubião recebe como herança a fortuna de Quincas Borba, com a condição de que cuide de seu cachorro, cujo nome era o mesmo do dono. No entanto, o modesto professor primário herda, além do dinheiro, a loucura do amigo, dissipando o capital ao sustentar diversos amigos parasitas. O romance traz um desenlace comovido e genial, em que, no ápice do delírio, o herdeiro acredita ser o imperador Napoleão III. Morre pobre e louco, abandonado pelos falsos companheiros, percorrendo, na companhia do cão e debaixo de chuva, as ladeiras de Barbacena.

A investigação de estados alterados da mente foi questão cara ao bruxo do Cosme Velho, que antagoniza “razão contra sandice” em muitas de suas obras, a exemplo do conto *O espelho* e da novela **O alienista**. Muitos de seus personagens, como Simão Bacamarte, Brás Cubas e Bentinho, em algum momento da trama passam por algum desequilíbrio ou mesmo enlouquecem, evidenciando a tênue fronteira entre loucura e sanidade. Essa ameaça constante — a sensação de que um fio de cabelo separa uma situação da outra — sustenta muitos momentos de sua prosa, que investiga a identidade como um dos problemas fundamentais, como afirma Antonio Candido. A obra machadiana gira, de acordo com o crítico, em torno da pergunta “Quem sou eu?”.

“Eu só não queria que pensassem que eu estava louca. Estava?” A indagação constitui o eixo do belo **João Maria Matilde** (2022), de Marcela Dantés. Mais de cem anos a separam das narrativas de Machado de Assis, mas elas se encontram unidas pela presença de personagens desequilibrados, criando uma contiguidade entre esses destinos marcados pela frágil saúde mental. No romance, Matilde Belo tem 38 anos, um relacionamento estável com o namorado Abel e um trabalho como tradutora de inglês e espanhol. Há algum tempo, a mãe adoeceu com o mal de Alzheimer, já não reconhece a filha e vive em uma casa de repouso. Matilde nunca conviveu com o pai, figura sobre quem possui escassas informações. Somada a isso, a luta da protagonista é enfrentar os próprios demônios, lidando desde a adolescência com várias questões psiquiátricas: “Deixo livre quem está comigo, porque só coexiste com a minha mente quem quer”, alerta. Um telefonema informando a morte do pai em Portugal a convoca para a leitura do testamento e traz um ponto de virada no romance, dando início à jornada para compor o retrato possível do pai ausente.

Matilde decide então viajar sozinha para a pequena vila medieval em que o pai nascera, caracterizada por ruas de pedra e uma muralha histórica. Ali, a personagem se instala em um hotel que se assemelha a um claustro, e passa a ter sucessivos encontros com o advogado Pedro Cruz e sua mulher Rute, ambos amigos da família. Só então compreende que herdara não somente o dinheiro paterno, mas também sua instabilidade mental. Renascer em Portugal às vés-

peras dos quarenta anos passa pela consciência de estar finalmente diante do segredo a respeito do desaparecimento do genitor, ligado à impossibilidade de se manter emocionalmente estável, uma vez que a esquizofrenia estabelecera uma rotina de internação, medicamentos e medo dos surtos. Entrar em contato com essa verdade traz certa libertação, mas também grande sofrimento.

Modo certo

Uma das virtudes da escrita de Dantés é nomear a enfermidade psíquica de modo certo, mas com toques de ironia. Dentro do peso dessa história, a autora recorre por vezes à metalinguagem, expediente eficiente para esvaziar o que poderia facilmente desandar em tom piegas: “Essa história dava um livro, mas merecia uma heroína melhor do que eu. Alguém estável, com vista boa”. A sagaz autoconsciência e a capacidade de rir das próprias mazelas torna o texto mais saboroso. Afinal, como afirma a narradora, trata-se do clichê da filha em busca do pai (um defunto, uma ausência, um drama), mas a escritora se equilibra bem ao evitar o registro lacrimogêneo apostando na possibilidade de se distanciar para ver melhor.

Não à toa surge a menção ao fato de estar sem óculos, sendo incapaz de enxergar como deveria. Isso fica evidente na própria viagem para Portugal, momento em que a ansiedade diante do desconhecido e o pânico do avião se transformam em pretexto para a análise do próprio desconforto:

A comida indigesta, a circulação comprometida, a boca seca. O pânico iminente, o pânico mas, sobretudo, as pessoas. Desconfio que as pessoas mostram o pior de si numa viagem (...).

A não compreensão sustenta belas passagens do romance; Matilde é uma tradutora, alguém que lida com palavras e reflete o tempo todo sobre a linguagem. No entanto, Portugal traz sensação permanente de angústia, lu-

A AUTORA

MARCELA DANTÉS

Nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1986. Publicou a coletânea de contos **Sobre pessoas normais** (2016) e o romance **Nem sinal de asas** (2021), finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti, na categoria Melhor Romance Literário. Em 2016, foi autora residente no Festival Literário Internacional de Óbidos (Folio), em Portugal.



DIVULGAÇÃO

gar de pertença do pai e de não pertencimento da filha: ela escuta uma língua que é sua, mas falada de forma a soar estrangeira, prosódia na qual não se reconhece. A língua paterna é estranha; a materna, familiar. O primeiro morreu e a segunda alienou-se na doença, uma morte em vida.

O próprio título evoca a incapacidade de distinção entre os nomes do pai, João Maria, e o da filha, Matilde. Onde começa um, em que ponto termina o outro? Distinguir, separar-se, constituir uma unidade autônoma, todas são questões prementes para a jovem cujo pai sempre foi um fantasma no passado da mãe carinhosa que proveu suas necessidades. Mas o vínculo com a lucidez é batalha antiga e permanente, “uma sucessão de delírios e tardes enevoadas”, afirma.

A pergunta definitiva sobre a própria identidade na tradição literária fica evidente, muitas vezes, na perspectiva de um animal sobre o humano. Vem da **Odisseia** a célebre cena em que o cão Argos surge como único a reconhecer Ulisses após vinte anos, no retorno a Ítaca. Apenas ele percebe o que todos ignoram. Maltratado, velho e cansado, morre aos pés do guerreiro após o reencontro. Em **João Maria Matilde**, um eco dessa presença se manifesta na figura canina cumprindo função narrativa determinante: Bitoque, espécie de hóspede honorário do hotel, passa a acompanhá-la dia e noite, em inexplicável sintonia que culmina na constatação da impossibilidade de se separar dele.

Na **Odisseia**, assim como em **Quincas Borba**, o cachorro, apesar de tratado com displicência, segue fiel ao dono, mostrando-se seu amigo mais verdadeiro. Em Dantés, também o animal parece o único a se insinuar de modo definitivo na vida da protagonista após a viagem a Portugal. Aquela que vive da escolha criteriosa de palavras encontra em Bitoque uma comunicação que prescinde delas. Nessa equação complexa, herda-se a instabilidade emocional e o dinheiro paterno. Tal legado indigesto de-



João Maria Matilde

MARCELA DANTÉS

Autêntica
158 págs.

TRECHO

João Maria Matilde

Estar aqui era uma dor constante, uma aflição eterna, e eu só pensava que precisava acabar. Eu tinha uma vida boa, uma família unida (faltava o pai, mas já havia aprendido a viver com isso), bons amigos, planos para o futuro, até ambição. E ainda assim, de um dia para o outro, ficou impossível botar a cara no mundo, impossível viver, os riscos eram grandes demais, meu coração acelerado me dava a sensação de que meu peito podia explodir. E se o peito explode, deve ser uma bagunça feia de se ver.

ve agora ser incorporado por Matilde, ciente da reversibilidade dos afetos e da impermanência dos estados de espírito: “Eu tinha medo, mas isso não era nenhuma novidade”. O olhar amoroso do cão será talvez o frágil fio a sustentar a jornada em direção à nova vida por construir. **1**

 **alcir pécora**

CONVERSA, ESCUTA

MINIRRESENHAS PARA DESCONCERTO & FUGA

Era tanto o meu nervosismo durante a apuração das eleições, que fui incapaz de permanecer olhando para a TV. Fugir para onde? Como baixar o batimento cardíaco que parecia repercutir nas pálpebras e nos ouvidos? Sem saber como escapar da tensão, fui automaticamente para o lugar onde passo os dias, o escritório. Dei uma olhada nos arquivos do computador para conferir os trabalhos por fazer, resenhas, pareceres para revistas e agências de fomento, relatórios de alunos etc. — vários deles com *deadlines* estourados. Quem sabe o dever me tirasse do meio do redemunho, ao menos por algumas horas.

Foi quando me deparei com um arquivo *word* com anotações esparsas de várias resenhas que comecei a fazer e acabei abandonando a meio. Comecei a trabalhar nas que me pareciam mais arrumadas. Não muito depois, dentro e fora de casa, as pessoas gritavam, de pura alegria e desafogo. O fascismo bolsionarista havia sido cabalmente derrotado, a despeito do jogo sujo que fizeram durante quatro anos, de que não foi exceção o próprio dia da eleição.

Voltei à TV a tempo de ouvir o vibrante discurso de vitória de Lula na avenida Paulista, acompanhado pelos gritos da multidão que não sei se mais o aclamavam ou lhe pediam cuidados. Três dias depois, quando os golpistas e arruaceiros já começavam a desobstruir as vias e enfiar a bandeira no saco, voltei ao computador para ver o que havia escrito naquelas horas fatais de que pouco me lembrava.

Encontrei prontinho um documento com as seis minirresenhas abaixo. Se não fizerem sentido, já sabem o sentido que tinham: o de ordenar coração, cabeça e estômago em meio ao caos e à violência dos tempos que correm.

Nunca houve tanto fim como agora,

de Evandro Affonso Ferreira

Caderno de memórias em primeira pessoa escrita por um professor, que reinterpreta, com referências clássicas, frases sincopadas e vocabulário precioso, o seu tempo de menino de rua. Ao seu lado, enfrentando a vida miserável ao relento e a indiferença das pessoas da cidade, havia um saudoso casal de amigos fiéis. O relato da vida ínfima e desgraçada dos garotos é feito paradoxalmente em registro alto, solene, mas quebrado pelo viés cômico. A mescla produz um equilíbrio precário de horror e lirismo, ajustado ironicamente a uma existência absurda, que também inclui memória inventada e apologia da literatura. A literatura, de resto, é a protagonista do livro, entendida como um nexos imaginário e melancólico entre a dureza da miséria e a ornamentação da linguagem.



Ilustração: Tereza Yamashita

A jaca do cemitério é mais doce,

de Manuel Herzog

História de um operário que manda assassinar a mulher que o traía, e que, depois disso, mantém em casa uma compostagem aparentemente alimentada com o corpo da mulher morta. Os eventos são registrados num diário em que o protagonista confessa a culpa pela morte dela e do amante. O tom geral é agrídoce, tendo Dalton Trevisan como matriz bem reconhecível sobretudo pelo emprego da frase curta e elíptica, com acentos perversos e pitorescos da vida de classe média baixa. O processo progressivo de alucinação do protagonista é construído com sutileza e humor, sendo impulsionado pela cabala, pelas lembranças judaicas da tia e da mãe da mulher, assim como pelas contradições do convívio familiar.

Correr com rinocerontes, de Cristiano Baldi

Narrativa em primeira pessoa, com registro informal, mas cínico e intelectualizado, de um estudante gaúcho que, às vésperas de defender o mestrado em literatura na USP, volta a Porto Alegre para acompanhar o caso escabroso da mãe, a qual, vivendo em estado vegetativo numa clínica, fora estuprada junto com outros pacientes. Ao lado dos avós e da namorada paulistana, o estudante relembra a vida em família, desde a infância — com destaque para a beleza e gentileza da mãe, bem como para o iluminismo do avô, sempre contido nas piores situações —, até quase o final quando a polícia admite não ter pistas do agressor. O traço emocional do relato é obtido por meio do contraponto entre a violência sofrida pela família e os comentários sarcásticos do narrador, atravessados pelas sessões de sexo oral com a namorada.

Outro lugar, de Luis S. Krausz

Relato de memórias e de viagens de um rapaz de ascendência judaica, cruzando diferentes temporalidades e espaços: desde o tempo dos antepassados austríacos até o último governo da ditadura militar e o início da Nova República. A narrativa é conduzida por fluxos de memória entre São Paulo, onde se criou, e Nova York, onde vai estudar na Columbia University. Nas suas lembranças, a personagem mais cara é de um amigo de infância talentoso, que padece de tuberculose óssea, e se revela grande apreciador de fotografias que registravam a emergência da megalópole paulista. Nos momentos iniciais, a narrativa memorialista avança sem pontos finais, como num jorro, mas depois se torna mais convencional. No todo, predomina a memória étnica da fuga dos judeus diante de diversas perseguições históricas. Há alguma rigidez na composição das personagens e maior habilidade no uso da descrição (*ékfrasis*) das fotos de época.

A noite da espera, de Milton Hatoum

Relato memorialista, em forma de diário, sobrepondo dois tempos da vida de um rapaz de classe média paulista. O primeiro se passa entre 1968 e 1972, indo desde a separação dos pais em São Paulo, até a mudança com o pai para Brasília, onde cursa a UnB, entra para um coletivo de teatro e uma revista literária. Aí acompanha o famigerado processo de intervenção e invasão da Universidade, ao lado de amigos de diferente origem, classe e destino, que se dividem entre a militância e o desbunde leve. O segundo período, menos desenvolvido, passa-se em 1978, quando o protagonista se encontra no exílio em Paris e aplica-se a remontar o diário dos anos em Brasília, sem jamais ter revisto a mãe. A narrativa é convencional, com notas banais e didáticas sobre os acontecimentos de época; por vezes, ganha mesmo certo tom pitoresco, como num episódio envolvendo o futuro presidente Collor. (Acrescento que a esse volume seguiu-se um segundo de mesmo assunto, que resenhei para a *Folha de S. Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/milton-hatoum-falha-ao-ser-literario-demais-em-novo-romance.shtml>)

Pretérito imperfeito, de B. Kucinski

Relato do pai de um filho adotado e dependente químico a respeito das habituais mentiras, roubos, internações e demais problemas com as quais teve de conviver por anos. A sequência de decepções do pai culmina na decisão de romper com o filho e lhe escrever a carta que dá início à narrativa. A sucessão de eventos desastrosos é suspensa apenas ao final do relato com o aceno de uma reconciliação, já com o filho trabalhando na Jordânia, aparentemente livre das drogas. Os capítulos são curtos, a escrita é convencional, com incorporação de explicações didáticas de médicos e intelectuais que trataram de casos de dependência. O relato tem ares de autoficção com algum ranço de autoajuda, embora mitigada pelo tom duro e pouco esperançoso. ●

LANÇAMENTO

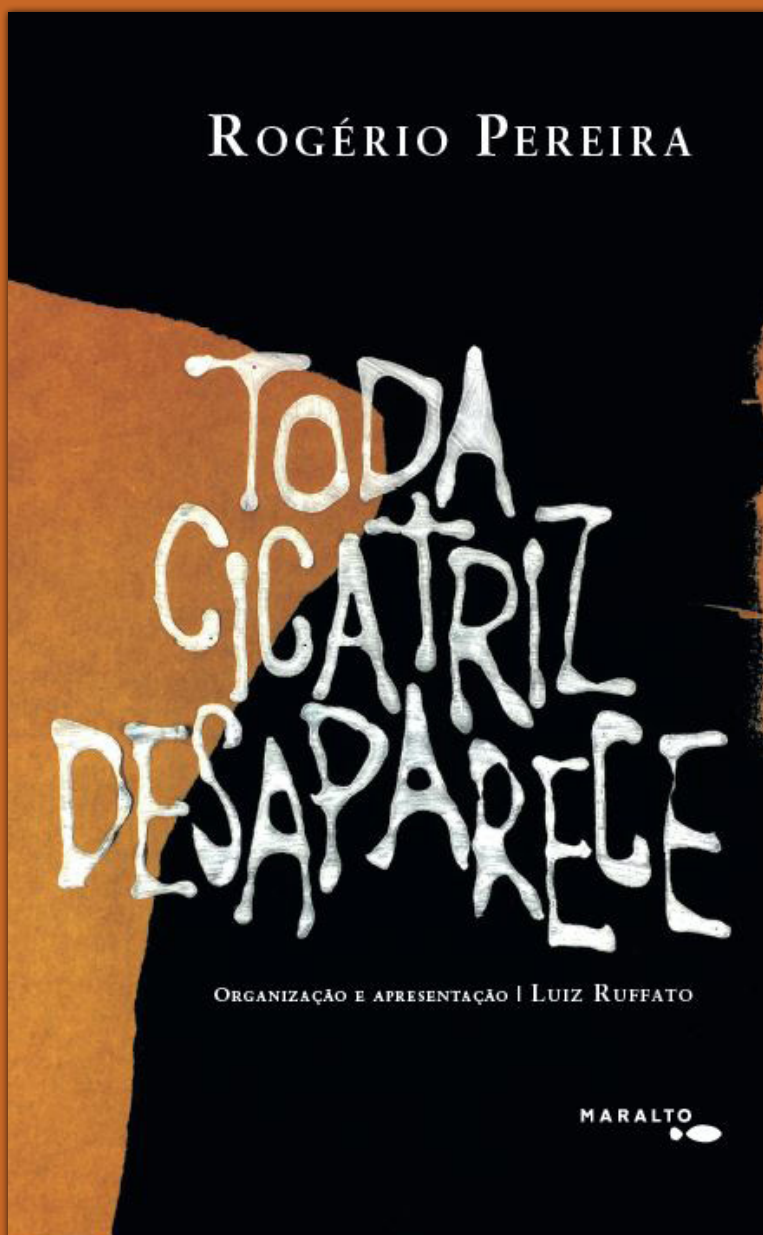
MARALTO
EDIÇÕES



COMPRE
NO SITE DA
EDITORIA

“Rogério Pereira é da família dos escritores que estão sempre remexendo suas próprias feridas, que, singulares em sua manifestação, transformam-se, por conta da linguagem, em experiências comuns a um enorme contingente de pessoas. Pereira nos fornece um texto único, profundo, lírico, atemporal, que nos arrebata e comove, sem nunca ser piegas.”

Luiz Ruffato – organizador



“Carregamos todos várias marcas. Tenho uma cicatriz enorme na perna direita. O pai ostenta algumas pelo corpo — um pedaço de lenha a voar do machado, um coice de um cavalo vingativo. A mãe tinha um corte que se estendia pela sola do pé esquerdo. Meu irmão já despencou algumas vezes do telhado onde tenta ganhar a vida. Mas não há com que se preocupar: nenhuma cicatriz resiste à morte.”

O sono dos humildes, de Alexei Bueno, vencedor dos prêmios Biblioteca Nacional e Candango (Brasília), é substancial tanto em seu aspecto material, com 123 poemas, quanto estético, apresentando uma poética rica, formalmente bem construída, utilizando métricas, rimas, rítmicas, com imagens perfeitas e bem-acabadas sem deslizes, e com ideias e conceitos que equilibram com doses afiadas o vinho do lirismo com o cálice do cerebralismo. Sem titubear ou gaguejar literariamente, sua poesia é uma das melhores produzidas atualmente no Brasil.

Na orelha assinada pelo também poeta Iacyr Anderson Freitas, impactaram-me as primeiras frases: “Para um camoniano convicto como Alexei Bueno — responsável, inclusive, por uma das melhores edições comentadas d’**Os lusíadas** em nosso país, a implacável passagem do tempo e a contínua transformação de tudo serão sempre temas de primeira grandeza”. No prefácio, a cargo de Wagner Schadeck, encontramos o cerne daquilo que compõe mais organicamente a coletânea: “Incorporado aos temas característicos da obra de Alexei Bueno, como a herança helênica ou a contemplação do Rio de Janeiro, em **O sono dos humildes**, reconhecemos o desenvolvimento, por certo, imposto inconscientemente ao poeta, do tempo da esperança”. E este tempo seria o entrelugar, o espaço entre um tempo e outro, um vazio a ser preenchido ou não, entre a transitoriedade do tempo Cronos e o instante da eternidade de Kairós.

O poema de abertura, *Episódio*, já nos revela aquele traço simbolista mallarmaico, a estética da sugestão que se desdobra infinitamente a partir de uma antecipação que se esconde nas dobras dos versos:

*Um muito pequeno inseto
Pousou no balcão do bar.
Informe, incolor, abjeto,
Um nada, uma nódoa a andar.*

Na palavra “pequeno”, no primeiro verso, o moto-contínuo propulsor do poema que desencadeará a reflexão sobre a insignificância frente a temeridade da vida que explode no último verso da primeira estrofe. E continua:

*Com um copo sujo esmaguei-o
Ao vê-lo imóvel, extinto,
Que estranha impressão me veio,
Que absurda dor, e ainda a sinto.*

Nota-se a artesanania do poeta a trabalhar o real, o cotidiano, as cenas da vida sublimemente e com toda a admiração filosófica com reflexões que atingem dimensões do real, descolando-se dele, como as asas de um inseto ferido, tangenciando o inefável, na sua busca pelo absoluto. Mas a abstração, por outro lado, se desmancha, se dissolve, pela sensibilidade da vida, e o sentir e o pensar se adornam com o verbo enigmático da poesia pura. Temos assim, paradoxalmente, uma metafísica do corpo, pois aqui se conjugam, o tempo da ação e o tempo do pensamento, o ato, o fato, se tornam digressões do eu-lírico.

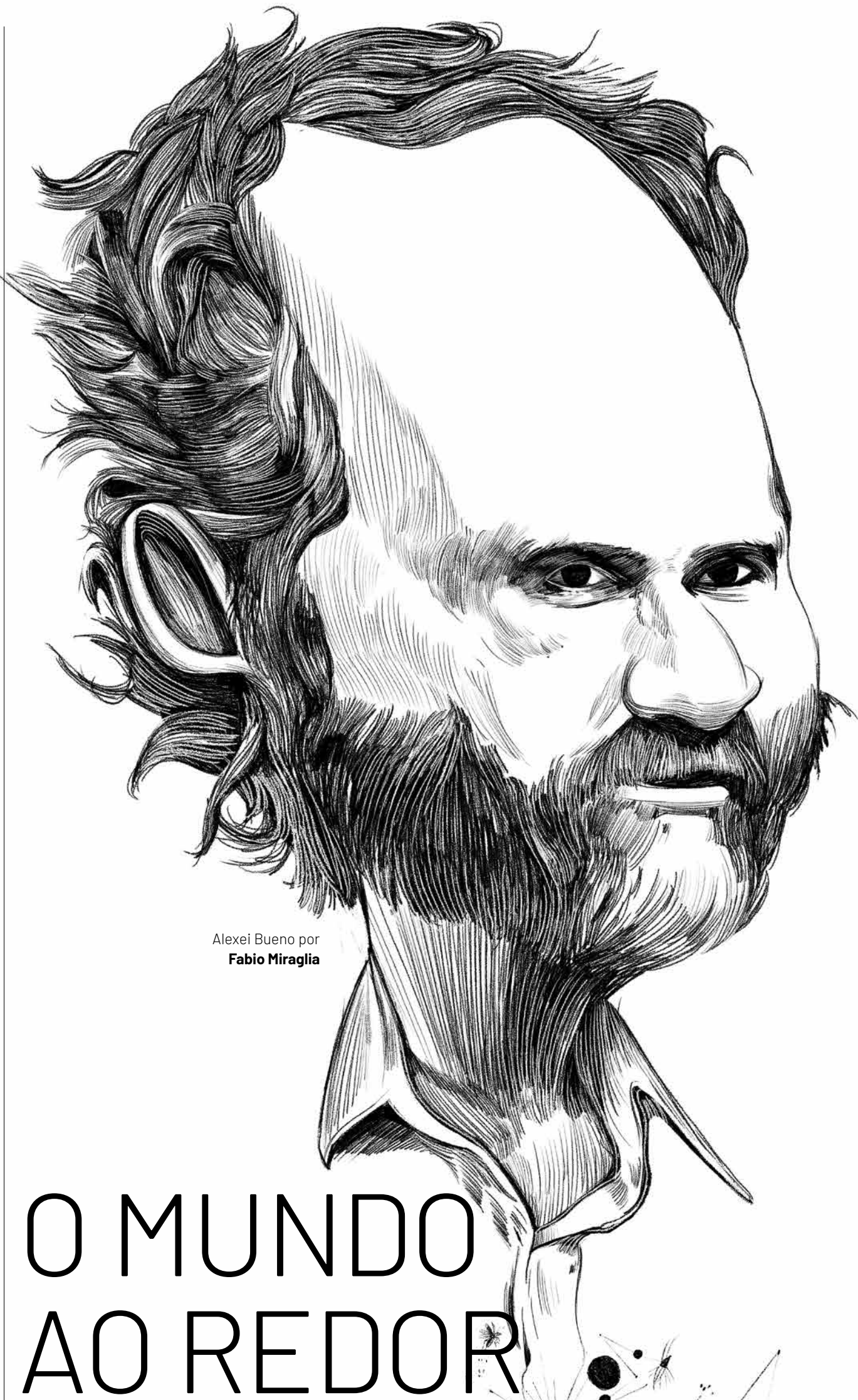
Do pequeno e fragmentário se atinge o todo, dissonante que se perdeu com o véu do tempo dissonante:

*Mas vi que ele se mexia,
Nem sei qual parte. Elas, juntas,
Nada eram. No entanto eu via
Nelas a vida, ex-defuntas.*

Nestes versos repousam a máxima humanidade do poeta, as palavras, os versos são imantados pela real Pedra de Bolonha, da energia literária, ou seja, isso que movimenta, que abarca o todo, toda a *physis*, a vida que pulsa e que retorna por um gesto, que anuncia uma expectativa das horas, de um novo instante, como uma esperança de um sopro de vida, a unidade de tudo que nos circunda. Um ato se transforma, se transubstancia pela hóstia epifânica da iluminação vital, quase um lampejo de um *sanyasi*, em seu estado de êxtase meditativo ou *samadhi*, frente à transitoriedade líquida do tempo.

Na penúltima estrofe continua:

*Com o mesmo copo animei-o —
Com a borda —, ele se mexeu
Depois andou, com receio,
E, súbito, ei-lo no céu.*



Alexei Bueno por
Fabio Miraglia

O MUNDO AO REDOR

O sono dos humildes, de Alexei Bueno, é poesia necessária e seminal para pensarmos sobre a relação entre o homem e tudo o que o circunda

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA
| RIO DE JANEIRO - RJ

Assim, como algo minúsculo em sua poesia adquire uma aspiração à grandiosidade que é uma reflexão sobre o ato de conhecer através do agir e observar o agir. Num dos *Upanishads*, textos sagrados do hinduísmo, podemos ler a história da árvore que tem dois tipos de pássaro, aquele que saboreia o fruto e aquele que medita e observa sobre este ato. Morte e vida, queda e ascensão, o pouso e o voo, o inseto o absorve e se revela como *imago* do ser, da entidade chamada homem e tudo que o envolve, nos seus altos e baixos, oscilações de subida e descida, elevação e queda.

Arrematando o poema, Alexei Bueno apresenta versos magistrais:

*O ponto morto voava,
E eu, outro átomo esquecido,
Via-o. E ele, do ar, me dava
Um nada, um tudo, um sentido,*

O mínimo e o múltiplo, o nada e o tudo como o ponto aparentemente imperceptível se transforma em círculo com sua circunferência a sobrevoar o indizível poético que se significa pelas verbes das imagens de intensos voos pela aérea forma do vazio. Parafraseando o grande sábio indiano Krishnamurti, o observador é a coisa observada, o eu lírico é o inseto, porque este lhe dá o sentido de toda a existência com a ambivalência que oscila entre o ínfimo e o totalizante, o efêmero e o eterno, a morte e a vida.

Leiamos na íntegra outro poema: *O nascimento de Vênus*:

*Quando a concha se abriu, enorme e clara,
Na orla imunda da imunda Guanabara,
Entre garrafas PET, entre absorventes,
Preservativos, metades de pentes,
E até uma dentadura,
Cada um olhou lá dentro
Mas só havia, no centro,
Uma espelhada poça de água amara,
Parada, densa, escura,
Que só mostrava, Verônica impura,
A cada um a sua própria cara.*

Neste poema, percebemos um processo de inversão, utilizando o tema clássico e sublime com sua perfectibilidade do nascimento de uma deusa antiga, a figura do Amor, que no Rio de Janeiro se torna uma prostituta, afundando-a e precipitando-a no caos urbano de sua cidade natal, uma crítica de cunho social e mordaz, sendo um poeta também de seu tempo, não mais o da eternidade, mas da concretude, materialidade e imundície do natural no indivíduo, no ser humano, que se batiza e abisma na impureza. A metáfora da concha revela a degenerescência entre o dentro e o fora, o lado desumano que se espelhou na imagem da promiscuidade urbana. Aqui, em vez de uma experiência sublime e epifânica, nos deparamos com a constatação, a estupefação diante da obscenidade dos obscuros objetos e seres, que se amalgamam numa dança macabra de ruína e sujeira.

O poema *A esperança* apresenta a figuração daquela impenetrabilidade de onde só a poesia nasce, no instante do ainda já que ecoará de forma distante em um futuro que se esboroa no presente. O tempo do depois é o agora, o que já passou é memória e o que é o instante se precipita num abismo de uma esperança desesperançada que, dubiamente, vem nos falar de uma poética do momento grávido de luzes natimortas, a oscilação entre a expectativa e o que nos acomete como um lampejo, um *insight* de infinitudes que caem na rede, na teia do tempo, o absoluto do aqui-agora, o *fiat lux* da criação se presentifica e presenteia a amada ignota, a dama de Cronos, sua consorte, ou seja, a esperança-Pandora se traduz pela utopia da mudança bem-aventurada que se torne eterna, não no sentido de cristalização, “o mar” como *imago dei*, espelho de Maya, de Maria, da mulher, da ilusão, da ficção, do ato de criação, do Verbo, após a gestação do Vazio, tornada um Duplo do Divino, do tempo da eternidade que derrota o “cais”: “O mar começa onde termina o cais”. Esse limítrofe, o horizonte do impossível se torna imorredouro e o que está tão perto logo se esvai, nos resta a longínqua espiral do infinito, o reflexo do futuro sempre caminhando para frente, um novo poema, um novo livro a ser escrito, o sempre porque nunca se acaba, mesmo com a morte física, porque os

livros, as obras permanecerão além de tudo. O sempre que se frutificará em um outro amanhã, um novo sol após uma noite chuvosa ou tempestuosa. Se San Juan de la Cruz subverteu a ordem do dia, colocando a noite como fundadora da iluminação espiritual em *A noite escura da alma*, Alexei Bueno, com sua “harmonia de contrários” num viés heraclítico, nos conduz à conciliação dos extremos, a ambivalência que se transforma, se metamorfoseia na palavra “esperança”, com sua extrema e urgente expressividade poética.

Em *Invernal*, percebemos a potência da natureza frente a fragilidade do homem. O inanimado da natureza ganha o sentido de ânimo poético por suas belas imagens, jogando com os labirintos do que é e do que parece ser. O onirismo aqui com seu lirismo perfeito nada nos acordes da sonoridade, do ritmo, da rítmica, que continuam após a leitura com os olhos ou com a boca a ecoarem nos ventos invisíveis da *natura*. Se Octavio Paz nos fala da dupla chama do amor e erotismo, aqui, Alexei Bueno contraria este fogo embriagante do carnal com a incorporeidade da natureza gélida da pureza, como algo que ultrapassa as impurezas vulcânicas do caos e do absurdo. O duplo sentido do ser e da natureza produz seu sentido a partir da poesia que nos banqueteia com sua comunicabilidade intangível como os astros longínquos que formam o cosmos silencioso. Essa dupla linguagem da ambivalência do ser e da natureza pela análise combinatória da poesia, o que estava separado se reúne e a metáfora do frio nos leva a esta insonora paz do não dito. O poema nos faz lembrar do heterônimo Ricardo Reis, observando o fluxo do tempo, do rio, com sua amada Lídia:

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).*

Alexei Bueno, jogando com os sentidos de rir e rio, quente e frio, dia e noite, eterno e transitório, dialoga com a tradição. Enquanto no heterônimo pessoano ele atravessa o rio com o olhar, o olhar enigmático do poeta carioca revela a cegueira do seu olhar, olhar que circulariza o tempo de uma natureza que se move e se centra no frio, no gélido segredo da natureza, pois o frio arrepia, causa o espanto, como a admiração filosófica em direção aos mistérios arcanos da natureza. A metáfora do “frio” desdiz o amor nascente de um sol que revela, que tudo clarifica, o escondido, o esconderijo, o enigmático e indecifrável, se veste do gélido manto da poesia:

*No vento, na alegria
No não ser mais humano,
Mas divindade fria
No espaço, útero e arcano.*

Para concluir nossa análise de **O sono dos humildes**, escolhemos o poema-título, que segue na íntegra:

*Um simples seixo, junto a um rio,
Que a água arredonda e um pé desloca
És mais do que essa coisa pouca,
Tu, humano, imenso desafio?*

*Olha esse seixo, olha-o, ele é.
Porque ele existe a glória e a graça
São suas, mas ninguém que passa
O vê, nem grita aos céus por quê?*

Neste texto, o poeta é aquele capaz de olhar, que tem o transbordamento afetivo e reflexivo em que a maioria, em seu estado inconsciente e alienado, não consegue perceber. Aqui, aquilo que estava em aberto no primeiro poema do livro, encontra sua voz, o “humilde” não significa na sua obra apenas o repouso e descanso dos desvalidos, dos proscritos, dos excluídos da sociedade, mas de fazer dos pequenos objetos, das pequenas coisas, da natureza, do que é inanimado, ter sua importância e voz digna com sua significância de um indivíduo, porque aquele que percebe se dignifica na sua percepção em ver o que está além do sono da morte, assim, o sono se veste de sonho, o sono não tem a frieza do mármore ou do mineral carcomido pelo tempo, mas do mineral lavado nas águas da alma do poeta que, de forma magnífica, empresta sua voz, seu lírico, para a natureza, os objetos, as coi-



O sono dos humildes

ALEXEI BUENO

Patuá

188 págs.

sas e os outros seres falarem, gritarem seu sentido.

O homem se harmoniza consigo mesmo e com o cosmos dentro e fora de si. Todo o signo da *physis* é a totalidade que está em cada fragmento, em cada parte, no ínfimo que o poeta encontra em todo momento de sua existência. Esse todo se completa com a chave da poesia. O “seixo” é, ele existe, como nós existimos, ele está presente e nos dá a sensação de no ato de olhar para fora, nos autoconhecer, meditar sobre o que nos circunda, fazendo-nos lançar no imenso desafio: o que somos? Se o “seixo” existe, nós somos, e a frase cartesiana “Penso, logo existo”, no plano do humano, traduz nossa consciência face à inconsciência e tudo o que não está no campo do ser humano. A comparação entre o existir da natureza e das coisas com o nosso existir, daqueles que pensam e estão conscientes do real, contrariando o “pensar é estar doente dos olhos” pessoano, traduz aqui, no seu reverso, o pensar como ver com o máximo de cuidado e delicadeza que o poeta consegue transfigurar pela arte.

O sono dos humildes é uma obra necessária e seminal para pensarmos sobre a relação entre o homem e tudo o que o circunda, tanto internamente, como externamente, desde o ínfimo até atingir a totalidade que se perdeu no mundo contemporâneo, mas que Alexei Bueno almeja alcançar com olhos que pensam de forma corpórea e incorpórea, com sua sensibilidade perspicaz e original. **●**



wilberth salgueiro

SOB A PELE DAS PALAVRAS

UM DEUS, DE ARNALDO ANTUNES

*um deus efêmero
um deus com sexo
um deus com gênero
e que envelhece
um deus com fim
um deus assim
merece prece*

*um deus que conta
o seu segredo
um deus que apronta
mas tem medo
um deus que erra
e recomeça
merece reza*

*um deus que sofre
e que se alegra
um deus com sorte
e sem promessa
um deus que pensa
um deus ateu
merece crença*

*um deus talvez
volúvel deus
um deus que ovula
todo mês
um deus que paga
sua comida
merece a vida*

Arnaldo Antunes é um artista bastante conhecido, há décadas, transitando sobretudo entre livros e canções. Acerca de sua obra, há inúmeros estudos, assim como, dele, se encontram com facilidade depoimentos e entrevistas a mancheias (entre tantos trabalhos, registro a tese *A soma incerta do que somos: estudo da poesia visual de Arnaldo Antunes à luz do poema “cromossomos”,* de Douglas Salomão, 2015). Considerado uma espécie de herdeiro dos concretos, Arnaldo declara com frequência, a despeito de suas experiências intersígnicas e híbridas, que seu principal instrumento é sempre a palavra — o que se comprova nesse engenhoso poema *um deus*, do recente livro **Algo antigo** (2021), indicado a prêmios importantes na categoria poesia.

Entre o palco e o livro, entre a palavra e a imagem, entre o barulho e o silêncio, a obra de Arnaldo Antunes vem sendo marcada por uma intensa reflexão acerca do sujeito e das suas possibilidades formais de expressão. Não é casual o interesse do poeta paulista pelo repertório que a parafernália cibernética oferece: as mais variadas técnicas de computação, simuladores, ilhas de edição, bancos de imagens e sons, realidade virtual, animação, mixagens em geral tornam-se recursos que o poeta contemporâneo pode agenciar em proveito de um

redimensionamento da criatividade e do exercício do imaginário. Sem deixar de utilizar as “clássicas” manifestações artísticas — como a literatura, a dança, a música, a pintura, o teatro —, esse poeta performático amplia seu horizonte, aproximando-se dos produtos e dos valores da informática e da tecnologia em geral.

Num tempo em que um bordão da extrema direita (“Deus, Pátria e Família”) ressuscitou um tipo religioso fundamentalista que estava hibernando no país, não é pequena a provocação que o poema *um deus* incorpora. De imediato, o uso da minúscula para deus, segundo o dicionário, “ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; causa necessária e fim último de tudo que existe”, poderia espantar, se não fosse o já convencional e costumeiro uso da minúscula em poemas para todas as palavras, independentemente de se classificadas como nome próprio. No entanto, o artigo indefinido “um” é bem mais relevante para esse estranhamento inicial, pois, desde o título, se enfatiza o caráter impreciso e indeterminado desse ente, que no poema vai se delineando como múltiplo, heteróclito e muito próximo ao que Guimarães Rosa, pela voz de Riobaldo, chamou de homem humano.

À primeira vista atrai a atenção a estrutura visual do poema, composto por quatro estrofes com sete versos cada, todos tetrassilábicos, à exceção de dois deles (“mas tem medo”, “todo mês”), trissílabos. Contudo, ambos, contados como extensão do verso anterior, se mostram octossílabos, metro que se esconde sob a capa de vários dos quadrisílabos: “um deus que apronta mas tem medo”, “um deus que ovula todo mês”. Quanto às rimas, temos a sequência: eeeeie/oeoeeee/oeoeeee/eeueaii. Ou seja, predominam as rimas em /e/, com arremate de rimas em /i/. Há duas rimas brancas, em /a/ e /u/. Na tônica e nos fonemas do verbo “ovula” ecoa a palavra do verso anterior: “volúvel”, em rima interna. Já o termo “paga” não encontra rima com nenhum outro termo contíguo, a não ser consigo mesmo: pAgA. Parece, porém, que o termo “paga” encontra nos 20 pares de palavras paroxítonas o amparo sonoro (há duas palavras proparoxítonas e seis oxítonas). Ademais, seu aparente isolamento em termos acústicos ressalta o seu sentido mundano: em “um deus que paga/ sua comida” ecoa e se confirma esse perfil de um deus demasiadamente humano que se desenha

no poema. Que deus dissonante é esse, que se disfarça em poema tão sonoramente harmonioso?

O primeiro verso já dá a dimensão pouco divina dessa divindade: “um deus efêmero”, passageiro, temporário, distante da noção metafísica de eternidade amplamente hegemônica entre religiosos. Daí por diante cada definição desse deus virá na contramão do senso comum, que mantém reverência, amor e medo de entidades transcendentais. No verso “um deus com sexo” já se fixa a ideia de que tal ser, digno do nome, deve ter um corpo, o que se reforça nos versos seguintes, “um deus com gênero/ e que envelhece”, ou seja, um ser finito, precário, que morre (“um deus com fim”). O fecho da primeira estrofe (“merece prece”) estabelece — de modo análogo às 4 sétimas, às 17 rimas em /e/, aos 26 versos em metro quadrisílabo, às 20 paroxítonas, às 14 aparições de “um deus” — uma reiteração, que vai, todavia, diferindo a cada momento.

Cada estrofe sugere a imagem de “um deus”; ao fim, a estrofe conclui que esse deus “merece prece”, “merece reza”, “merece crença” e “merece a vida”. Se prece, reza e crença partilham um campo semântico místico afim, a rima se repete (em /e/), consoante em “merece/prece” e toante em “merece/reza/crença”; já o termo “vida” amplia o espectro para além da fé, e a rima (em /i/) destoa assim do previsível. No segundo bloco, em vez de receber o segredo e a confissão (por meio do padre, preposto do Senhor), esse deus agora fala, se expõe; em vez de ser perfeito e comportado, esse deus agora “apronta”, “erra” e tenta de novo, Sísifo humanizado que, a cada dia, tem de carregar pedras em vão.

Na terceira estrofe, mais e mais esse deus se assemelha a “um homem”, que sofre e se alegra, que busca a sorte, sem falsas ilusões, mas que sobretudo “pensa”, e tal verbo possui especial importância no contexto. O conceito de “pensamento” é nuclear na obra de Theodor Adorno. Em **Dialética negativa**, por exemplo, dirá, em dois momentos distintos: “Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. (...) Se a dialética negativa reclama a autorreflexão do pensamento, então isso implica manifestamente que o pensamento também precisa, para ser verdadeiro, hoje em todo caso, pensar contra si mesmo”. Em síntese, o filósofo afirma que pensar é pensar na contramão do já pensado, do que já pensaram por mim, do que a mim foi dado como valor e verdade. O conceito de “Deus”, agora com maiúscula, e sua existência e tudo o que isso implica são transmitidos de geração a geração na base do paradoxal argumento da fé, que não necessita de

se contrapor à razão. No poema, “um deus que pensa” produz o seu próprio antípoda, “um deus ateu” — e esse, sim, que pensa a si mesmo, e resiste àquilo que o prende, esse deus é livre e, portanto, “merece crença”, merece confiança.

Em vez de onisciente (e onipresente e onipotente), por que não, como todos nós, um “deus talvez”? Um deus que duvida. Para continuar com Rosa e Riobaldo, “quem desconfia, fica sábio”. Em vez de entediadamente o mesmo sempre, por que não, antropomorfizado, um “volúvel deus”? Volúvel, volátil, imprevisível. Um que saiba ser para todos, e não para alguns, para igrejas. Que saiba ser “um deus que ovula/ todo mês”, isto é, que, à semelhança da mulher, possa gerar óvulos — esse, sim, “merece a vida”. A vida, para além de qualquer situação dicionária, nesse modo do poema equivale, em sua magnitude, à própria condição e existência de deus, desde que esse deus seja um deus efêmero, com sexo, com gênero, que envelhece, com fim, que tem medo, que erra, recomeça, que sofre e se alegra, que pensa, um deus volúvel, que ovula.

No panorama da poesia brasileira, marcado por um competente e profissional hibridismo de formas e expressões, de meios e de tribos, e em que, como afirma Heloisa Buarque de Hollanda em **Esses poetas: uma antologia dos anos 90** (1998), os poetas “reinventam uma coerência própria, assumem a herança modernista, absorvem o impacto João Cabral, apropriam-se do laboratório concretista e expandem a poesia dos anos 70”, a obra em progresso de Arnaldo Antunes vem se sustentando como uma das forças mais contundentes, radicais, altas, poéticas de nosso tempo. Arnaldo liberal gerou a poesia entre livros e sons, nomes sim e não, Arnaut andante contemporâneo.

Decerto, há elaborações de ordem teológica deveras complexas e com inúmeras ramificações que o assunto exige. Não se trata aqui de entrar em querelas metafísicas. O poema *um deus* é cristalino: a ideia de deus que se oferece no poema é bastante diversa da ideia de Deus aceita, defendida e divulgada, aos quatro ventos, pela comunidade religiosa (a despeito das imensas divergências dessa imensa comunidade). Poucas páginas antes do poema *um deus*, Arnaldo estampa um poema, com o título *pergunta*, em letras garrafais: “como acha que/ vai dominar/ seus medos se/ não consegue/ controlar seus/ pensamentos?”. A metáfora se dá a ver: a Deus, o medo; a deus, o pensamento. É pensando contra aquilo que nos obrigaram a pensar é que chegamos a um deus que seja nosso, um deus-poema. Não um Deus acima de todos, mas um deus no meio da gente, no meio do redemoinho. No meio de deus o homem, esse “eu” que pensa. ❶

inquérito

ÍNDIGO

NO CASULO DA ESCRITA

A paulista Índigo moldou sua vida a partir da atividade literária. Para se concentrar na escrita, se isolou em um sítio, onde mora. E, a exemplo de J. D. Salinger, seu lugar de criação é um chalé, afastado da casa principal. “Gosto de escrever sentada numa poltrona, com uma almofada no colo, onde apoio o laptop. Com uma manta eu crio o casulo. Quanto mais apertado o casulo, melhor”, diz.

Índigo — pseudônimo de Ana Cristina Ayer de Oliveira — se formou em Jornalismo, nos Estados Unidos, mas nunca exerceu a profissão. No final dos anos 1990, passou a publicar literatura na internet. Em 2001, deixou de lado a carreira na publicidade para se dedicar exclusivamente aos livros.

Autora de obras infantojuvenis e roteiros de filmes, ela fez do *home office* sua rotina muito antes de esse modelo de trabalho virar norma. “Tenho uma obsessão literária que é conseguir viver exclusivamente dos pagamentos de direito autoral.”

• Quando se deu conta de que queria ser escritora?

Depois do primeiro livro publicado. Eu ainda trabalhava com publicidade, mas não me via como publicitária, não estava nada feliz ali. Então me joguei na literatura para ver se ela me aceitava. Pensei, o pior que pode acontecer é eu ter de voltar a procurar um emprego de verdade. Nunca aconteceu. Nunca mais voltei ao “mundo corporativo”. Nunca mais tive chefe e, no dia a dia, não uso sapato.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Não posso conversar com estranhos antes de começar meu dia de escrita. Só escrevo de manhã. Depois que começo a escrever eu me obrigo a ficar sentada na cadeira por pelo menos uma hora, sem licença para tirar os dedos dos teclados, mesmo que eu não faça ideia do que fazer com meus personagens. Vou insistindo, tentando, até que eles começam a colaborar. Tenho uma obsessão literária que é conseguir viver exclusivamente dos pagamentos de direito autoral.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Ficção. Estou sempre lendo romances de ficção.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

A *teta racional*, de Giovana Madalosso, para que ele tenha melhores referências do que é uma mulher.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Para escrever eu preciso me isolar e me enfiar num casulo. Por isso vim morar num sítio. Escrevo num chalé, afastado da casa principal. Gosto de escrever sentada numa poltrona, com uma almofada no colo, onde apoio o laptop. Com uma manta eu crio o casulo. Quanto mais apertado o casulo, melhor. Só os dedos se mexem.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Gosto de ler deitada no sofá, com um gato no colo. Se estiver frio e chovendo, melhor ainda.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Para mim, dia produtivo é aquele em que avanço no número de páginas escritas, deixo um rabicho para o dia seguinte e saio com uma visão mais nítida do livro como um todo.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

O mais prazeroso é quando chega naquele ponto em que a história começa a se desenrolar por conta

própria, quando os personagens assumem o controle e começam a dizer coisas que eu nem imaginava. Quando dou por mim, estou rindo sozinha. Nessas horas eu me sinto uma doida varrida porque eu de fato me surpreendo com as coisas que meus dedos acabam de teclar.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

A preguiça.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

Editores que não respondem emails.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Erica Bombardi, autora de *Canto do Uirapurú* e *Além do deserto*. Ela tem um texto que me toca. Muito sensível, ousado e surpreendente. Uma pessoa que tem domínio absoluto da construção de uma boa história.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Imprescindível, *Aqui. Neste lugar*, de Maria José Silveira. Gostaria de acreditar que todos os meus livros são descartáveis no sentido que a pessoa lê e passa adiante. Tudo que eu quero é que meus livros circulem.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Quando o autor tenta ser engraçado.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Discursos de ódio.

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

Já tirei inspiração até de dentro da fantasia do Mickey Mouse. Sabe aqueles cabeções de pelúcia? Já usei aquele tipo de fantasia para distribuir folhe-

DIVULGAÇÃO



tos na rua, nos meus tempos de juventude. Era fêdido, abafado, claustrofóbico e, portanto, perfeito para estimular a criatividade.

• Quando a inspiração não vem...

Eu sigo escrevendo de qualquer jeito. Nunca esperei a inspiração chegar para começar a trabalhar. Começo a seco mesmo e no meio do processo ela chega. Daí é como se eu estivesse surfando. É delicioso, fácil. É quase uma brincadeira. Depois ela vai embora e eu continuo, confiando que ela voltará. Mas também tenho alguns truques. Aguar plantas sempre me ajuda a ter ideias. Podar, adubar a terra, varrer folhas. Não é à toa que moro num sítio. Sair da frente do computador é extremamente saudável para a criatividade.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Adoraria tomar um café com Paulo Coelho. De preferência, na casa dele.

• O que é um bom leitor?

Um bom leitor é aquele que consegue falar a respeito do que leu. Isso parece básico, mas é algo cada vez mais raro. Um bom leitor consegue apontar camadas que nem a própria autora ou autor percebeu.

• O que te dá medo?

Psicodrama.

• O que te faz feliz?

O sol aquecendo minha pele. O fogo da lareira. Um dia livre para poder ficar horas e horas cuidando do jardim. Acompanhar o desenvolvimento de uma planta que estou cultivando. Colher alimentos que eu mesma plantei. Estou sempre fazendo alguma coisa. Não consigo ficar parada. Concluir coisas me deixa extremamente feliz. Concluir um texto, concluir a arrumação da casa, concluir a limpeza de um canteiro. Felicidade para mim é encerrar o dia tendo feito tudinho que me propus a fazer.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

A dúvida é sempre se vou conseguir chegar ao fim do texto e, caso chegue, se vai agradar a leitora cricri que habita em mim. A certeza é que eu sempre vou escrever. Com editora ou sem, com leitores ou sem, com recursos ou sem. A escrita é uma necessidade artística. Se ela vira produto, lindo. Mas esse nunca é o ponto de partida.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Seduzir. A escrita é um jogo de sedução. É um flerte. Quando escrevo, tenho consciência de por onde vou fisgar o leitor ou a leitora. Atento ao ritmo, sonoridade, revelações e provocações. Trabalho para deixar o texto o mais apetitoso possível. Gosto de esconder informações, sacanear, chocar.

• A literatura tem alguma obrigação?

A literatura precisa chegar ao ponto em que nos reconhecemos nos personagens. Ela é um caminho para chegar na humanidade bruta, naquela revelação que chega a assustar de tão autêntica que é.

• Qual o limite da ficção?

A ficção é um universo em expansão. Sempre indo além, nunca chega ao seu limite.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Greta Thunberg. Acho que ela é a pessoa mais capacitada para conversar civilizadamente com um ET.

• O que você espera da eternidade?

Quanto ao ambiente, espero que as nuvens sejam fofinhas e secas, que a temperatura seja agradável e que eu possa voar. Quanto às companhias, espero que tenham atingido um grau mínimo de elevação espiritual. Espero que a música seja boa. Também gostaria de ter passe livre para interferir em assuntos terrenos. Gostaria de ficar na fronteira, entre lá e cá. Acho que eu daria uma boa *hostess*. **📌**

**fabiane secches**

CADERNOS DE LEITURA

Ilustração: **Thiago Thomé Marques**

SOMOS FILHOS DA ÉPOCA

Chega ao fim um dos anos mais importantes da história do Brasil desde a redemocratização. Não é exagero dizer que as eleições de 2022 foram um dos acontecimentos mais decisivos que já vivemos no país.

Nossa escolha não foi entre dois homens, que disputavam ideias diferentes, mas entre a democracia e o autoritarismo, entre alguém que acenava para a vida e alguém que nos empurrava para a morte, através da gestão criminosa de uma pandemia que enterrou cerca de 700 mil pessoas, deixando quase 700 mil famílias enlutadas. Através das queimadas na Amazônia, no Pantanal e em outras regiões tão preciosas, das quais deveríamos cuidar como os verdadeiros tesouros que são. Através do deboche, do preconceito, do incentivo e da legitimação de diversas formas de violência. Através do desmonte estrutural que dizimou indígenas e indigenistas, que acabou com o Ministério da Cultura, que ameaçou promover a taxaço de livros, que cortou verbas para a saúde, não reajustou a bolsa de pesquisadores — e nem mesmo deu qualquer aumento real para o salário mínimo.

Um governo que negou a ciência, que desrespeitou as leis e as instituições, que nos inundou de mentiras, criando inimigos imaginários, como a temida versão fantasiosa do que seria o “comunismo”, enquanto liberava armas de fogo e trazia o Brasil de volta para o mapa da fome. Segundo pesquisas, 24% da nossa população diz ter comida insuficiente, mais de 30 milhões de pessoas estão em situação de “insegurança alimentar grave”.

Diante da possibilidade de viver mais quatro anos sob uma gestão tão cruel, nós, democratas, lutamos como pudemos, cada qual com seus instrumentos. Os meus sempre foram as palavras. Sempre que me sentia exausta, impotente e com saudade de escrever apenas sobre literatura, cinema ou psicanálise, eu me lembrava de um poema lindíssimo da polonesa Wislawa Szymborska chamado *Somos filhos da época* — o título dessa coluna é uma homenagem a ele —, e sabia que essa ideia vaga do que seria apenas isso ou apenas aquilo, na verdade, não existia nem nunca existiu. A literatura, o cinema e a psicanálise, assim como todas as coisas do mundo, e talvez mais do que muitas delas, estão atravessadas pela sua época, e a época é política. Assim dizem sabiamente os primeiros versos do poema de Szymborska.

Muitas vezes, buscamos nos livros outros mundos para escapar do nosso. Então retornamos com novas ferramentas para enfrentá-lo ou, ao menos, um pouco mais descansados, o que já é bastante. Outras vezes o que buscamos nos livros é justamente a tentativa de compreender o enrosco em que viemos parar, como chegamos aqui, como podemos sair dele. Cada pessoa pode dizer quais são seus limites e que tipo de leitura será a melhor companhia para cada momento. Mas como escape ou como confronto, a verdade é esta: toda literatura é política.

Nesse ano emblemático, foi inevitável revisitar e atualizar

temas dolorosos, como nazismo e fascismo, mediante a ameaça da extrema direita — expressão que a imprensa internacional não hesitou em usar ao se referir ao atual governo (a partir de janeiro ex-governo, para a nossa alegria) —, que se estendia sobre o país. Então todas as discussões sobre livros acabaram sendo mais politizadas do que a média. Mais dolorosamente politizadas. Assim como aconteceu com cada almoço de família, com cada conversa entre amigos, com cada passeio pelo bairro, com cada sessão de análise ou terapia.

Agora existe esperança de que possamos viver uma outra realidade. Sabemos que o caminho será longo, que teremos muito trabalho, e que pacificar um país cindido é uma tarefa hercúlea. Não acredito em salvadores da pátria, mas estou muito grata por ter um presidente eleito com uma visão de mundo mais humana, complexa e plural. Que alento poder acreditar que estaremos num mundo em que a nossa própria existência, e a existência dos nossos conterrâneos, não estará constantemente ameaçada, sob a legitimidade de um governo que, ao contrário, justamente deveria nos proteger. Proteger o bem comum.

Como lembrança, como desabafo e também como agradecimento, encerro a minha última coluna desse ano tão amargo, que felizmente termina com bons ventos, reproduzindo aqui a íntegra do poema de Wislawa Szymborska (tradução de Regina Przybycien). Que 2023 seja um ano mais

gentil para todas as pessoas do nosso país, mesmo para as que ainda não conseguem acreditar nisso.

*Somos filhos da época
e a época é política.*

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.*

*Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.*

*O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.*

*Até caminhando e cantando a canção
você dá passos políticos
sobre um solo político.*

*Versos apolíticos também são políticos,
e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.
Qual questão, me dirão.
Uma questão política.*

*Não precisa nem mesmo ser gente
para ter significado político.
Basta ser petróleo bruto,
ração concentrada ou matéria reciclável.
Ou mesa de conferência cuja forma
se discuta por meses a fio:
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte
numa mesa redonda ou quadrada.*

*Enquanto isso matavam-se os homens,
morriam os animais,
ardiam as casas,
ficavam ermos os campos,
como em épocas passadas
e menos políticas. 🐰*

Poesia e tempo

Os campos calcinados, de Iacyr Anderson Freitas, articula lírica a respeito das impurezas que só o tempo depura

CRISTIANO DE SALES | CURITIBA - PR

Os campos calcinados, de Iacyr Anderson Freitas, apresenta tudo aquilo que já não esperamos tanto da poesia contemporânea, uma vez que a lira de nosso tempo tem, não raro, se desengajado do campo do simbólico. É livro denso, grande, volumoso. Mais de duzentas páginas, pouco comum para nossa poesia, tratando-se de trabalho autoral, ou, se preferirem, de livro de carreira, e não de antologias.

Nos chega em capa limpa, campo aberto, ermo, edição muito bonita, com pintura de Edvard Munch na quarta capa. Chega carregado de lirismo até mais ou menos o meio do livro, onde encontramos a série intitulada *Cerol no olvido*.

Para entrar nesse grande livro, escrito por um dos maiores poetas da atualidade, que compõe a bela seara mineira ao lado de nomes como Edimilson de Almeida Pereira, Ricardo Aleixo e Ana Martins Marques (esta, de uma geração mais recente), me valho da chave-poema *Gorgone Leciona*:

*ainda urge
expor o verso
à ferrugem.*

Com esse evidente convite à depuração do texto, o poeta nos mostra que não se pode prescindir do tempo, materializado em “ferrugem”, mesmo quando se trata de urgência. E esta, no caso não apenas deste poema, mas de todo o livro, parece ter a ver com uma tradição de lirismo moderno. Em qualquer das partes do livro, que apresenta, sim, momentos onde o que prevalece é o traço político, a exposição dos versos à cura que o tempo oferece (como quem cura um bom queijo) depõe a favor de uma expressão que não se limita à lição dos maiores (Drummond e Bandeira), embora evidentemente dialogue com eles, depõe também a favor de uma expressão que incorpora à lírica objetiva um quê de cansaço e sensualismo, sem perder de vista a mundanidade e seus ritos.

Cada parte do livro parece estabelecer uma atmosfera, como é comum nos bons poetas, e em todas elas se percebe o cuidado na aplicação da palavra, não apenas como potência semântica, mas também como potência

sonora, rimas toantes, consonantes e mistas por todo o livro, rigor na composição de estrofes, utilização de versos que elidem estrofes (aqueles que podem ser lidos tanto na estrofe que antecede como na que sucede), limpeza das pontuações — o que não cerceia em demasia o tom —, enfim, amplo repertório formal que, mais uma vez, condiz com o premiado poeta de que estamos falando.

Mas voltemos ao poema tomado como chave. A dúvida acerca de quem vem a ser Gorgone não nos impede de produzir sentido com restos de mitologia, uma vez que um elemento tão caro ao poema, o tempo, é evocado também por meio de seu signo mitológico, Cronos. Ou seja, poderíamos, sim, admitir estar lidando com a criatura mítica que transforma pessoas em pedra. Se é de lição que estamos falando, por que não um **A Educação pela pedra**, para lembrarmos de João Cabral? O que também não deixa de estar modalizado no título do livro (“Calcinados”).

Encarnação no tempo

E se assim fosse, ou é, que pedagogia poética estariam propondo o poema e o livro de Iacyr Anderson Freitas? Arrisco-me: a de encarnação no tempo. No tempo do poema, que é sempre uma outra forma de propor o tempo. No tempo da perplexidade, das perdas, do espanto, assombro, restos de amor, precariedade, poesia possível.

O “– minério de Cronos”, imagem muito cara aos poetas de linhagem drummondiana, sobretudo depois do importante livro de José Miguel Wisnik (2018), é a “ferrugem/ do tempo/ em estado bruto”.

Na impossibilidade de ser visto, o tempo se materializa, incorpora, se espacializa em rastros de sua passagem, pegada. Essa “sujeira” encarnada no processo de cura (de novo, como num queijo) é o reverso do que se convencionou ler como literatura moderna (à Graciliano e João Cabral, onde se precisa depurar para limpar). A depuração provocada pelo tempo nos poemas de Iacyr é aquela que busca a sujeira, desde que esta venha carregada de vida recolhida justo onde tudo parece ermo de poesia.



MARIANA FREITAS

O AUTOR

IACYR ANDERSON FREITAS

Nasceu em Patrocínio do Muriaé (MG), em 1963. Tem 40 anos de carreira poética, com mais de 20 livros de poesia. **Quaradouro** (2007) foi finalista do Prêmio Portugal Telecom, **Viavária** (2010), 1º lugar no Prêmio Literário Nacional do PEN Clube do Brasil, **Ar de arestas** (2013), finalista do Prêmio Jabuti e semifinalista do Prêmio Portugal Telecom.



Os campos calcinados

IACYR ANDERSON FREITAS
Faria e Silva
226 págs.

TRECHO

Os campos calcinados

os dias também os dias

são aves de arribação

quem afinal saberia

para onde os dias vão?

(a igreja que te batiza

já te oferta a extrema-unção)

Sendo assim, o poeta vai nos encarnando nos diferentes campos de seu livro. O primeiro fala do corte. Do “cerol” que imprime aos olvidados de vida ordinária, aos pobres, esquecidos, rios lamacentos, cães “sem plumas”, na linhagem de Cabral, esse quê de lírica suja:

rio que ao correr esmaga

*tudo o que não se sustenta
além do que é dor ou chaga.
só o tempo, flor purulenta*

O segundo campo (ou parte do livro), *Menos café que cicuta*, nos instala no fugidio da memória, essa movediça teia sempre retrabalhada na poesia escapável, na vida escapável:

*voltar em vão
aonde todos fugiram.*

Ou

demoliram a casa em que nasci

*nada pude fazer
nem meu passado
estava ali.*

O terceiro campo, *Perder um país*, evoca diferentes diásporas. É sobre ditadura, escravidão, fascismos em diferentes faces, facetas. E, como adiantei acima, está trabalhado no livro sem o barateamento da boa fatura estética em benefício de engajamento de qualquer ordem.

*campos calcinados
onde os melhores frutos
são furtos*

ou traem

Embora esse poema faça menção explícita aos campos de concentração nazistas, vemos também na série uma retomada poética (onde o simbólico pode ampliar a percepção da realidade) do genocídio nunca admitido pelo Brasil, o da escravidão.

*: o regime de antanho
guardou os centavos
de outrora*

*para a nova aurora
dos escravos
de ganho.*

Aqui, o ponto de toque com o já mencionado poeta e amigo de Iacyr, Edimilson de Almeida Pereira, é potente. Ambos iniciam versos, às vezes poemas, com dois pontos, o que pode supor uma história em curso. Uma história violenta e oficial à qual o poema se oporia em cartografia. Ambos os poetas sabem do corpo ontológico, para além do corpo físico (ou junto dele), que está sendo ainda assassinado na interminável diáspora do Brasil. Não é coincidência que os dois autores estejam selecionados na recente edição organizada por Alexei Bueno **A escravidão na poesia brasileira do século XVII ao XXI** (Record, 2022).

Rimas sofisticadas

Notemos ainda nos versos

acima o sofisticado trabalho das rimas. “Antanho” com “ganho”, “centavos” com “escravos” e “outrora” com “aurora” mostram que a escravidão ainda está aqui não apenas como memória, mas como procedimento ainda ativo. A palavra que remeteria ao passado de escravidão (como se esta tivesse ficado para trás) se liga sonoramente aos lucros (“antanho/ganho”) e o verbo “guardou” sugere uma existência ainda do regime. Este, conhecemos bem, é aquele em que se lucra com a comercialização dos escravos, que, embora rendessem dinheiro, tinham suas vidas violentamente barateadas (centavos é a ligação sonora com escravos). E a “aurora”, que pode conotar esperança de tempos melhores, fica adiada pra outra (que aqui pode tanto remeter ao passado quanto ao por vir).

O quarto campo, *Este mínimo infinito: breviário*, revela algo importante sobre o livro. Mostra que as partes, campos, séries com que resolveu dividir a obra, em verdade transbordam progressivamente na série seguinte. Nos casos das passagens da primeira para a segunda e da segunda para a terceira parte do livro, o que vemos é o título da série anterior participar como verso na série seguinte. Mas no caso da passagem da terceira para a quarta parte, o que notamos é o transbordamento da violência. O “breviário”, que tanto pode remeter a livro predileto quanto a livro litúrgico, de orações, é, bem dizer, o livro da história nossa, a de derramamento de sangue. É uma seção de niilismo destacável, mas também de sofisticada declaração de guerra no campo do simbólico que é a poesia, uma vez que “A derradeira” flor “: a manhã devora”.

O signo drummondiano de esperança frágil é devorado pela manhã, mas, se aproveitarmos o efeito fonético da composição, podemos ler também que a frágil esperança, simbolizada na flor, amanhã devorará.

Por fim, o quinto e derradeiro campo, *Limão capeta*, traz uma sorte de ácido riso. Não por desespero ou elogio melancólico ao niilismo, mas para desconcerto. Se se defende e acredita aqui na poesia que pode explodir em meio à treva, em meio à dor, a negação etc, vemos no fechamento do livro de Iacyr (que é também um retorno ao cerol), aquele rasgo no mundo calcinado pela falta de poesia:

*o vácuo absoluto
todos sabem
não vale um puto*

*é tão real quanto
papai noel
ou o tal
demo cornuto.*

Além de negar a terra arrasada, o mundo sem poesia, o poeta desmitifica, com humor e melancolia, as preces falsas de um mundo duro, sem arte, sem vida.

Os campos calcinados, de Iacyr Anderson Freitas, é livro urgente. E tão urgente porque ensina sobre o respeito às impurezas que só o tempo depura. **U**

**José castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

“MAIS LIVROS, MENOS ARMAS”, COMO FAZER?

Ilustração: **Marcelo Frazão**

O grito parado no ar, como a música de Toquinho/Guarnieri de 1973 nos anos de chumbo, eclodiu no último 30 de outubro com a vitória das forças democráticas aglutinadas pela liderança do mais icônico presidente da República de nossa história — Lula, como o povo o chama.

A eclosão, misto de libertação, felicidade moral, esperar por um país mais justo, equânime, democrático e respeitoso com seus seres humanos e com a natureza, sintetizou-se nos ombros deste senhor de 77 anos que parece carregar nos olhos vivos e nos sentimentos ardentes um compromisso de vida com os excluídos, lugar de sua origem de classe e fonte inesgotável de seu principal objetivo político: fornecer vida digna, três refeições diárias, moradia decente, educação, cultura e trabalho para todos.

Para quem o acompanhou desde quando surgiu como o mais potente líder sindical do ABCD paulista, o crescimento de sua extensão política é visível e confiável, porque coerente com sua trajetória de militante compromissado com as mais profundas causas sociais e humanitárias. Clara Ant, em **Quatro décadas com Lula — o poder de andar junto** (Autêntica, 2022), traça esse perfil com a honestidade intelectual e o olhar de uma militante de esquerda igualmente de grande caráter e compromisso.

Neste contexto, ganhou força na campanha, e em oposição à necropolítica vigente, a frase que galvanizou milhões de esperanças: “Mais livros e menos armas”. Mais que um *slogan*, foi um compromisso inadiável pautado pelos direitos humanos. E sou coerente na palavra do ex-presidente que mais incentivou a leitura no país, sintetizados na exitosa implantação do PNLL (Plano

Nacional do Livro e Leitura) em 2006, dando início a programas que receberam o maior orçamento da área na Cultura, a interação com a Educação e a coparticipação real da sociedade civil. Um verdadeiro pacto social civilizatório e responsável.

Presidente Lula, há muito por fazer, o esperar dos milhões de formadores de leitores e leitoras no Brasil está com o olhar voltado para seu compromisso em colocar nas suas prioridades o direito humano à leitura e à escrita. Desde 2016, resistimos e seguimos construindo, sob a pata da destruição fascista, um país de leitores. Esse movimento sintetizou dez propostas do que é preciso fazer. Com milhares de assinaturas no *change.com* reproduzo-as sem mais delongas:

Comida no prato e livro na mão!

10 Propostas pela Defesa do Livro e ao Direito à Leitura no Brasil:

1. Regulamentar e implantar nos primeiros dias do novo governo a Lei 13.696/2018 que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita/PNLE. Para tanto, é preciso iniciar imediatamente os

trabalhos para construção do novo Plano Nacional do Livro e Leitura/PNLL em seu formato decenal no primeiro semestre de 2023, obedecendo o determinado pela lei em suas diretrizes e objetivos, assim como as regras de sua elaboração, garantindo a representatividade da sociedade civil e a criação de um fundo financeiro e condicionalidades para a sua aplicação em estados e municípios;

2. A partir da esfera federal buscar o diálogo para ampliação do grande pacto social em torno da leitura e expresso no PNLL. Isso significa ampliar e incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, adaptando as grandes diretrizes nacionais à multidiversa territorialidade e características culturais do nosso país, bem como através do incentivo para a instituição de mecanismos de participação e controle social e transparência na efetivação das políticas públicas para a área;

3. Criar, restabelecer e financiar ainda em 2023 programas e ações no âmbito do pacto federativo para priorizar investimentos de criação, modernização e sustentabilidade, principalmente no que tange aos recursos humanos, em bibliotecas vivas de acesso público — públicas, escolares, prisionais e comunitárias. Esta medida, necessária a um país percorrido por inúmeras vulnerabilidades e com uma população com baixo poder aquisitivo, é instrumento imprescindível para democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade, desde a primeiríssima infância com recursos para qualificar esta pauta;

4. A mediação da leitura é fundamental para a formação de novos leitores/as. Reivindicamos programas e projetos para estimular, ampliar e fomentar a formação de mediadores/as e promotores de leitura em plataformas digitais, bem como fortalecer ações de estímulo à leitura e às tradições orais e de oralitura. Para tanto, é urgente investir na formação continuada em práticas de escrita e leitura para professores/as, bibliotecários/as, agentes de leitura, contadores/as de histórias, entre outros/as agentes educativos/as, culturais e sociais, e garantir que tenham a oportunidade de registrar seus caminhos e práticas em seus espaços de atuação;

5. Um país de leitores/as precisa ter uma economia do livro forte e independente, insubmissa às conveniências editoriais e financeiras dos grandes centros produtores internacionais, bem como resistente a movimentos de caráter censórios. É preciso promover a bibliodiversidade e dialogar com o mundo editorial de forma ativa. Medidas de incentivo e regulação do mercado edito-

rial e regularização de pareceristas nas decisões sobre conteúdos editoriais didáticos, além do impulsionamento à criação e viabilidade de livrarias, editoras, feiras e festas de livros e eventos literários são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da produção intelectual e para o fortalecimento da economia e do poder de influência cultural nacional;

6. Promover as literaturas, as humanidades, as ciências, as diferentes formas de saber e produção de conhecimentos. Nesse sentido, é preciso garantir o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e científico em território nacional e no exterior, para autores/as e escritores/as, por meio de prêmios, intercâmbios e bolsas, entre outros mecanismos, inclusive a participação ativa em feiras de livros internacionais;

7. O setor editorial e livreiro se caracteriza por constantes mudanças e inovações desde a produção da escrita até os processos de edição, distribuição e mediação. Com a aceleração digital e novos suportes virtuais e formas de escrever e ler, são fundamentais as ações cooperadas dos governos, universidades e centros de pesquisa para promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, por meio de ações de qualificação e capacitação sistemáticas e contínuas;

8. É igualmente importante o incentivo às pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, com vistas a fomentar a produção de conhecimento e de estatísticas como instrumentos de avaliação e qualificação das políticas públicas do setor, bem como fomentar publicações com a pluralidade idiomática dos povos originários;

9. Garantir que todos os programas, ações e seus respectivos gestores tenham como referência um olhar antirracista e decolonial, conforme previsto nas leis 11.645/2008 e 10.639/2003. Isso implica pautar-se pelo combate ao racismo e aos preconceitos de toda ordem, valorizando a pluralidade em todos os seus âmbitos. A acessibilidade deve ser ampla e irrestrita como diretriz fundamental para o justo enfrentamento de problemas estruturais historicamente persistentes;

10. Garantir que os programas e projetos, assim como a elaboração do PNLL decenal, seja pautada pela atenção ao acesso às tecnologias virtuais, notadamente o acesso livre, amplo e irrestrito à Internet. Nesta perspectiva de inclusão digital, articular as ações de formação de leitores/as com programas de acesso digital para faixas marginalizadas da população e desenvolvidos por (outros) diferentes ministérios, governos estaduais e municipais e empresas públicas ou privadas. **■**

Depois de mim, o dilúvio

De mãos dadas com a psicanálise, romance de **Sheila Leirner** tem como tema central o enfrentamento da “mãe tóxica”

MÁRCIA LÍGIA GUIDIN | SÃO PAULO - SP

Como matei minha mãe. Você leria um livro com este título, em uma capa muito vermelha em tamanho 16 x 23, apesar de a autora ser bem conhecida e séria? Fui incumbida desta resenha para o *Rascunho* e, ao receber a obra, me senti obrigada a cobrir a palavra “mãe” do título com uma fita adesiva, pois minha mãe de quase 95 anos, às vezes, passa por aqui e poderia ver o livro; e, quem sabe..., achar que era leitura de autoajuda. Esta historinha caseira mostra ousadia na escolha do título (comentado dentro do romance), já que o matricídio consta de todos os pecados capitais; é preciso coragem — essa a intenção —, mesmo que apenas numa capa.

O fato é que a instigante obra insere-se como tema central no enfrentamento de que se ocupa a psicanálise sobre a “mãe tóxica” (#MeToMãeTóxica) — adjetivo este bem moderninho. E o romance de Leirner é atravessado por interpretações de mãos dadas com a psicanálise. Às vezes isso pesa numa obra (interpreta-se um personagem como se estivesse num divã), mas aqui, me parece, traz, com a dor da exposição, a atenuante necessária para justificar o assassinato emocional de mães perversas e egocêntricas.

Várias histórias femininas contemporâneas tratam das relações entre mães e filhas. Algumas mães são terríveis (veja-se o impressionante **Uma duas**, de Eliane Brum); outras, amorosas e absolvidas (veja-se **O lugar escuro**, de Heloisa Seixas). Ou seja, desde que mulheres passaram a escrever melhor e mais livremente (a partir da segunda metade do século passado), o tema *avó-mãe-filha* tem sido revisitado e aprofundado como especularidade e autoconhecimento.

Em **Como matei minha mãe**, Sheila Leirner cria uma narrativa ambígua (porque aparentemente sincera) em tecido de cunho autoficcional. Aliás, a escrita de autoficção tem produzido coisas interessantes. Narrando em primeira ou terceira pessoa, vários autores têm investido na perturbadora estrutura de certos romances contemporâneos. **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, **A resistência**, de Julián Fuks, até **O irmão alemão**, de Chico Buarque, estão entre os vários bons resultados.

Narrativas paralelas

Aqui, a experiente Leirner optou por criar duas narrativas que seguem paralelas e alternadas. Uma das histórias vem em itálico (a autoficção escrita por Berta, filha de Ema, nonagenária que acaba de falecer num residencial sênior em Miami). A outra, que lemos em fonte regular (suposta biografia escrita por Shelly — que, por sua vez é autora do par Ema e Berta e filha de Glica, que, aos 94 anos, vive num pequeno apartamento em Miami). As mães das escritoras estão em Miami e as filhas, já de meia idade, vivem em Paris.

O gatilho de Ema para escrever sua história é acionado pela morte da mãe, num residencial de idosos, e aí começa a digressão (catarse?), que se encerra depois do enterro e da volta a Paris. Shelly escreve



Como matei minha mãe

SHEILA LEIRNER
Illuminuras
248 págs.

a obra em Paris, depois de visitar Glica, que enviara um e-mail exigindo a presença dos filhos: “Shelly e Terence, preciso ver vocês, amanhã será tarde demais”.

Dessa forma, quatro irmãs seguem para Miami, dois para enterrar, dois para lidar com a ameaça de suicídio da mãe. É claro que a perversa longevidade delas amplia o relato e estende o romance. A história de Shelly, “romance escrito em dois meses” após essa viagem, seria o romance que temos em mãos, **Como matei minha mãe**.

Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei. Recebi um e-mail do residencial sênior: “A sua mãe faleceu. O enterro será amanhã. Nossos sentimentos.” (em itálico, Berta)

“Dessa forma começa *Como matei minha mãe*, romance que levei apenas dois meses para escrever, de volta a Paris, depois do anúncio que nossa mãe Glica Preisner, perfeitamente viva aos 92 anos, fez a mim e a meu irmão Terence”. (Shelly)

Tal malha narrativa mostra ao leitor que as duas histórias são uma só; muito seria invenção, mas “pode” conter a vida da autora real (cujas relações familiares o leitor desconhece, a despeito de a família ser tão célebre). Temos uma narrativa dentro de outra e ambas as escritoras escreverão a própria biografia iluminadas pelo sofrimento.

Assim, a obra de Leirner é análise e confissão — intensificada pela vicissitude diante dessas mães tóxicas e egocêntricas, talvez portadoras de distúrbios (aí a presença oportuna da psicanálise na obra).

Com ambas as narrativas precedidas de introduções das respectivas autoras, Leirner duplica o que é unificado nela mesma. Daí, o difícil para o leitor (talvez para nós, leitoras e filhas) é manter instalados os horrores morais e éticos das mães apenas na ficção (Como essa mãe fez isso? É autobiografia ou ficção?).

Leitoras

Tais representações e cenas, poucas risíveis, outras muito abjetas, poderiam ser reconhecidas em nossas mães ou — pior — em nós mesmas. A autora escreve para si ou para que todas nós? — é inevitável a pergunta. E isso, por certo, reduz um pouco o romance a leitoras. Citando Camus, [“todo homem que não chora no enterro de sua mãe corre o risco de ser condenado à morte”], Sheila faz o contrário:

Para mim, toda pessoa que “mata” um progenitor algoz, encontra a salvação. O “estrangeiro”, esse herói e anti-herói simultaneamente, erra solitário, não obedece às regras a aceita morrer por um só motivo: ele se recusa a mentir. Como eu. O oposto de minha mãe Glica Preisner e do personagem Ema Kreisler, que não fizeram ou-

tra coisa senão mentir a vida inteira. Para si mesmas e os outros.

Como matei minha mãe quer matar a mãe algoz, tornando ostensivas as ações que nos destroem e reconstruam depois de matá-las simbolicamente. Aqui, são mães judias, o que tem grande peso na narrativa. Abandonadas por ex-maridos, são ex-milionárias mimadas que tudo perderam. Este passado, entretanto, deslumbra um pouco as filhas, sobretudo a personagem Berta, que é bem suscetível a esse mundanismo. Não chega a passar despercebido, na narrativa, o efeito comparativo de lamúria e comparação.

Se eu tivesse tido a sorte que teve a nossa mãe, e minha casa possuísse tamanho e condições de receber os meus filhos, garanto que estaria aberta incondicionalmente, 24 horas por dia, sete dias por semana, com muito amor em cada minuto, assim com a casa de Terence está para os filhos dele.

Uma coisa é certa: depois de ler esta obra, o leitor entende que elas não morrerão — estão mais vivas do que nunca no sofrimento dessas filhas. Para nosso espanto, porém, estas as obedecem, toleram suas perversidades, aceitam roubos intelectuais e financeiros, minimizam a concorrência intelectual e o desprezo pelo sucesso das filhas. Ou será que revelar tudo isso as faz facilmente julgadas por nós, leitores? Nem o fato de serem sustentadas aumenta sua humanidade — claro que olhando sob rigorosos valores morais da tradição patriarcal a que Camus e elas se subordinam.

A narrativa de Berta atravessa os anos 1930 e a narrativa de Shelly é contemporânea, com *whatsapps e-mails*, citando pandemia e o Brasil contemporâneo (até Jair como sócia mental de Glica, o que é ruim para a obra); isso cobre, pela longevidade delas mesmas, o tempo da narrativa.

Não há novidade estilística na construção das frases, na estruturação do tempo e da ação; o romance quer mesmo matar, narrando, as Emas e Glicas. Incomoda um pouco a criação de rodapés explicativos, e a pouco rigorosa revisão da obra, com deslizamentos de regência, concordância e virgulação.

Outro incômodo é que, em vários momentos, a autora atribui às filhas que narram uma onisciência impossível, capturando cenas e conversas que não presenciaram nem lhes foram narradas. (Vamos atribuir a desfocagem narrativa à autoficção.)

Ainda assim, a coragem da autora de quebrar os tabus e o mutismo faz do livro um interessante modo de pensarmos as feridas silenciosas que se revelam em nós. Não creio que a obra ascenda a um exercício estilístico peculiar ou ideológico, mas incomoda. E muito. A autora consegue nos mobilizar. **📖**



A AUTORA

SHEILA LEIRNER

Nascida em São Paulo (SP), em 1948, é crítica de arte, jornalista curadora e escritora. Vive em Paris, onde estudou Cinema, Sociologia da Arte e Urbanismo. Foi curadora geral de duas bienais de São Paulo. Ganhou, entre outros, o prêmio de Melhor Crítica de Arte pela ANBCA e a condecoração Chevalier de l'Ordre des Arts et Lettres, do governo francês. Algumas obras:

Arte e seu tempo, O surrealismo, Direi tudo e um pouco mais (Crônicas).

MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paiol
LITERÁRIO

palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



DIVULGAÇÃO



Andréa del Fuego

A paulista Andréa del Fuego abriu a 11ª temporada do Paiol Literário, em um bate-papo realizado em novembro com mediação do escritor e editor do *Rascunho*, Rogério Pereira. Com patrocínio do banco Itaú, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, a programação ainda conta com outros cinco encontros até abril de 2023.

Da geração surgida no começo dos anos 2000, Andréa começou a carreira como contista. Publicou três obras, antes de estreitar no romance, em 2010, com *Os Malaquias*, que narra a história de uma família errática e conquistou no ano seguinte o Prêmio José Saramago. É autora ainda da narrativa longa *As miniaturas* e de obras infantojuvenis.

Em 2022, a autora publicou seu mais recente romance, *A pediatra*, livro que tem recebido boas críticas e parte de um mote inusitado: a personagem central é uma médica pediatra que não gosta de crianças.

“Quando me veio a ideia, pensei: bom, achei um brinque-

dinho. Reconheci na hora isso. Porque não precisava nem pensar em trama, nada”, diz a autora. Na conversa, ela comentou ainda o caminho que sua geração tem traçado no exterior, revisitou os anos iniciais como leitora e escritora e falou sobre o momento atual do país, após uma das eleições mais conflituosas da nossa história desde a redemocratização.

• Leitura

Não conheço uma relação tão íntima com um objeto, que entregue mais intimidade, do que a leitura de um livro. Essa ideia de um livro como partitura para o seu próprio pensamento, de um texto literário que oferta esse caminho de pensar durante um percurso, durante uma composição. Uma composição ofertada pelo escritor. Mas é uma experiência de muitos desvios, porque nem sempre a leitura alcança esse lugar de uma quase epifania. Eu por, exemplo, não sou filha nem neta de leitores, o meu acesso à leitura foi na escola pública em São Bernardo do Campo [interior de São Paulo].

• Primeiros livros

Lembro do primeiro contato com a literatura, livros como *Vidas secas*, do Graciliano Ramos, depois *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do Machado de Assis, obras de Clarice Lispector, clássicos do nosso cânone. Lembro bem a primeira vez em que senti que a literatura não era o mesmo que um texto de geografia, de história, não era o enunciado de uma questão, era outra coisa... Embora a professora de literatura exigisse de mim uma performance de leitura, que eu desse recibo de uma compreensão, a partir da pedagogia da escola. Mas ali senti o primeiro contentamento — e foi através da tristeza e da melancolia de *Vidas secas*. Um prazer de não conseguir largar o livro, de voltar para algumas páginas. E minha mãe ali, olhando aquilo, um pouco receosa, mas dizendo para si mesma: “Bom, é da escola, então está tudo bem”.

• Clarice

Lembro também que ganhei de uma tia, quando era adolescente, um livro chamado *Eu, Cristiane F. — 13 anos, drogada e prostituída*. Esse livro tinha uma linguagem muito envolvente. E minha tia achando que era um bom livro para que uma adolescente soubesse o que não se deve fazer. O intuito era moral. Mas minha mãe escondeu o livro e eu nunca terminei a leitura. Depois, mais velha, ali pelos 17 anos, entrei em contato com a obra de Clarice Lispector. Daí foi pesadíssimo. Porque o que estava escrito ali tinha uma transferência tão íntima, que eu tinha ciúmes de quem lia Clarice. Era como se alguém soubesse de mim.

próximo encontro

07/dezembro
19h30

Natalia Borges Polesso

• Neuroliteratura

Quando estava fazendo mestrado na Filosofia da USP, e fiz uma aula nas Letras, em psicanálise e crítica literária, havia um pesquisador comentando um trabalho chamado *Neuroliteratura*, em que a ideia era mapear o comportamento neurológico no momento da leitura. Mas não era qualquer leitura, eram clássicos. E se percebeu que o cérebro respondia como se aquilo fosse mesmo uma vivência, havia sinais e outros elementos que são os mesmos que produzimos quando temos uma experiência viva. Pensei, bom, isso não é qualquer coisa.

• Outro lado

Por outro lado, a gente vai endeusando um gesto como se ele fosse capaz de aplacar uma coisa muito selvagem em nós. Isso é uma coisa que me move também, saber se a leitura é capaz de aplacar a violência em alguém — talvez ocupá-la, não dando tempo de ela cometer a violência. Não sei se é exatamente isso. Para mim é um enigma esse acontecimento da linguagem, no ato da leitura.

• Mentir

Tive uma outra professora de literatura que estimulava muito a criação de texto. E ela tinha uma forma de desbloquear os alunos. Lembro de uma explicação, em que dizia o que seria uma redação. Ela disse: “isso que está nesse texto literário, não aconteceu e nem vai acontecer, então o que vocês vão fazer agora é mentir”. Essa ideia da mentira me pegou plenamente. Era muito libertador poder mentir na escola. Aí me entusiasmei, passei a ser aquela aluna que entregava duas, três versões da redação... A professora também logo percebeu que eu gostava muito da escrita e pedia para eu levantar para ler. E eu já tinha gosto de ouvir o que escrevia. Isso com uns 12 anos.

• Prazer

Tão logo tive prazer na leitura, também tive na escrita. Escrevo desde muito pequena, mesmo não tendo a menor ideia, naquela época, de que faria isso para o resto da vida. Mas para ser sincera, nunca tive uma ideia de carreira — e ainda não tenho. Não consigo fazer esse traçado, como um projeto.

• Escola pública

Tomando o meu caso em específico, a escola pública teve um papel imenso na formação de novos leitores. Mas quero dizer também que, na minha classe, havia o meu interesse e o interesse de mais dois ou três alunos. Penso que talvez um jeito de a escola

atrair ou aumentar a adesão à leitura, é inverter a linha do tempo da introdução literária. Não começar com Camões, por exemplo. Começar com o Ferréz. Talvez seja um caminho melhor começar por um escritor que fala sobre a realidade atual.

• Sucateiro

A Jeanne Marie Gagnebin, professora de literatura da Unicamp, tem uma definição para escritor, que eu adoro, que é o do “sucateiro”. Ela diz que nós catamos latinhas, a gente cata aquilo que a história não conseguiu dar conta, que o direito não dá conta, que o jornalismo não dá conta, tudo que sobra. Então imagine a força que a literatura tem para a ampliação do seu próprio campo, do seu desenvolvimento sensível mesmo. Acho que se houvesse essa inversão da linha do tempo, você chegaria a Camões, entenderia Camões como uma pessoa muito próxima de um “vida louca”.

• Formação dos professores

E tem a questão também que envolve o professor e o prazer da leitura. Se o professor não teve esse prazer, acho muito difícil que ele faça uma transferência de saber. E outro ponto fundamental é que muitas vezes os professores de escolas públicas fazem vários turnos e não são leitores por questões materiais mesmo, não por uma rejeição. Esse é um lugar para nós, escritores, chegarmos, levando esse prazer da leitura aos professores.

• Trajetória

Não tinha a menor noção, desde o primeiro livro, para onde isso [carreira literária] ia. A começar pela falta de certeza de que vou terminar o livro que estou escrevendo. Depois, se vou conseguir publicar. Ou, a coisa mais enigmática do mundo, que é: como será a recepção do livro? Nem mesmo os editores têm o domínio de como o livro será recebido, porque se tivessem, teriam achado a galinha dos ovos de ouro. Então, em um caminho de quase 20 anos, pelo menos de publicação, eu vivi cada processo de escrita. E cada processo é diferente e me entrega um livro diferente.

• Livros de contos

Quando olho para os meus três primeiros livros de contos — *Minto enquanto posso*, *Nego fogo* e *Engano seu* —, percebo que havia uma linha entre eles, alguma coisa que os unia. Depois de concluídos, eu poderia até dizer, tenho uma trilogia. Mas não que eu tenha pensado isso no começo. É olhando pelo retrovisor que eu



REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



“Não conheço uma relação tão íntima com um objeto, que entregue mais intimidade, do que a leitura de um livro.”



DIVULGAÇÃO



“Que delícia é ser ‘macaca velha’. Porque é muito bom se acostumar com a selvageria da criação — e ela é selvagem. E deixar que ela seja, permitir e entender isso.”

vejo algo que se alinhava. Depois, escrevi três livros infantojuvenis, em processos absolutamente distintos também.

• Primeiro romance

Escrever *Os Malaquias*, meu primeiro romance, foi um desafio. Foram sete anos produzindo o texto, com muitas idas e vindas, abandonos da narrativa, muitas recusas de editoras, até que encontrei a Língua Geral, por onde saiu a primeira edição. E nesses sete anos, ao mesmo tempo que havia uma angústia para terminar o livro, aquilo era impossível de largar.

• Linguagem

Esse primeiro processo de escrita de romance levou sete anos. Muito tempo porque duvidei da minha capacidade de escrever um romance, além de ser um livro que estava baseado na história da minha família — e eu estava achando as emoções envolvidas na escrita absolutamente antiprofissionais. No entanto, eu tinha uma ideia de performance de escrita. Mas fui sendo traída e tendo que romper com essa ideia de performance de escrita para dar conta daquilo que a história exigia. E para mim, ali a exigência foi criar um realismo mágico e uma prosa poética para dar conta do conteúdo. Hoje eu sei que aquele era o tempo necessário para o livro.

• As miniaturas

Depois de *Os Malaquias*, publiquei *As miniaturas*, um livro que ganhou uma bolsa da Petrobras, em 2013. Depois fui fazer universidade. Estava quase me formando na PUC, comecei tudo de novo na Filosofia da USP. E a Filosofia mudou muito minha leitura, meu modo de ver e lidar com a linguagem. De ficar mais assombrada do que eu já era com a linguagem — assombradíssima, aliás. É um livro que poderia ter sido um ensaio, e não um texto literário.

• Origem de A pediatra

A pediatra, quando me veio a ideia — que é a de uma pediatra que não gosta de crianças —, pensei: bom, achei um brinquedinho. Reconheci na hora isso. Porque não precisava nem pensar em trama, nada. Sabia que era em primeira pessoa, só precisava descobrir como ela falaria. Fiquei meses escrevendo as cinco primeiras páginas. Era um processo que nunca tinha feito antes: ir refazendo e refazendo até encontrar um tom. Quando encontrei o ângulo pelo qual a personagem vê a vida, aí me coloquei a escrever.



• Processo criativo

Como tenho o fôlego curto para romances, sei que em 30 dias, escrevendo durante cinco horas, consigo levantar 120 mil caracteres. Mas isso só é possível com o tempo, porque hoje sou “macaca velha”. E que delícia é ser “macaca velha”. Porque é muito bom se acostumar com a selvageria da criação — e ela é selvagem. E deixar que ela seja, permitir e entender isso.

• Prazer na angústia

Agora, levantar o texto, não significa que ele vai ser bom. Por exemplo, o texto em que estou trabalhando há seis anos, estava escrito em um mês. Estava lá o andaime em pé. Porém, péssimo. Então não é que eu tenha aprendido essa coisa de evolução. Acho que tem um amadurecimento em relação ao fazer literário, ao entendimento do que é isso. Na minha própria vida e no entendimento do que são os livros em conexão. Fico cada vez mais abismada com o que é a literatura. Eu dirigia um carro em alta velocidade sem saber o que ele fazia. E agora eu tenho um sabor, na marcha, em colocar gasolina. Hoje, tenho prazer na angústia.

• Saramago

Este ano passei relendo José Saramago, por conta do centenário de nascimento dele. E como ganhei o Prêmio José Saramago, além de mim, muitos autores brasileiros, portugueses e africanos, foram convidados para falar do Saramago. A Companhia das Letras também me convidou para escrever o prefácio da edição comemorativa do **O evangelho segundo Jesus Cristo**, então retomei esse autor. Havia lido **O evangelho** pela primeira vez aos 20 e poucos anos, e na segunda leitura retomei esse espanto com o autor. Nessa releitura, reconheci no autor um compromisso com a escrita, que para ele também é um compromisso com a humanidade.

• Status da literatura

Um autor francês, que veio para uma das edições da Flip, o Pierre Bayard, escreveu um livro chamado **Como falar dos livros que não lemos**, que é uma retórica, porque como professor de letras e psicanalista, ele está falando de livros que você não leu, mas te levando para um caminho mais verdadeiro. Ele diz que as pessoas leem por cobrança, uma cobrança social, quase por um *status* pela leitura. E

ele fala sobre duas ocasiões de poder: a vergonha de estar diante de um escritor para falar de leituras, porque supostamente esse escritor tem muita leitura, e a vergonha de estar diante de um professor. E que se for levar em conta a leitura para fazer boa pintura no salão, basta entrar numa biblioteca e perceber títulos e a relação da história com os movimentos literários. Porque tem também uma questão de status da literatura, uma ideia de que a leitura vai civilizar ou entregar alguma coisa que não é acessível de outra forma.

• Assumir a leitura

Outra questão interessante é quando ele diz que se você leu só a orelha de um livro, assuma que você teve um contato breve com aquela obra. Se você leu só dois capítulos, assuma isso. Não dizer que fracassou. Você teve um contato com a obra e isso é alguma coisa. E também, falando em liberdade, há a liberdade de abandonar um livro. Ela é um pressuposto para a fruição da leitura.

• Pandemia

Com a pandemia e o momento de reclusão, a gente percebeu que editoras conseguiram atravessar aquele momento, que livrarias conseguiram atravessar a pandemia. Lembro até de uma livraria que abriu as portas durante o período de reclusão das pessoas. Tivemos também a Flip, que conseguiu popularizar o espaço da leitura, embora tenha nascido mais elitista e aos poucos foi ficando mais popular, com a programação paralela e a programação gratuita, nessa ideia de uma festa da literatura e que não depende de uma personalidade X para que esse hábito aconteça.

• Produção na pandemia

Falando da pandemia, em relação à literatura, para quem conseguiu, foi possível produzir. Mas para quem estava no teatro, no cinema, na dança, foi um período de morte. E a leitura e a literatura, elas saíram da pandemia, me parece, vivificadas. Principalmente na quantidade de pessoas que têm vontade de escrever — e aqui queria dizer que sempre falamos muito no direito à leitura, mas eu defendo também um direito à escrita. Para mim, não tem o menor problema se formos 300 milhões de brasileiros escritores. Isso seria muito interessante, inclusive.

• Aumento de leitores

Nos últimos 20 anos, vi aumentar o número de leitores, também o leitor passou a não ser mais um anônimo. Através dos perfis nas redes sociais, o leitor passou a ter um nome e um caminho público de leitura. Fiquei nove anos sem publicar, então eu não sentia essa capilaridade antes, dos clubes de leitura, por exemplo, de leitores que divulgam o livro. O boca a boca foi para um ambiente que pode crescer exponencialmente. Não alcança só o vizinho próximo, digamos assim. E acho que, muitas vezes, essa leitura e essa propagação da leitura tenham ajudado a aumentar as vendas dos livros, o número de leitores.

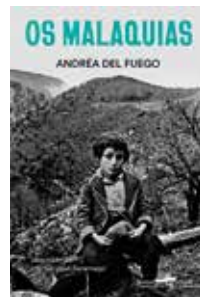
• Leitor fiel

E não é o leitor sazonal. Também me parece que há um aumento de leitores que têm já um hábito de leitura consolidado. A gente teve a Bienal de São Paulo depois da pandemia, e não me lembro de ver uma Bienal tão



A pediatra

ANDRÉA DEL FUEGO
Companhia das Letras
160 págs.



Os Malaquias

ANDRÉA DEL FUEGO
Companhia das Letras
182 págs.

Acompanhe
no canal do
YouTube do
Paiol Literário



Para ser sincera, nunca tive uma ideia de carreira — e ainda não tenho. Não consigo fazer esse traçado, como um projeto.”

histórica pelo livro, com editoras pequenas, médias e grandes vendendo além do que se imaginava. Eu vi adolescentes e pessoas mais velhas com malas de viagem cheias de livros.

• Mulheres escritoras

Sobre esse boom de mulheres escrevendo, lembro que há uns 20 anos o Luiz Ruffato organizou uma antologia só com mulheres — **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. E lembro que as notícias sobre o livro eram num tom de “vejam, há mais mulheres escrevendo do que se imaginava”. Era um espanto. E de repente, não só as mulheres publicam mais, escrevem mais, como também são a maioria dos leitores. Então é toda uma cadeia: há mais mulheres lendo, mais mulheres escrevendo, há clubes de leitura que só leem livros de mulheres, há perfis que só divulgam livros escritos por mulheres, livrarias que só vendem livros escritos por mulheres. Muitas mulheres estão em júris de premiações literárias, no mercado editorial, atuando como tradutoras, capistas e editoras.

• Mulheres nas premiações

Hoje, no dia em que conversamos aqui [9 de novembro de 2022], saiu a lista do Prêmio Jabuti. Na categoria romance, são cinco mulheres as finalistas [Andréa del Fuego, Aline Bei, Natalia Borges Polesso, Micheline Verunschik e Tatiana Salem Levy]. Quatro mulheres brasileiras estão entre os 10 melhores livros do Prêmio Oceanos em 2022. Então é um momento muito bom.

• Contemporâneos

Vejo que isso colaborou para esse momento, que acho muito frutífero, e muito esperançoso da literatura brasileira contemporânea, e um sinal maravilhoso disso é **Torto arado**, do Itamar Vieira Junior. Livro de um autor que estoura a nossa seita de três mil leitores, como diz o Marçal Aquino. Mais de 400 mil exemplares é um grande *best-seller*. E hoje, a gente sabe, conversando com colegas, que se vendem mais livros de autores contemporâneos brasileiros vivos. Há uma busca por essa leitura

• Brasil no exterior

Certamente que a música é muito mais fácil de atravessar fronteiras do que a literatura. Mas tivemos aquele boom que precedeu 2013, antes da homenagem da Feira de Frankfurt ao Brasil. Nessas ocasiões, há uma curiosidade natural sobre a literatura do país homenageado. Muitos autores brasileiros tiveram seus livros vendidos para serem traduzidos por conta daquela ocasião. **Os Malaquias** foi um deles. Claro, um pouco antes o romance já havia recebido o Prêmio José Saramago e isso ajudou. Ele foi traduzido para nove línguas.



• Isolamento da língua

Somos um país continental, mas isolados pela língua portuguesa. Nossos vizinhos todos têm uma troca frutífera e literária com seus conteúdos de identidade, por falarem a mesma língua, que a gente não tem. Acho que lemos muito mais os argentinos do que os argentinos nos leem, por exemplo.

• Novo boom

Depois da Feira de Frankfurt, deu uma baixada no interesse pela literatura do Brasil, mas percebo que agora, recentemente, voltou a aumentar. O **Vista chinesa**, da Tatiana Salem Levy, que é finalista do Oceanos e do Jabuti, é um livro bárbaro e já está traduzido em alguns países. Estou lembrando também da Giovana Madalosso [autora de **Suíte Tóquio**], do **Torto arado**, que está passeando pelo mundo. O Paulo Scott, que foi finalista do Booker Prize, acabou de fazer uma turnê pela Inglaterra. Mas é um interesse tímido, claro, se for comparado com a nossa música. Quando na verdade a literatura é um baita *soft power* desperdiçado por uma administração pública da nossa cultura. Isso é impressionante.

• Brasil atual

Vivemos esse experimento da extrema direita, acho que é um movimento internacional. O conteúdo de extrema direita, que quase não possibilita uma reflexão, porque é muito rápido nas redes sociais, nós vimos nas eleições para presidente, vimos durante o governo e vamos ver agora na oposição, loucamente. Que é para sempre deixar essa ideia acesa, enfim. Essa ideia, também, unida a uma religiosidade e a uma ideia de culto à personalidade — que não é só na direita.

• Sem ar

A gente viveu um sufocamento e deu para sentir o valor do simbólico. Como o simbólico afeta o real. Porque o presidente não entrou na casa de cada um, pegou seus livros e botou fogo neles. Mas o fato de ele dar invisibilidade para qualquer produção, sem exatamente, digamos, uma ação, foi como tirar o nosso ar para respirar. Isso em todos os campos artísticos.

• Futuro

Acho que a gente conseguiu frear um movimento de sufocamento do pensamento. É um coisa pré-iluminista esse movimento, contra a ciência, contra a racionalidade. Eu vejo luta, acho que não tem descanso. Entramos em uma era, em um clico de extrema direita, e não sabemos se está no início, no meio ou no final. Ter dado uma freada aqui, não quer dizer que essa semente não foi colocada. O que temos agora é uma extrema direita popular. 🗣️



raimundo carrero

LUTA VERBAL

FLAUBERT E AS MINORIAS

Neste momento histórico ainda tão doloroso para o Brasil, quando o negacionismo insiste em atormentar, penso reiteradas vezes em Flaubert, o gênio que mudou radicalmente a forma de narrar e utilizou as suas técnicas para debater as preocupações com as minorias, sobretudo as empregadas domésticas e as mulheres, a quem eram negados todos os direitos, até mesmo os dos sonhos, às vezes os sonhos excessivos, é verdade. Mas a natureza do sonho é ser excessivo e, por isso, é sonho, com muito de delírio, sem dúvida.

A questão do sonho delirante é que quase sempre termina em pesadelo. E o pesadelo tem muito de castigo e dor. É caso de Emma Bovary, levada ao suicídio pelo extremo do sonho, confrontando todas as regras sociais, ou melhor, todo o rígido comportamento social, que ela sabia intransigente e punitivo. Aliás, toda regra social, com sua enorme carga de limites, resulta em castigo definitivo e cruel, como é o caso do adultério.

O sexo na personagem não é só prazer e festa, é, sobretudo, o caminho para a realização do sonho, para o tormento do encantamento ou da encantação, o motivo que a levará ao desejado... Nela, o prazer não é apenas erótico. Tem uma carga muito forte de busca da materialidade, não somente de gozo, mas da busca de um ideal: o da fortuna e, com ela, o da independência.

Numa sociedade extremamente conservadora e patriarcal, Emma sabia que sua independência somente seria alcançada com a fortuna material. Enganou-se, porém, na escolha dos seus elementos: León e Rodolfo; o primeiro um mero empregado de cartório, o segundo, um agricultor desafortunado. Foi em busca de fortuna e não de gozo erótico. E eles não puderam ajudá-la.

Ainda que não falte erotismo ao consagrado romance.

Basta ver as duas cenas eróticas com León: a primeira quando ele a descobre nua e sedutora na estalagem à luz da lareira, cujas chamas entrega aos olhos ainda inocentes e ávidos de León; a segunda, naquela cena muda na charrete em Paris, já agora envolvidos na intimidade sexual que se resolve nos papéis rasgados metafóricos de quem compreende, afinal, que o sonho resultaria em sonhos ao vento. Com Rodolfo, a negativa do empréstimo a levou ao suicídio. E à compreensão de que o sonho a levaria definitivamente ao fracasso, representado pela figura do cego e o seu cajado barulhento.

Em **Um coração simples**, por exemplo, a empregada Felicidade escravizada é motivo de inveja dos patrões, e aí nasce a empregada doméstica explorada sem direitos... só trabalho, trabalho, trabalho... 🗣️



A GRANDE ESCURIDÃO

Messias, meu amigo, você sabe, todos sabem, desde o badaladíssimo big bang, há catorze bilhões de anos, o universo está se expandindo. Mas as galáxias estão se afastando umas das outras em velocidade crescente, como se fugissem de um sociopata ou de uma doença contagiosa. Os paranoicos cientistas da cosmologia não sabem exatamente por que essa velocidade de afastamento está aumentando, em vez de permanecer constante. Esse é um dos maiores enigmas da astrofísica contemporânea. Mistério que poderá ser solucionado quando soubermos mais sobre a matéria e a energia escuras, de natureza desconhecida, protagonistas-fantasmas cujo efeito aloprado afeta a dinâmica gravitacional do cosmos.

O bizarro afastamento das galáxias indica que a morte térmica de tudo o que existe — morte inevitável, my dear friend, não adiantará nada apelar a Zeus — será também uma extinção solitária. Haja ansiolítico pra tanto drama, Messias. Nos capítulos finais, todas as galáxias estarão mergulhadas num vazio absoluto. Em seguida, fiéis às leis incorruptíveis da termodinâmica, as estrelas se apagarão uma a uma e tudo o que restará será uma poeira sonolenta e antipática, formada por partículas sem tesão algum de confraternizar e constituir novas estrelas.

É a Grande Escuridão, meu querido.

Até onde sabemos, essa senhora sem libido nem senso de humor significará o fim de tudo o que existe. Mas não entre em pânico, Messias. Sem histeria, por favor. Não precisa bloquear rodovias nem protestar na frente dos quartéis. Muito menos fazer a saudação nazista em praça pública. A morte do universo não acontecerá no dia primeiro de janeiro próximo. Não sou bom em aritmética, mas chuto que ela acontecerá daqui a uns cem bilhões de anos. Ou um trilhão de anos. Ou um quatrilhão de anos. Ou mais. Pergunte ao Pedro Loss ou ao Marcelo Gleiser.

Mas a Grande Escuridão talvez aconteça antes, bem antes... É o que sugere a magnífica saga **O Incal**, escrita por Alejandro Jodorowsky e ilustrada por Moebius, você sabe, lançada em capítulos nos anos 80, na revista *Métal Hurlant*. Nessa ficção futurista, a Grande Escuridão que ameaça todo o universo é invocada pela nefasta TecnoIrmandade, uns fanáticos religiosos liderados pelo TecnoPapa, adorador do supremo Incal Negro.

Os bons lembradores se recordarão, querido amigo, de que no igualmente magnífico **A história sem fim**, romance de Michael Ende lançado na Alemanha em 1979, o *nada absoluto* opera da mesma maneira que a Grande Escuridão: “Para além dessas árvores não havia nada, absolutamente nada. Não era um lugar ermo, nem uma zona escura ou clara. Era algo insuportável à vista, algo que dava às pessoas a sensação de terem ficado cegas. Pois não há olhos que suportem olhar o nada absoluto”.

Em outra passagem: “Fuchur também estava muito cansado. Até suas forças, que pareciam inesgotáveis, estavam chegando ao fim. Mais de uma vez tinham visto lá embaixo, durante o prolongado voo, os pontos da paisagem onde o Nada se alastrava, e para os quais era impossível olhar sem a sensação de se estar cego. Vistos daquela altura, muitos desses lugares pareciam ainda relativamente pequenos, mas havia outros que eram tão grandes quanto países inteiros e se estendiam até o longínquo horizonte”. (Tradução de Maria do Carmo Cary)



Ilustração: **Kleverson Mariano**

Nos últimos anos, Messias, você percebeu que a noção de uma força maligna devoradora de tudo ganhou impulso entre nós, graças principalmente ao criminoso impeachment da presidente Dilma Rousseff, à pandemia de covid-19 e à ascensão do necrofascismo à moda da casa. Não me surpreende, então, my dear, que uma coletânea de contos sobre a Grande Escuridão tenha sido gestada ao longo de 2022, por um coletivo de escritores paulistas chamado KriptoKaipora. Quem são? Em suas (poucas) próprias palavras: “o coletivo KriptoKaipora, formado em 2019, reúne escritores apaixonados por ficção científica (em todas as artes), ciência, tecnologia e futurismo”.

Na apresentação de **O dia em que o universo fechou os olhos**, coletânea lançada pela Desconcertos, o grupo anuncia o assunto central das doze ficções reunidas: “A famigerada Grande Escuridão, também chamada de Vazio Supremo, ou Nada Absoluto, ou Voraz Voragem, é o fenômeno apocalíptico que está roubando toda a energia do universo, apagando as estrelas e as galáxias, trazendo a morte a tudo e a todos agora mesmo”.

Apassionados pela obra psicodélica da dupla Jodorowsky-Moebius, os kriptautores homenageiam abertamente a saga **O Incal**, mas de uma maneira bastante tropicalista, querido Messias, cabendo até mesmo uma epígrafe de Stella do Patrocínio (do livro **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**):

*não deu tempo
eu estava tomando claridade e luz
quando a luz apagou
a claridade apagou
tudo ficou nas trevas
na madrugada mundial
sem luz*

Os doze contos de **O dia em que o universo fechou os olhos** abordam a Grande Escuridão de maneiras muito particulares. É certo que existe um universo literário comum, um substrato compartilhado por todos, mas o que prevalece é a marca individual de cada autor, seu estilo, sua cosmovisão. A grande surpresa, ao menos pra mim, meu amigo, foi uma seção chamada *Kriptopédia*, que não é um conto, mas uma coleção de “verbetes (em ordem aleatória) compilados pelo BiblioTecário **BARUX BARONTOX** em 3003GVT, a partir das antropofagias físicas, metafísicas e patafísicas dos kriptokaiporas psiconautas do aglomerado globular Pyndorama KhorpoMenthe”.

Podemos dizer que a *Kriptopédia*, dividida em onze partes intercalando os contos, é um bem-vindo alívio cômico, Messias, um pequeno arquipélago de divertidos disparates num oceano de tecnodramas e cybertragédias assombrado pela Grande Escuridão. Provem este aperitivo:

Galáxia Rüweri: Galáxia espiralada de doze braços. Cada braço homenageia um atleta da seleção de tecnofutevôlei de 2002GVT, a saber: Alice, Pantagruel, Gargântua, Dante, Macunaíma, Maccondo, Moebius, Kilgore, Otel, Quixote, Diadorim e Goku.

Humano: Criatura vinda da mítica Bolota Original. Ou ainda: alien que acredita ser descendente de criaturas que teriam vindo da mítica Bolota Original. Ou ainda: alien que acredita ser tão legal parecer um humano que decidiu ser reconhecido como um humano. Ou ainda: alien que acha os seres humanos um bicho tão deplorável que decide se camuflar parecendo

um deles. Ou, por mais estranho que pareça, pode ser que o gajo seja mesmo um humano, vocês sabem: uma criatura vinda da mítica Bolota Original.

Vapor Todo-Poderoso: Divindade suprema dos extraordinários seres gasosos-brylhosos da Nebulosa Kabulosa. Também chamado de Altíssimo Nevoeyro, Maluko do Karalho, Fumacynha de Eskapamento etc. etc.

Petlove: o mesmo que cachorrobô, só que fofinho. Ver *Cachorrobô*.

Cachorrobô: o mesmo que petlove, só que mais bravo. Ver *Petlove*.

Absoluto Dissociado: Como a coletividade fúngica da Terra33 chama a Grande Escuridão.

Meta-Sumô: quarto esporte mais popular da Galáxia. Perde apenas para o ciberminigolfe, o tecnofutevôlei e o paleopolitinho.

Xamás-Insetos: Enxame hipertelepático de gafanhotos, borboletas, besouros, abelhas etc. originários do planeta Marthe.

A Interface: De acordo com os escandalosos aracnídeos sensacionalistas do Braço de Macunaíma, a Interface foi uma vibração muito tênue, quase imperceptível (se você não estiver procurando) que alterou levemente as leis da física, promovendo pequenos atrasos, confusões e mal-entendidos entre as civilizações. Seu efeito mais nocivo foi interferir nos dados sagrados da Meta-História, inserindo pequenas falsificações nos documentos e na longa História estabelecida da Galáxia e das civilizações. Qualquer erro de revisão, continuidade ou causalidade encontrado nas ficções desta coletânea deve ser colocado na conta da Interface, essa filha da puta sacana e bagunceira. 🍌

rascunho recomenda

A nona edição da revista literária *Granta*, em sua versão em língua portuguesa, tem como tema a Rússia. A escolha do país, feita ainda em 2021, precedeu a invasão da Ucrânia pelo exército de Putin. No entanto, os editores não enxergam uma identificação entre os atos belicosos de Putin e a história e a força cultural do país. “A Rússia não se confunde com os regimes que têm em cada momento, ainda que as tentações imperiais venham de longa data”, escreve o editor Pedro Mexia em seu texto de apresentação. Múltiplos perfis culturais e geracionais se misturam na seleção de autores: Elif Batuman, Camila Chaves, Hélia Correia, Clara Drummond, Reginaldo Pujol Filho, Masha Gessen, Ana Matoso, Pepetela, José Pacheco Pereira, António Pescada, André Sant’Anna, Colin Thubron e Amor Towles. Os ensaios fotográficos são de Mauro Restiffe e Mariana Viegas (responsável também pela imagem da capa).



Granta – Rússia
VÁRIOS AUTORES
Tinta-da-China
316 págs.

DIVULGAÇÃO



Vida dupla

MARIANA IANELLI
Peirópolis
72 págs.

Neste **Vida dupla**, Mariana Ianelli faz uma homenagem a Henriqueta Lisboa, criando uma voz lírica que se conecta com o incomum dos versos e paisagens da poeta mineira. Com fluidez, Mariana esconde, na forma e no vocabulário, a matéria-prima emprestada para novos assombros e sobressaltos; amplia e encurta distâncias entre tempo e espaço, o invisível e a imagem que perscruta em outros mundos, num exercício de alteridade e espelhamento entre a poesia e o leitor. Autora de 13 livros de poesia, entre eles **Manuscrito do fogo** (2019), que marca os vinte anos de sua produção poética, e **América — Um poema de amor** (2021), finalista do prêmio Oceanos 2021, Mariana publicou também crônicas e obras infantojuvenis, recebendo diversos prêmios, entre eles a menção honrosa no prêmio Casa de las Américas (Cuba) em 2011. Durante quatro anos, foi editora de poesia do **Rascunho**, onde atualmente escreve crônicas mensais.

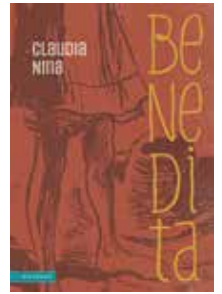


Eles herdarão a Terra & Comba Malina

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ
Instante
280 págs.

A Instante tem resgatado a obra literária de Dinah Silveira de Queiroz, escritora que foi muito popular a partir da década de 1960, mas cuja obra estava esquecida. O mais recente lançamento traz a produção da autora na ficção científica. Ela é considerada uma pioneira no gênero, que conheceu aos seis anos através do pai, Alarico Silveira, ouvindo-o narrar, e às vezes até recriar, clássicos de Júlio Verne e H. G. Wells. No volume **Dinah fantástica**, estão reunidos dez contos em que a autora explora elementos do gênero, reproduzidos de **Eles herdarão a Terra**, originalmente publicado em 1960, e de **Comba Malina**, de 1969. Na carta aos leitores que abre o primeiro livro, ela diz: “Receba, portanto, a minha procissão fantástica, como as mil e uma faces do autor num espelho partido”. A incursão de Dinah na ficção científica não se restringe a cenários intergalácticos e criaturas extraterrenas, mas aborda temas urgentes a seu momento histórico, sem soar datados ao público contemporâneo.

No romance **Benedita**, Cláudia Nina narra a dura jornada da personagem-título em busca de uma vida longe da fome e da falta de perspectivas. De acordo com Godofredo de Oliveira Neto, que assina o texto de orelha, o livro traz uma “renovada força dramática”. “Ela deixa a paisagem aquática do romance de 2014 [**Paisagem de porcelana**] e penetra em um árido povoado não identificado do Nordeste, onde mora a protagonista e sua família miserável e faminta”, resume o autor catarinense. Para escapar desse cenário, no entanto, **Benedita** terá de lidar com muitas perdas, guiada pela esperança de levar sua mãe para longe do sofrimento.



Benedita

CLAUDIA NINA
Dialogar
122 págs.

Em seu romance de estreia, Diógenes Moura tem a morte de sua única irmã como ponto de partida para criar uma narrativa que, apesar de lidar com o luto, celebra a vida e memórias familiares. O livro, que começou a ser escrito na manhã de 30 de junho de 2018, nasceu de uma ligação: “Semana passada senti dores nas costas. Fiz uma tomografia, estou com um câncer no pâncreas!”. A partir daí, entre São Paulo e as constantes viagens para visitar a irmã em Salvador, Moura pôs no papel — com toques oníricos, em uma espécie de prosa poética — a trajetória da pessoa que, dali a seis meses, seria levada pelo câncer.



Vazão 10.8 – a última gota de morfina

DIÓGENES MOURA
Vento Leste
104 págs.

A poeta Paola Schroeder constrói em **À beira da palavra** uma diversidade temática que vai do erotismo às convulsões psíquicas do nosso tempo. Em sua escrita, apresenta poemas que tratam da exclusão social urbana e da busca da beleza como antípoda da mesquinha e da miséria material. De Toledo, no interior do Paraná, a autora já integrou a plaquete **Tanto mar sem céu** e a antologia **No meio do fim do mundo**, além de ter publicado seu trabalho em revistas e jornais de literatura do Brasil.



À beira da palavra

PAOLA SCHROEDER
Patuá
108 págs.

Neste seu novo livro, Marcus Borgón reúne 28 crônicas que abordam temas como o fracasso, a infância e a feiúra, permitindo-se, inclusive, rir de si mesmo. A matéria-prima dos textos se alterna entre a evocação das memórias de infância, que podem ser reais ou imaginárias, e as observações de quem vê a vida passar diante dos olhos sem forças ou desejo para interferir no seu curso. O autor demonstra um olhar irônico ao retratar o cotidiano, extraindo dele humor e lirismo, tal como faz ao retratar entrevistas de emprego fracassadas.



O que sobrou do mundo

MARCUS BORGÓN
Villa Olívia
140 págs.

Em seu mais recente livro, Flávio Carneiro reúne contos curtos que conduzem o leitor a “breves viagens sensíveis pelo cotidiano”. Valendo-se de imagens poéticas, de humor e de ironia, **Paisagem com segredo** revela a força de cenas aparentemente corriqueiras: uma menina angustiada diante do cabelo de uma boneca, as histórias de ninar de um pai, o roubo de um livro, o carinho de um garoto por seu cachorro, etc. Os textos foram publicados originalmente na coluna que Carneiro manteve, entre 2016 e 2018, no jornal *O Popular*, de Goiânia.



Paisagem com segredo

FLÁVIO CARNEIRO
Maralto
80 págs.

nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

UM ANJO DE FITA VERDE

Ilustração: Carolina Vigna

Cecília Meireles sustentava, unido a Monteiro Lobato, um projeto de país em que as crianças fossem leitoras de literatura. Ciente das dificuldades a enfrentar, não esperava, porém, que a biblioteca por ela fundada no Rio de Janeiro, a primeira de caráter público e com acervo pensado para as infâncias e as juventudes, fosse fechada pelo governo do Estado Novo, que identificou a subversão patente na oferta das obras de Mark Twain às crianças.

Tinha sua razão, o censor. Permitir que personagens jovens, mal saídos da infância, sejam capazes de reagir à exploração e aos maus tratos por parte de adultos incapazes de gerirem a própria vida e oferecer, de lambuja, a estampa cruel e absolutamente legal de um sistema de emparedamento humano não é do bom grado de sistemas que tenham por intenção controlar corações e mentes. As personagens Tom Sawyer e Huckleberry Finn não se prestavam, em absoluto, ao desfile de Sete de Setembro no Brasil dos últimos anos de 1930.

Fiel a si mesma, Cecília continuará o trabalho. A circulação de algumas obras é suspensa durante um tempo, mas elas permanecerão, subsistindo nas personagens a capacidade de inquietar o espírito humano. Essa e outras argutas perspectivas da autora expõem-se no fundamental **Problemas da literatura infantil**. Conceituar — em meados do século passado — que a literatura para crianças define-se em grande parte em procedimento *a posteriori*, por apropriação de leitores e leitoras daquilo que lhes agrada, reconhecendo a manifestação de uma sensibilidade estética própria e autonomia para o exercício do gosto, contribuiu bastante para fundamentar a mudança de paradigmas em relação à produção editorial oferecida a esse público. O investimento na indústria do livro infantil e juvenil mostra-se maciço, dá-se o surgimento de instituições e prêmios, multiplicam-se as bibliotecas escolares, viabilizando o projeto da futura nação de leitores.

Ao final dos anos 1980, a ousadia de Lúcia Jurema Figuerôa engendra um acontecimento memorável. A editora toma um conto de Guimarães Rosa de **Ave, palavra**, entrega-o ao ilustrador Roger Mello, com a incumbência de fazer um livro atraente para um leitor implícito entre infância e adolescência. Surge o extraordinário **Fita verde no cabelo**, texto destinado originalmente a adultos, que passa a ter presença imprescindível nas bibliotecas infantis.

Aberto o caminho, menos inovador talvez do que pareceria se ponderada a apropriação referida, novas experiências evidenciam o destaque do livro ilustrado na tradição brasileira de formatos do livro para crianças e jovens e confirmam a importância da *indefinição de idades* para o consumo de literatura. Nesse diapasão, a *fita verde* de Rosa — delicada imagem da inocência que se perde no trajeto entre infância e os primeiros embates a anunciar a vida adulta — alarga o fôlego do leitor. Sem levantar discussões sobre especificidades de uma literatura para jovens, e enfatizando o direito à plena experiência literária, na qual não há compromissos outros senão a representação da complexidade do existir humano, afirmamos ser de bom alvitre a presença de mais *fitas verdes* no campo editorial que tem nesse público seu maior interesse.

Publicado em 2010, **Anônimos**, de Silviano Santiago, autor há pouco agraciado com o prêmio Camões, apresenta narrativas e personagens a serem levadas com urgência ao leitor jovem, comumente dividido entre escolhas pessoais de leitura, classificadas por Roger Chartier de *selvagens*, na medida em que escapam ao cerco pedagógico de pais e professores, e as costumeiras indicações do que “os jo-

vens devem ler”. Junte-se a isso a força do mercado, sublinhando as opções temáticas do momento, e os dilemas da existência expostos em *Frescobol*, *Dezesseis anos* e nos admiráveis *Ceição Ceicim* e *O anjo* acabam fora do alcance desse grupo de leitores. E que perdem eles?

Perdem a clareza de Huck Finn, que delibera ouvir a própria consciência acerca do que deve fazer, em vez de seguir as normas sociais fundamentadas no poder do mais forte; perdem o desgarramento de Tom Sawyer nas fantasias que permitem o enfrentamento de uma realidade cruel e alienante; perdem a visão partilhada do abismo humano de que fala Georges Bataille. Ganham, na leitura dessas obras, a lucidez de vislumbrar o emparedamento, aquele que acomete o negro Jim nos Estados Unidos escravocrata do século 19, aquele outro, sempre bem conhecido em cidades grandes de nosso país:

Sinto um calafrio em pensar que o bonde pode passar pelo ponto e não parar para mim. Isso aconteceu em Belém, quando o motoneiro via um pé-rapado no ponto, à espera do bonde fechado. [...] e a mera possibilidade de se repetir ameaçava os meninos pobres como fantasmas vestidos de branco em comédia do gordo e o magro.

Emparedado por condições de pobreza e pela única perspectiva de servir ao projeto dos pais, o protagonista de *Dezesseis anos* ouve a devida voz interna, rompe as paredes que o constroem, abandona a casa familiar. Reconhece mais tarde: “Aos dezesseis anos, eu era o mesmo que fui sendo aos poucos, airadamente”. Caminho semelhante pode-se encontrar em *Separação*: “...os garranchos de pedra lascada do rapazinho afoito escreveram que deveria ir-me dali”. Mas nosso olhar pausa com atenção incomum sobre outro menino. De natureza perrengue, na visão do pai, “alheio a qualquer tarefa física e a qualquer caminhada”, sem um corpo sacudido capaz de fazer rolar a bola em campo como os de sua idade, ele sonha realidades maravilhosas, cria poemas visuais, feitos de “...linhas imaginárias na folha de papel da noite. [...] As linhas iluminadas atavam cada estrela à lâmpada acesa correspondente”.

Por uma dessas linhas desceu o anjo, para o espanto do menino, pois não havia “lâmpada acesa perto dele”. Baixa do céu valendo-se apenas do tecido desenhado por Deus e deixa com o garoto de nove anos “o olhar macio de bondade”. Vem

uma e outra vez, mas chegadas as chuvas de março, o menino trancado em casa, o anjo é tomado de saudade. Em prisão de abecedário, a criança cumpre a sina dada pelo pastor evangélico: por falta de estudo não vá se tornar “preguiçoso, mendigo, pecador”.

O travo é amargo. A leitora constrói sentidos na leitura de *O anjo*, pergunta-se por onde escapar? A literatura à qual está, em geral, habituada, e que desempenha importante papel em sua história pessoal, costuma oferecer saídas claras e positivas. Para essa outra literatura “na veia”, no entanto, é preciso estar preparada, e não somente ela, mas docentes e outros mediadores. Ao final do texto, a dura certeza da realidade pede a coragem para adentrar a floresta, sabendo embora do lobo e de seus perigos.

A fita verde, perdida pela menina de pouco juízo indo ao encontro da avó, contém em si o brilho da sedução do outro, mas também a necessária morte da ancestral, para permitir nascer o pleno de si. Essa mesma fita, pousada sobre essas personagens de **Anônimos**, mostra-se bom augúrio editorial para o país que se vê autorizado, de novo, a pensar verde. **■**



rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs



Ragu 9

VÁRIOS AUTORES
Cepe HQ
135 págs.

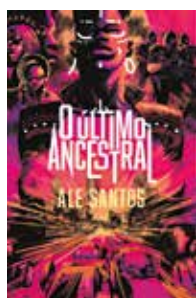
Provocados a refletir sobre o futuro, 35 quadrinistas, editores e ilustradores exibem suas narrativas experimentais — escritas e gráficas — neste álbum. Vários autores criaram histórias sobre o espaço periférico das cidades e sobre questões identitárias. O nome da HQ faz referência ao ensopado usado na culinária, mas aqui “troca-se o mix de carnes pelo de artistas”. A diversidade é a característica mais marcante da publicação, misturando autores veteranos e novos. A *Ragu* passou a ser publicada pela Cepe a partir do número oito, lançado durante a pandemia, em 2021. Mas a revista começou com a edição número zero, há cerca de 20 anos, quando Christiano Mascaro e João Lin iniciaram a publicação com a proposta despreziosa de apenas escoar a produção, que trazia uma característica mais de fanzine.



Lá fora

ANDRÉ NEVES
Companhia das Letrinhas
64 págs.

O escritor e ilustrador André Neves conta uma história sensível e poética em seu novo livro, cujo protagonista é um camaleão que ousa se aventurar do lado de fora de seu reino sem cor. Na história, recomendada para leitores a partir dos cinco anos, um reino onde não havia cor alguma era habitado por camaleões que obedeciam a um imperador que mandava e desmandava à própria vontade. Entre as ordens, a principal era a de que ninguém podia explorar o lado de fora do reino. Quando um camaleão se arrisca e vê um pouco do que o mundo guarda, encontra surpresas e cores que jamais imaginara existir. Aliada à narrativa, a obra traz imagens vibrantes feitas por Neves, que mostram quão poderosas podem ser as pequenas revoluções que empreendemos — e como elas são capazes de mudar o curso da nossa própria história.

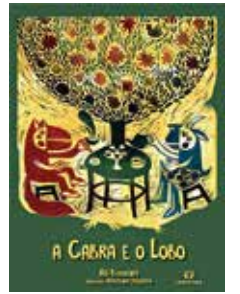


O último ancestral

ALE SANTOS
HarperCollins
352 págs.

Nesta ficção científica, o ativista Ale Santos usa elementos do afrofuturismo em uma narrativa urbana repleta de referências à fé, à cultura e à história africana no Brasil. Localizada na periferia do Distrito de Nagast, num futuro ultratecnológico, fica Obambo, a favela para onde quase toda a população negra foi exilada quando os Cygens — híbridos de homens e máquinas — tomaram o poder, estabelecendo uma forte política de segregação racial e proibindo o uso da magia, a propagação da fé e o culto aos deuses. É lá que mora Eliah, um jovem que busca no esquema de roubo de carros uma vida melhor para si e para sua irmã, Hanna, uma adolescente autodidata em linguagens eletrônicas. Porém, ele vê sua vida mudar completamente ao descobrir que carrega em si o espírito do Último Ancestral, entidade poderosa capaz de salvar os obambos. Finalista do Prêmio Jabuti 2020 com o livro **Rastros de resistência**, Ale Santos colabora com histórias da cultura negra para o site *Muito Interessante* e para o jornal *The Intercept Brasil*.

A cabra e o lobo é o primeiro livro do iraniano Ali Boozari publicado no Brasil. O escritor e ilustrador nasceu em Teerã, e seus livros são baseados em histórias clássicas que conhece desde pequeno. É assim com esta obra, uma fábula de origem iraniana que se fez presente em inúmeras culturas. Trata-se da história de um lobo faminto que resolve comer os filhotes de uma cabra. Ao saber que ela estaria fora de casa, ele espertamente tenta convencer os pequenos a que permitam que ele entre na casa deles.



A cabra e o lobo

ALI BOOZARI
Trad.: Penélope Martins
Caraminhoca
32 págs.

Em poemas direcionados ao público infantil, Roseana Murray fala sobre a passagem do tempo, a transitoriedade, a mudança das formas e a imaginação infantil: a lagarta que vira borboleta enquanto a criança dorme, o menino que vira pirata, vira cantor, vira mágico. O livro conta com ilustrações de Mariana Massarani e o texto de orelha é assinado pela narradora de histórias Penélope Martins.



Vira virou

ROSEANA MURRAY
Ilustração: Mariana Massarani
Nova Fronteira
64 págs.

Autor *best-seller* do *The New York Times*, Brandon Sanderson publica agora no Brasil um de seus trabalhos mais ambiciosos. **O caminho dos reis** é uma saga épica. Roshar é um mundo de pedras e tempestades. Essas estranhas tormentas, de incrível poder, varrem o terreno rochoso com tanta frequência que terminaram moldando não apenas a ecologia, mas também a civilização. Animais que se escondem em conchas, árvores de galhos rígidos e as cidades só podem ser construídas onde a topografia oferece abrigo. Um mundo criado ao longo de dez anos de trabalho do autor americano.



O caminho dos reis

BRANDON SANDERSON
Trad.: Pedro Ribeiro e Paulo Afonso
Trama
1.240 págs.

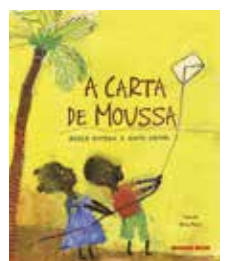
Morador da cidade fictícia de Barilí, interior de São Paulo, Lu está desempregado, mora com a avó e leva a vida sem preocupações, sempre na companhia de cigarro, cerveja e *trash food*. Porém, após um ataque cardíaco quase tirar sua vida, ele decide que está na hora de tomar jeito. E que forma melhor de tomar jeito do que enfrentando uma rede de neonazistas incendiários? Protegidos pela negligência da polícia local, o burguês Bruno e sua gangue de arruaceiros fascistas acham que podem fazer o que quiserem. Mas a justiça vem de bicicleta, e quem pedala é um herói improvável.



Agropunk

ULISSES GARCEZ
Veneta
136 págs.

Em 2018, **A carta de Moussa** foi selecionado para figurar o Catálogo White Ravens da Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique, na Alemanha. Com uma prosa poética, o catalão Roser Rimbaud conta como um pedaço de papel, que veio com o vento, dá a Moussa a ideia de fazer um desenho para o pai, que está distante vivendo em outro país. Assim, o menino pode ajudá-lo a se lembrar das coisas, pessoas e lugares de seu povoado.



A carta de Moussa

ROSER RIMBAUD
Ilustração: Rocío Araya
Trad.: Nina Rizzi
Brinque-Book
40 págs.

publique!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu
livro/ebook**


thapcom
design + ideias

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com


tércia montenegro

TUDO É NARRATIVA

MUSEU DA RISADA

Agora que a pandemia caminha para um arrefecimento (não quero ainda usar a palavra *fim*), temos a perspectiva de inauguração de um projeto que nasceu em meio aos piores sentimentos de angústia causados pela covid-19. O Museu da Risada, como o próprio nome indica, cataloga variados tipos de riso — em sonoridade e outras mídias — para que não esqueçamos o benefício do bom humor.

Certa vez, em 2015, visitei uma mostra do Museum of Brokenrelationships, que surgiu na Croácia mas já abriu exposição em diversos países. A melancolia dos objetos — e de suas histórias, todas pertinentes ao acervo de um museu dos corações partidos — fez com que eu ponderasse: por que as pessoas estariam interessadas em relatos dolorosos, fracassos, perdas, e não em um projeto que aumenta a imunidade através da alegria? De fato, é uma questão de saúde pública que as pessoas ouçam outras rirem, porque o mecanismo contagia. Sabemos da prática indiana de, em círculo, juntar um grupo durante um período, para praticar a terapia do riso. A endorfina vai às alturas.

Conversei com o artista Paulo Montserrat, idealizador da coleção de gargalhadas. Ele também atuou como o principal coletor de obras, e me disse como até hoje não inaugurou o Museu porque lhe falta a gravação de certo misantropo conhecido por sua risada enigmática, um som único, que desabrocha como uma daquelas raras orquídeas. Montserrat persegue essa pessoa com um microfone (aventa-se que a risada em questão é mínima e em tom discreto, baixinha, uma risada com tentáculos frágeis e transparentes). Ter a risada desse homem equivale a possuir um Monet no museu.

Entretanto, o acervo já tem grande valor, mesmo sem essa preciosa e específica peça. Para os itens disponíveis — mais de uma centena — disponibilizou-se a descrição em legendas para surdos. Na vindoura exposição, a legenda aparecerá fixada ao lado dos fones de ouvido que transmitem as risadas em áudios. Talvez antes da experiência sonora alguém inclusive se sinta tentado a conferir sua descrição, como quem lê o rótulo de um vinho antes de prová-lo. “Risada aguda atingindo momentos de solfejo, com breves interrupções causadas por apneia” é um exemplo, e suponho que a própria legenda vá gerar novas risadas, fazendo assim com que o museu se retroalimente.

É importante ressaltar que nos aparelhos de escuta as risadas são disponibilizadas sem contexto, mas a legenda acrescenta o perfil da pessoa que a produziu e fornece mais detalhes sobre a risada, se ela é pontual, exclusiva ou típica de uma região (“da Borgonha, com toques levemente sarcásticos”), se foi originada por uma piada de mau gosto ou por elementos cômicos banais etc. O deslocamento do contexto, conforme explica Montserrat, foi necessário para não haver confusões linguísticas ou impedimentos com direitos autorais das possíveis anedotas motivadoras do riso.

O Museu também se incumbiu de contratar especialistas capacitados para estipular uma unidade de medida para as risadas. Inicialmente se cogitou mensurá-las em decibéis — porém, diante do argumento incontestável de alguns cientistas, que lembraram a existência de muitos risos sufocados, risos íntimos ou pouco audíveis, por assim dizer, mas que nem por isso deixam de ser manifestações legítimas, capazes de afetar um organismo com tanta eficiência quanto uma gargalhada estrondosa, a equipe concordou que o aspecto acústico não era o mais decisivo.

A unidade devia considerar espasmos corporais (principalmente na região do abdome), ocasionais lágrimas e congestionamento facial, dificuldade para recuperar o fôlego e taquicardia, suores e, finalmente, a sensação re-

laxada que sobrevém ao acesso. A escala que pondera todos esses elementos foi obtida mediante certos cálculos, faltando apenas batizá-la. Muitas controvérsias depois, ganhou a proposta que homenageia Henri Bergson, autor do clássico **O riso**, e assim hoje podemos medir a quantidade e o tipo de resultado cômico em henrisos.

Médicos já estão adotando henrisometrias, para estimar a dose diária que garante a saúde dos pacientes, dependendo de cada caso — e o Museu da Risada fornece inclusive um convênio com planos de estímulo henrisométricos. Uma pequena ambulância, com sirene que imita uma hiena, anuncia atendimentos de emergência para crises de tristeza ou melancolia: a Brigada da Risada está sempre a postos, com parapiadistas especializados em trocadilhos, cócegas ou truques imitativos.

Apesar de tantos desdobramentos científicos, o Museu propriamente dito é bastante prático e econômico. Para se montar uma exposição, basta carregar os arquivos de áudio e legendas; não se exige grande estrutura. A vocação itinerante da proposta combina com o seu caráter holístico: pretende-se que seja uma instituição de frágil materialidade e reduzida burocracia, celebrando a fugacidade no estilo mesmo de um efêmero riso.

No futuro, ainda, a existência de um site disponibilizará o acervo para qualquer parte do mundo, através de um acesso

instantâneo. E neste espaço teremos também um pequeno conjunto de fragmentos literários, passagens de autores clássicos que se dedicaram a cenas hilárias, mesmo que tangencialmente. Um dos exemplos que adianto é este, retirado d’**Os demônios**, de Dostoiévski:

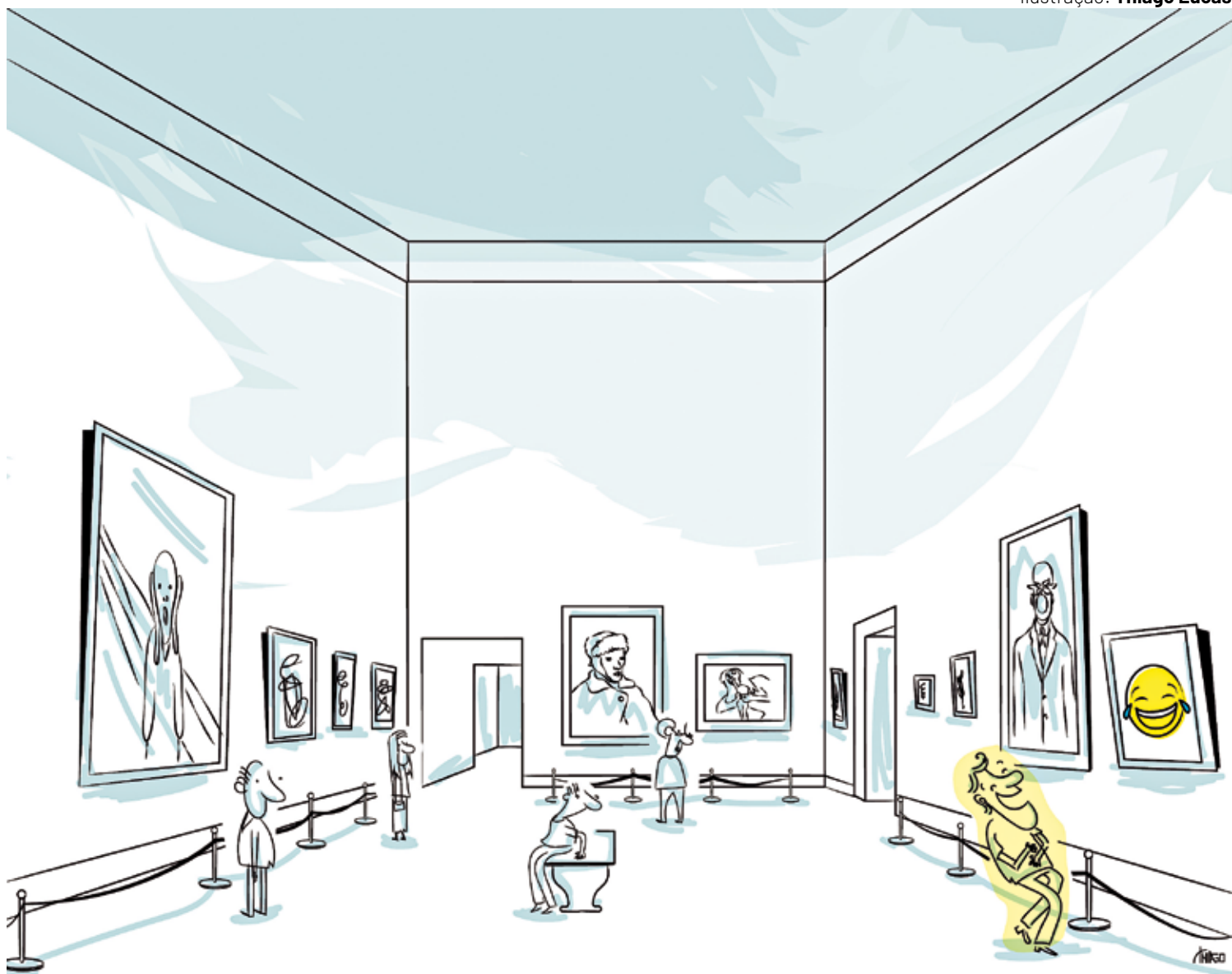
Após essas palavras, a estúpida cara vermelha do capitão (estava chapado de bêbado) se desfez num sorriso largo e aparvalhado. Levantou a mão, enxugou a testa, sacudiu a cabeça desgrenhada e, como quem se decide a tudo, deu dois passos adiante e... de repente bufou uma risada, não alta, mas sonora e modulada, longa, feliz, que fez sacudir-se toda a sua massa fornida e encolherem-se os olhos miúdos. Diante dessa visão, quase metade do público desatou a rir, vinte pessoas começaram a aplaudir.

Não resisto a apresentar esta outra citação, agora do romance **Sula**, de Toni Morrison:

Nel apoiou a cabeça sobre os braços cruzados enquanto lágrimas de gargalhada pingavam nas fraldas mornas. Era uma risada de dar fraqueza nos joelhos e fazer a bexiga entrar em ação. Seu soprano ligeiro e a gargalhada sombria e modorrenta de Sula criaram um dueto que assustou o gato e fez as crianças virem correndo do quintal, primeiro confusas pelos sons selvagens, depois encantadas em ver a mãe tropeçando alegremente rumo ao banheiro, segurando a barriga, cantarolando em meio à gargalhada: “Ai. Ai. Meu Deus. Sula. Para com isso”.

Dentro da coleção também se poderá encontrar o curioso excerto de uma carta de Flaubert, em que o autor defende que foi certo estilo de riso, uma espécie de cacarejo muito típico, o verdadeiro motivo para que o galo tenha sido eleito o símbolo da França. Essa hipótese ladeia o fragmento de Giorgio Vasari, com o relato da morte do escritor Pietro Aretino, de um infarto provocado por excesso de risadas — prova de que o tema guarda inclusive uma surpresa macabra: a hilaridade fatal. **■**

Ilustração: Thiago Lucas



Enterrando baleias com uma pá

Em romance e antologia poética, **Lilian Sais** falha ao tentar enxergar o insondável no banal por meio de elemento alegórico

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ

Em dois lançamentos recentes, a paulistana Lilian Sais opera sua escrita por meio da inter-relação de gêneros. Enquanto o volume poético **Motivos para cavar a terra** substancia a materialidade de seus versos na prosa, o romance **O funeral da baleia** modula seu estilo na prevalência de um lirismo alegórico. Do mesmo modo, embora produtos de concepções formais distintas, ambos apresentam certos aspectos de similaridade: o uso de uma estruturação fragmentada que destaca os hiatos, a condução de um andamento de saltos que busca uma reiteração paralelística entre os segmentos, a escavação da memória como esteio narrativo e o desatamento da linguagem para ressignificar experiências num ambiente de dramas pessoais e/ou coletivos. É exatamente neste último procedimento que os livros igualmente demonstram falhas. Ao tentar enxergar o insondável no banal, a autora procura estabelecer um vínculo entre um espectro sentimental e uma imagem metafórica que não se cumpre, pois muitas chaves de entendimento são substituídas por elipses. O resultado são implicações que ficam à deriva no texto e articulações frouxas, malfeitas e inexistentes.

Tais problemas se evidenciam com mais expressão em **O funeral da baleia**. Com menos direcionamentos do tema central, o romance peca exatamente na analogia que eleger como extensor interpretativo. A trama se inicia com um breve episódio sobre uma baleia que encalha numa praia, chicoteando sua cauda em negativa à morte. Uma transição brusca depois, uma narradora anônima relata uma chamada noturna que lhe avisa sobre a morte da mãe. Outro desvio e a narração agora muda para a terceira pessoa, focada na rotina pálida entre um pai e uma filha. Este formato irá predominar pela história e, pouco a pouco, revelar que tudo, de uma maneira mesmo suspeita, está correlacionado.

Quem recebe a notícia da perda é Joana, que divide a mesma casa com o pai, Artur Pereira, agora viúvo. Eles residem em Assum Preto, uma “cidade vazia para o tamanho, com pouco pássaro para o nome”, atados a um relacionamento frio e distante, que se dispersa ainda mais a partir da pressão da ausência sobre ambos. A filha, fiada em lembranças e testemunho do curso dos fatos, irá decifrar um machismo que se decanta dos pequenos gestos cotidianos, muitas vezes travestidos de zelo e instrução. O homem, forjado por dogmas patriarcais, lutará contra a imanência da velhice, sustentando a aparência de uma virilidade em inevitável demolição.

Assombrados por essas possibilidades de finitude, os personagens encenam um teatro de melancolia no qual se detalham ações corriqueiras com certa insistência e repetição, de modo a produzir uma cisão na primeira camada da trama e trazer à tona reflexões elusivas sobre solidão, luto e orfandade. A questão é que essa é uma temática extremamente batida — aliás, corre o risco de



A AUTORA

LILIAN SAIS

É escritora e preparadora de textos. Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, também atua como produtora e roteirista de podcasts, entre os quais *Como o poema*, sobre a poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres. Em poesia, publicou a plaquete **Passo imóvel** (Cozinha experimental, 2018) e os livros **Acúmulo** (Patuá, 2018) e **Uma baleia nunca dorme profundamente** (Hecatombe, 2021). Seu primeiro romance, **O funeral da baleia**, foi contemplado pelo ProAC 2020. Conquistou o Prêmio Cepe Nacional de Literatura 2021, na categoria poesia, com a antologia **Motivos para cavar a terra**.

se tornar um subgênero da literatura contemporânea brasileira, dada a quantidade de publicações recentes nas quais um narrador tenta lidar com os efeitos da morte de um parente —, e a autora procura escapar da fórmula genérica, acrescentando um componente insólito ao enredo que se conecta a tal baleia encalhada na praia. Sem dúvida, essa é uma imagem de forte poder sinestésico, contudo é mal trabalhada e o que sobra são indicações do que representa, passível de tantas interpretações. Pode o animal agonizando em seu colosso anatômico simbolizar a ruína familiar? O processo de deterioração causado pelo desfalque materno? Pode ilustrar o absurdo de se apegar à normalidade enquanto tremores sinalizam a aproximação do desastre? Pode. O caso é o que pode ser tudo, no fim acaba sendo nada.

Desalinhado

Faltou apuro ao articular o acontecimento inusitado às revelações dentro da singeleza do espaço doméstico, nas relações traduzidas da linguagem de segredo por meio da qual a personagem/narradora resente ao local, ao pai, a si mesma. Soa desalinhado, e tampouco isso tem a ver com a não linearidade textual. Mesmo que vazada e movediça, fundamentada em abstrações, a prosa poética não dispensa uma abordagem clara. Do mesmo modo que a poesia em prosa, sendo este um conveniente passe de entrada para as páginas de **Motivos para cavar a terra**, livro vencedor do Prêmio Cepe Nacional de Literatura 2021.

A antologia poética também trata do luto, contudo num sentido mundano e crítico. Desde o primeiro verso, Lilian Sais define o signo que irá caracterizar o volume como um todo, cuja ressonância advém da ação de um único instrumento: a pá. Escrever mime-tiza-se num ato de escavação, com o qual se transcende o significado comum, alcançando implicações mais complexas a partir da relação dos poemas com assuntos recorrentes e discursos que vibram para além da forma. Trata-se de manifestações prementes, de protesto, que abordam o fatídico ano de 2020, em que covas eram abertas para serem enchidas com as vítimas do descaso — e escárnio — do atual ocupante da presidência do Brasil em meio à pandemia do coronavírus. As composições nascem no calor da revolta, retratando a realidade do que se extrai dos noticiários e de relatos de horrores que decretam o sofrimento e a indignação pelo evitável como marcas de um tempo eternizado na memória do país.

Outras construções dão conta de um lirismo menos contundente, em situações insertadas de lamento e contemplação, nas quais a verve sintática opera num fundo subjetivo. São momentos luminosos, de criativa engenharia, em que a ideia — concreta e abstrata — de revolver a terra torna-se o motivo temático, tensionando experimentações e percepções para repercutir os ruídos do mundo na interioridade, enxergar o sublime das coisas pertencentes ao banal. Porém, repetindo o erro do romance, a autora incorpora ao texto um componente alegórico que destoa na contextura, servindo somente para atestar que a imagem de uma baleia agonizando se aproxima de uma obsessão particular.

Inclusive há versos que estabelecem conexões entre um livro e outro, sugerindo a vigência de um projeto literário. No poema *Os motivos da terra*, a autora escreve:

em sinal do meu respeito

*realizo o funeral da baleia que morre na praia
o mergulho cavado e definitivo*

*não o mar não as nuvens
eu louvarei a terra que a todos une
o abrigo possível
a cova a última casa.*

Funciona como senha para decodificar a obra em sua totalidade, não deixa de ser estimulante, todavia, para além de um efeito estético, a representação figurada de uma ideia tem de estar incorporada claramente aos elos internos que dão compreensão à trama. Caso contrário a potência imagética de um encalhe descomunal perde o magnetismo de sua presença simbólica e, suprimida, apenas faz evidente certos problemas na articulação do texto. 🗨



O funeral da baleia

LILIAN SAIS
Patuá
136 págs.



Motivos para cavar a terra

LILIAN SAIS
Cepe
85 págs.

TRECHO

O funeral da baleia

Um dia de fato a baleia encalhada baterá o rabo pela última vez no solo de Assum Preto. Após uma agonia de anos e anos, ela afinal juntará forças para erguer quase metade do seu corpo e em seguida tombá-lo de uma vez sobre a praia, em um último suspiro. O mar recuará muitos metros com o impacto.



luiz antonio de assis brasil

O CÂNONE NA MOCHILA

CRIME E CASTIGO

1.

Essa novela de Dostoiévski é a mais prestigiada por leitores não essencialmente literários: leem-na juristas, penalistas, psicanalistas, psicólogos, sociólogos, políticos, legisladores e, ainda, teólogos, filósofos, crentes e ateus. **Crime e castigo** passou ao uso do público e, não raro, transforma-se em campo de batalha ideológico. Seu conteúdo literário é poucas vezes trazido à discussão, e quase sempre restrita ao meio acadêmico.

2.

Novela, disse eu, e novela é, apesar de suas centenas de páginas: um conflito forte e dominante, uma personagem central que monopoliza o enredo, a convergência das forças dramáticas para o final. A partir desse conceito, talvez seja a maior novela já escrita. Para um ficcionista amador, é catástrofe à vista, sustentar essa estrutura sem que haja perda de interesse do leitor. Difícil também é fazer com que a situação crítica inicial — o assassinato de duas pessoas — produza todos os efeitos sem que haja reiterações de momentos capitais e seu consequente tédio. Por mais que sejam criadas situações críticas subsidiárias dessa primeira, é preciso enquadrá-las e resolvê-las dentro do contexto da novela: o inquérito policial, que discute a relação entre Estado e indivíduo; a redenção pelo amor, o que se dá pela intervenção da compassiva Sônia; o intrometer-se de Raskólnikov no casamento desastroso da irmã, só para citar as mais evidentes, são pequenas tramas que, se guardam certa independência em relação à história, não devem perder sua relação com ela.

3.

Como todos sabemos, o jovem Raskólnikov, em plena Rússia imperial, é o autor de um duplo homicídio. E o enredo é o caminho percorrido por esse jovem até sua condenação a sete anos de cadeia na Sibéria. Bem simples, mas o que importa numa boa novela são as circunstâncias; e o tratamento dessas circunstâncias, que podem ser complexas, é que distinguem um ficcionista profissional. Aqui eu penso, antes de tudo, na competência para controlar o conflito de **Crime e castigo**, o qual pode ser de enunciado simples: a clássica dicotomia entre a virtude e a transgressão, que está presente em tantas outras narrativas, como **Romeu e Julieta**, **A nova Heloísa**, **Os miseráveis**, **Sargento Getúlio** [incluindo-se,

ainda, a maioria das telenovelas brasileiras]. Haverá outros conflitos em **Crime e castigo**, concomitantes com esse — por exemplo: transgressão e culpa — que o leitor pode discernir de acordo com seu próprio quadro de valores e suas percepções de mundo.

4.

Já se disse, e concordo, que um ficcionista escreve seu romance para agudizar um conflito, consciente ou inconsciente, que o atormenta por toda a vida. As histórias podem variar, mas o conflito voltará no seguinte romance, e depois, no outro. Por isso é que temos a impressão de que um mesmo autor escreve sempre o mesmo livro. No caso de Dostoiévski, é impossível psicanalisá-lo *post mortem*, mas — e aqui tenho pouco espaço e muita ocupação para esse estudo, que deixo aos especialistas — é possível constatar que em suas outras novelas a díade de opostos *virtude x pecado* está presente. Considere-se **Os irmãos Karamázov** como ponto de partida. A aventura intelectual será compensadora.

5.

Apesar de vivermos numa época que substituiu a virtude pela solidariedade, ou, vocábulo mais na moda, *empatia*, e transformou arrependimento pelo pecado em sentimento de culpa, temos de reconhecer que os conflitos de **Crime e castigo** assombram as existências de todos nós, ainda que os espantemos de nossas vistas. Dostoiévski foi bem cortante no enunciado do título, em atenção ao pensamento da época — Freud ainda andava de calças curtas: havia crime, e o castigo seria sua consequência natural, e castigo de prisão ou, até, morte. O decorrer do enredo, porém, mostra que o pior castigo não foram os anos na Sibéria, mas a consciência variável da personagem central acerca de si mesmo, que tem seu símile no igualmente jovem Hamlet. Se Rodion lamenta o imobilizante muito pensar: “como muito penso, nada faço”, já o príncipe da Dinamarca indaga-se: “Sempre nos perguntamos: e o que nos obriga a sofrer, em vez de correr para buscar alívio?” e conclui: “nossa coragem torna-

-se fraca com tantos pensamentos”. Nesse grupo dos duvidosos de tanto pensar inclua-se o nosso Bentinho, num diálogo com Escobar: “Palavra puxa palavra, falei outras dúvidas. Eu era então um poço delas; coaxavam dentro de mim, como verdadeiras rãs, a ponto de me tirarem o sono algumas vezes”. Observe-se que, mais do que dúvidas morais, são dúvidas metafísicas, as mais cruéis e, ontologicamente, duradouras.

6.

É a permanente dúvida que faz com que Rodion Raskólnikov, um moço comum, com a mente turbulenta, entregue-se a errâncias, assassinatos, autoindulgências e inesperadas ações compassivas. Sua alma peregrina por um vórtice de delírios de humilhações e soberba; ora culpa-se pelo que fez; ora perdoa-se, pois, às pessoas superiores [tais como ele se acha] tudo é permitido. É tão grande seu drama interior que a luta para não ser descoberto torna-se o mal menor. Se o encarceramento é um futuro a ser repellido, ele o reserva para o alívio final. Seria um desastre manter a atenção apenas com esses íres-e-vires; mas aqui estamos perante um verdadeiro escritor, que sabe ordenar e dosar quando e onde esse drama deve aparecer; se muito frequente, torna-se trivial e já não impressiona a ninguém, como o vulcão Kilauea, que se tornou atração turística; se muito raro, o leitor esquece qual o foco da novela que está lendo.

7.

É de perguntar-se a razão da permanência centenária de obra tão cheia de amarguras. Há as razões extraliterárias, como o fascínio pelo crime, que está dentro de nossa interioridade mais profunda e que cada cabeça vive a seu jeito, mas é raro ver outro exemplo do quanto essas razões se articulam com a excelência de uma obra que nos convence desde o início. Se sua situação crítica inicial se resolve — os assassinatos devidamente punidos —, o conflito permanece como repositório subterrâneo da Humanidade. Enquanto houver quem se arrependa de algo, **Crime e castigo** sobreviverá. Ainda que horrorizados com seus crimes, vemos Raskólnikov como nosso duplo, e torcemos para que ele dissimule seu crime e consiga safar-se da perseguição da polícia. Convencido por sua namorada, sim, ele se entrega, ele é condenado, mas nós, os leitores, desejaríamos outro final, que criasse nova situação crítica, aumentando para mil páginas a novela. Pela prosa encantatória, pelo arrepio do abismo a que nos leva e, mais, pela consternação que nos causa o destino de Raskólnikov e pelo fim-sem-fim dessa história contada por um verdadeiro artista, **Crime e castigo** merece ir para a mochila. **1**



Ilustração: Mello

MEIO.

Revolução dos Bichos

O clássico de Orwell em uma edição exclusiva.

BAIXE
GRÁTIS



gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos



GAZETA DO POVO

Ternura realista

O livro do Martim, de Daniel Francoy, traz uma conversa generosa que oferece experiências ao filho, sem autoritarismo ou romantização da vida

TOMAZ AMORIM IZABEL | SÃO PAULO - SP

Daniel Francoy é vencedor do prêmio Jabuti de Poesia com **Identidade** (2017). Além de poeta, também escreve prosa e tem cinco livros publicados. Embora seja um escritor relativamente jovem (nascido em 1979), mostra em seu texto uma precisão de quem tem experiência de leitura e escrita. Essa precisão lhe dá a segurança necessária para voos arriscados em temas da vida pessoal e cotidiana. Há um risco constante de reduzir a comunicação ampla do texto — o desejo e a necessidade de se comunicar com um leitor distante — ao específico, ao pessoal. Sobretudo quando se tratam de temas sentimentais, como os conselhos de um pai a um filho criança. São os riscos e recompensas desse voo que o leitor encontra nos poemas de **O livro do Martim**.

É possível escrever poemas com ternura? Ou o carinho, que tem tantos meios privilegiados de se expressar — o abraço, o sorriso, a entonação —, não vai bem com a artificialidade da palavra poética? Manuel Bandeira foi um mestre dos poemas com ternura. Seu segredo foi sempre uma gota de amargor. É preciso localizar a ternura em um mundo avesso a ela. Lembrar que aquilo que se expressa como desejo e lição (caso desse livro) se coloca apesar do mundo. O livro de Francoy se salva por essa consciência do amargo e um esforço heroico de salvar e transmitir tudo o que não é isso: ternura.

Há uma pequena tradição de literatura em que pais aconselham os filhos: o livro dos *Provérbios* do *Velho Testamento* está cheio de conselhos para filhos; na tradição grega, os textos clássicos são cheios de ensinamentos para os jovens, como na história de Dédalo e seu conselho (não respeitado) pelo filho Ícaro. Em Hamlet, há o monólogo em que Apolônio aconselha seu filho Laerte, que parte em viagem: “E, sobretudo, isto: sê fiel a ti mesmo./ Jamais serás falso pra ninguém”. Mas o sentido inverso também é bastante conhecido, as respostas dos filhos desde a Telemaquia na *Odisseia* até a *Carta ao pai* de Kafka. O que este personagem, Martim, escreveria como resposta ao livro que lhe é dedicado?

O AUTOR

DANIEL FRANCOY

Nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 1979. É autor de **Identidade** (vencedor do prêmio Jabuti, na categoria Poesia), **O Ganges represado**, **A invenção dos subúrbios** e **O velho que não sente frio**.



O livro do Martim

DANIEL FRANCOY
Jabuticaba
80 págs.

Simple e complexo

Um aspecto formal fundamental do livro é seu interlocutor principal: Martim, o filho criança do eu-lírico. Isso coloca um desafio permanente: utilizar um vocabulário e um imaginário direcionados a uma criança, mais “simples”, portanto, mas que ainda funcione para um leitor adulto. (Pois, salvo engano, o livro não se propõe a ser literatura infantojuvenil). É o desafio de escrever de forma simples sobre temas complexos. Daí, novamente, a lembrança não apenas do livro dos *Provérbios*, mas de toda uma tradição oral que, como se sabe, se dirige quase completamente ao aconselhamento dos jovens. Diferente, no entanto, da doutrina sagrada, dedicada a aconselhar jovens fiéis dentro da doutrina, ou seja, de forma dogmática, o eu-lírico mantém as possibilidades abertas. O mistério do Sol que não deve ser reduzido à palavra Deus.

Uma das estratégias utilizadas é se referir às imagens do mundo material: flamingos, passarinhos, bolhas de sabão, chuva. Durante a maior parte do tempo ela é bem-sucedida. Aqui e ali, o amargurado leitor de literatura moderna pode achar um pouco açucarado demais, sobretudo nas referências mais metalinguísticas sobre “a poesia”, mas isso é mais questão de gosto do que de problema da escrita. **O livro do Martim** talvez seja um livro menos para presentear aos filhos do que aos pais e mães jovens. É um tipo de comunicação intergeracional bonita que se estabelece. Mais importante do que os ensinamentos específicos, talvez o modo do ensinamento, com ternura realista, seja a lição principal. Uma conversa que oferece experiências, sem autoritarismo ou romantização da vida. “Mas tudo que é maravilhoso também é perigoso.” Uma conversa que não apenas fala, mas deixa boas perguntas abertas:

Saiba, Martim: o seu pai é uma girafa e você é uma girafinha.

Do que sentimos fome?

Muitos dos poemas têm o título bastante apropriado de *Introdução*. Aquele que fala compartilha sua experiência com quem experiencia pela primeira vez as árvores, o sol, a chuva, os museus, a poesia, a revolta, Ítaca (esse lugar de orfandade e reencontro). Não são ensinamentos, mas presentes, ofertas disponíveis para que Martim e o leitor se sirvam como quiserem.

Falando com Martim, o eu-lírico reflete sobre a própria vida. Esse é um dos subterfúgios que dá profundidade ao livro: para aconselhar é preciso lembrar, refletir sobre a própria trajetória, levando em conta não apenas o que foi (com suas delícias e dores), mas o que também poderia ter sido (“Com esperança, escreve/ para dizer o que falta,/ o que nunca desistiu de ter,/ o que pode ensinar”). Walter Benjamin tem uma bela definição de conselho, que parece ir de encontro ao movimento geral do livro: “Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo contada”.

Introdução ao descanso

*Você sabe o que é bom?
Estar vigoroso e sujo
e depois cansado e limpo
sob o sol, na manhã,
no claro calor que se esgueira
janela adentro e se soma à água
do chuveiro.
Isso que é bom.
Estar vigoroso e sujo.
Depois, cansado e limpo.*

Algo da dureza do livro se deve ao fato de sua proximidade com a pandemia. Há um contraste evidente entre o milagre da vida que chega, cresce, se impõe, projeta todo um futuro que é repetição e diferença da vida do pai, com os anos de morte e desolação. (“Sabe, Martim, o que se passou/ em seu primeiro ano?// Um milhão de mortos/ e um inverno duro/ de ipês renascidos”). Mas também isso o livro trata como lição principal: não há um sem o outro, sobretudo para a pureza infantil. A pureza infantil não precisa “que exista algo puro”. O conselho aberto: “Aponta para a água limpa e para a água suja/ e nomeia apenas de água”.

Por fim, que também é começo, Telêmaco e o Ulisses ausente ressurgem no poema *Ítaca*. O bom pai é o que prepara o filho para sua partida (e seu retorno, impossível, é apenas o filho tornado pai). Essa dor da despedida, anunciada já para o filho pequeno, é um dos pontos altos dessa ternura realista. De enfrentar a vida entendendo seus fluxos e movimentos, de corpo aberto, mas com sabedoria:

*O corpo: esta hóstia incendiada, esta
carruagem de corcéis em fúria
que arrastam a morte e a alegria.*

Francoy enfrenta uma tarefa literária difícil, com bastante mérito. Um imaginário de palavras simples, como exige a proposta do livro, é tratado com sofisticação em composições pouco óbvias. O risco permanente de cair no sentimentalismo é superado por um olhar generoso, mas realista sobre a complexidade da vida. Trata-se de uma excelente contribuição literária, sobretudo para pensar as relações entre pai e filho para além das armadilhas do patriarcado e do edipianismo. **📖**

Pistas incomuns e racionais

Poesia do português **Nuno Félix da Costa** é construída com alta dose de racionalidade e reflexão filosófica

ANDRÉ ARGOLO | ATIBAIA - SP

Breve manual para ser humano não traz ensinamentos diretos para o que o título propõe. Não tem lições do tipo: *nunca defenda ditaduras nem torturadores, não incentive a violência*, essas coisas básicas de sermos humanos, no sentido além do apenas biológico.

Vejam os versos finais do poema *antes do sono*:

*Sou normal descrevendo a lacrimante mentira de acreditar
Pávido dobro a superfície do sono — nunca a vejo — imagino-a
pertencer à noite espelhos miríades inclusos numa inferioridade
onde o meu rosto aparece abraçando uma vontade esvaída
Portanto, alguma dificuldade em adormecer*

O livro de autoria do humano Nuno Félix da Costa, identificado como português, a respeitarmos o conceito das culturas e fronteiras, bastante alardeado e comemorado em hinos, nas guerras, competições esportivas e as muito similares manifestações partidárias, é do gênero Poesia, tem 256 páginas e foi publicado no Brasil pela Cepe. É grande: praticamente o dobro da maioria dos livros de poemas publicados. E seus versos são densos.

*Como, fora dos sentidos, enaltecer uma beleza que rebenta?
Nem tu nem ele, mas rápida imagem do medo,
a pátria nada ser fora do pensamento.*

(versos finais do poema *tulele, eulele/tu, o medo e tulele, os medos do eu*).

Não sei se devia ter buscado dados biográficos do autor antes de ler o livro, mas acontece que isso acabou influenciando minha leitura dos poemas: ele é psiquiatra, e o pensamento, o cérebro, o consciente e o inconsciente aparecem em diversas abordagens, como no início de *S.O.*:

*O cérebro não é um animal, é um animal
que comeu o interior do crânio. A mente não resistiu*

É também pintor e fotógrafo, e me pareceu que, nos poemas, ele não se diverte tanto (ou não vê sentido) com a criação de imagens, já que os versos revelam mais aventura no jogo conceitual e em sensações construídas de modo incomum.

Nascido em Lisboa, em 1950, artisticamente é um homem ousado, que sugere ter sido agraciado ou amaldiçoado com dias bem mais longos que 24 horas, pelo tanto de exposições que realizou desde a década de 1980, livros que publicou desde os anos 1990, de poesia, fotografia e ensaio.

*Prefiro não ter ideias poéticas que é um formato
pré-adaptado ao verso enquanto a poesia prefere
ideias vindas do fundo da noite ou as que vadiam
ou outras que torturam os bêbedos, que chegam
a vomitá-las sem se aperceberem que eram poéticas*
(versos iniciais de *poetogênese*)

A opção, nos poemas desse livro, é não ser comunicativo, mas expressivo. Para quem isso pode parecer óbvio, lembro que poesia é substantivo e às vezes adjetivo que nomeia coisas muito diferentes, cada vez mais (em saraus, tende a não ganhar aplauso efusivo o poema que não eleva ou revolta, de maneira clara e de preferência rimada, só para ficar em um exemplo).

Neste **Breve manual...**, a coisa está mais para o que João Cabral de Melo Neto descreveu, em 1954, no ensaio *Da função moderna da poesia*: “O poeta moderno, que vive no individualismo mais exacerbado, sacrifica ao bem da expressão a intenção de se comunicar. [...] Ele atira a flecha de seu poema sem direção definida, com a obscura esperança de que uma caça qualquer aconteça achar-se na sua trajetória”. Por outro lado, peço ajuda

a Randall Jarrell, que nesse mesmo tempo dizia em *A obscuridade do poeta*: “[...] o poeta parece difícil porque não é lido, porque o leitor não está acostumado a ler a sua ou qualquer outra poesia”.

A maioria desses poemas é composta por duas estrofes de sete versos, normalmente longos (mais de doze sílabas). Não alcancei verificar se o poeta de alguma forma se impõe a métrica; a rima aparente não é um recurso usado, mas o ritmo, sim, marcante, por um cuidado que se revela facilmente na leitura em voz alta.

Corajosa Cepe, que publica um livro não comunicante, à sua maneira respondendo à pergunta do crítico literário Alfredo Bosi no ensaio *Poesia-resistência*: “Ou quererá a poesia ingênua, concorrer com a indústria & o comércio, acabando afinal por ceder-lhes as suas graças e gracinhas sonoras e gráficas para que as desfrutem propagandas gratificantes?”.

Destaque para o projeto gráfico, assinado por Luiz Arrais, que ajeita de maneira muito eficiente essa característica desafiadora dos poemas, seus versos longos (do contrário, ou a leitura seria ruim, com tipos muito pequenos, ou um verdadeiro festival de colchetes em páginas magrinhas, a fim de economia de papel). Nas resenhas a gente tem o péssimo hábito de não analisar os elementos editoriais, esquecendo-nos de que o livro é um todo, que vai além do texto.



Breve manual para ser humano

NUNO FÉLIX DA COSTA

Cepe
254 págs.

O AUTOR

NUNO FÉLIX DA COSTA

É poeta, fotógrafo, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa (Portugal). Também tem publicados no Brasil, ambos pela Cepe: **Pequena voz** (2020) e **O mim impossibilitado do acontecer** (2022).

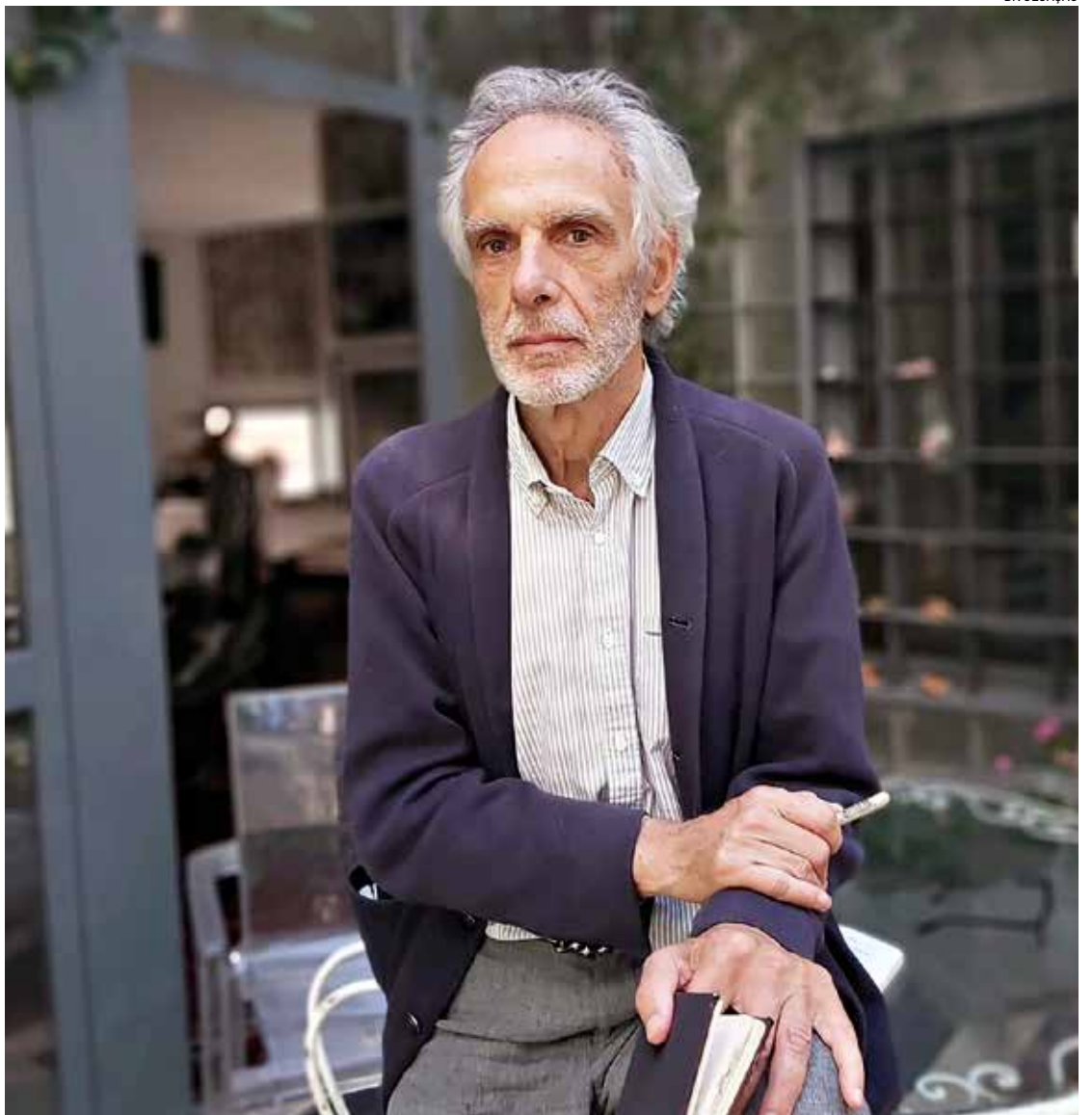
No entanto, a orelha

Não tem prefácio, não tem posfácio, nenhuma outra facilidade para o leitor: é o “te vira, malandro” mais honesto que pode haver. No entanto, a orelha... A orelha diz (é engraçado escrever isso, *orelha que diz*) que o leitor não encontra no livro “meras instruções”, mas “descaminhos, anotações poéticas, reflexões prosaicas ou profundas, enfim, a ma-

téria da literatura e da vida”. Isso me fez lembrar de um momento muito antigo meu. Estava na porta do prédio onde morava, em Santos, anos 1990, com dois amigos. Eu contava de um filme que havia assistido no Cine Posto Arte, filme do tipo menos comercial que passava lá — mas não lembro qual era. Paulinho me perguntou do que tratava o filme, afinal, que meus relatos não tinham dado conta até então. E eu respondi que “era da vida”, me achando *o poeta*. Ele ficou muito bravo comigo, dizendo que aquilo não significava nada. Esse momento ainda ecoa, porque é verdade: não significa nada (ou tudo, dá no mesmo), exatamente como nessa orelha está dito “matéria da literatura e da vida”. A palavra mais importante dessa orelha é “pistas”. O autor bagunça nossa cabeça e deixa apenas pistas a quem as busca, a quem insiste na chave do racional para desembrulhar esses pacotes-poemas. Tal esforço pode ser besta.

São textos que deixam pistas, sim, de que são construídos com alta dose de racionalidade, de reflexão filosófica, mas resultam em mistérios, em versos que propõem o incomum, o enxergar cantos normalmente obscuros, outros jeitos de olhar e de dizer as mesmas coisas do mundo. Será que eis aqui a instrução principal do **Breve manual...**, esta de olhar de formas não usuais o que está diante de nossos olhos o tempo todo? Seria isso humanizador? **U**

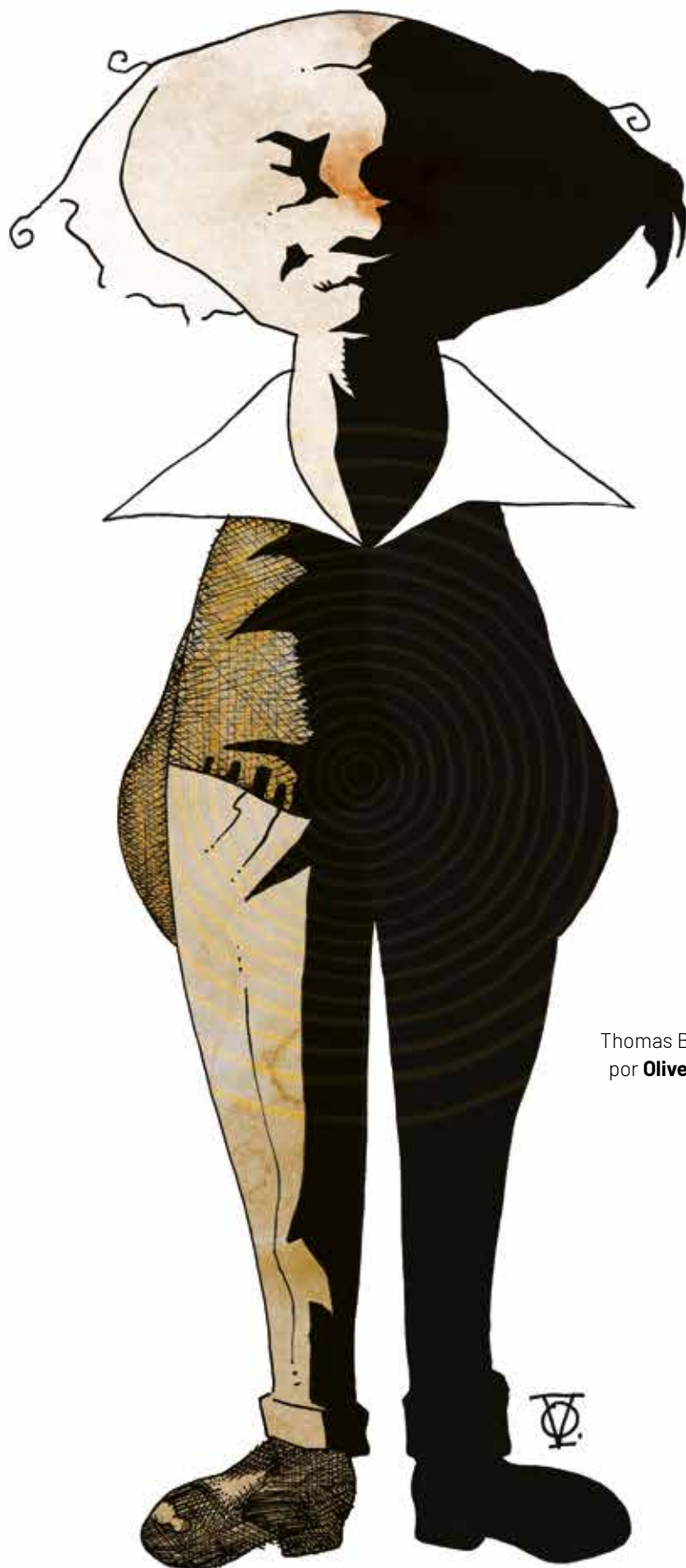
DIVULGAÇÃO



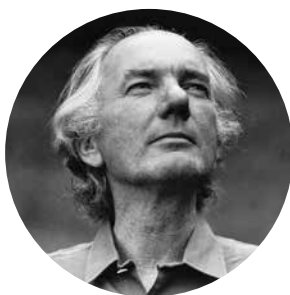
Repulsa à mediocridade

Derrubar árvores traça um retrato das contradições da classe artística, com seus fingimentos, dissimulações e hipocrisia

ANDRÉ ROSA | RIO DE JANEIRO - RJ



Thomas Bernhard
por **Oliver Quinto**



O AUTOR

THOMAS BERNHARD

Nasceu em 1931, na Holanda, e morreu em 1989, na Áustria. É considerado um dos mais importantes artistas da segunda metade do século 20. De sua obra, destacam-se os romances **O naufrago**, **Extinção** e **Mestres antigos**, além de diversas peças de teatro que vêm sendo encenadas com frequência no Brasil e no mundo.

Thomas Bernhard, a quem Otto Maria Carpeaux se referia como “o melhor autor austríaco” do seu tempo, vem se notabilizando no Brasil desde o início da década de 90, quando Lya Luft traduziu, pela primeira vez entre nós, um de seus principais romances, **Árvores abatidas**, agora traduzido como **Derrubar árvores** por Sergio Tellaroli. Em seguida, romances, peças e contos vieram à luz por editoras brasileiras: **O sobrinho de Wittgenstein**, **O naufrago**, **Perturbação**, **O fazedor de teatro** e **O imitador de vozes**, entre outros trabalhos.

Autor de mais de vinte peças, Bernhard também ganhou os palcos brasileiros com *Ludwig e suas irmãs*, além das famosas adaptações de seus romances, como de **Extinção**, montada por Denise Stoklos, e o próprio **Derrubar árvores**, adaptado e estrelado por Antônio Abujamra em *Exorbitâncias*.

Derrubar árvores: uma irritação traça um retrato das contradições da classe artística austríaca, com seus fingimentos, dissimulações e sua hipocrisia. Essas características são reiteradas obsessivamente por um narrador que, sentado numa poltrona no canto da sala durante um jantar “artístico” promovido por um casal de amigos, observa em silêncio os convidados da festa, que há muitos anos foram sua companhia no meio teatral vienense.

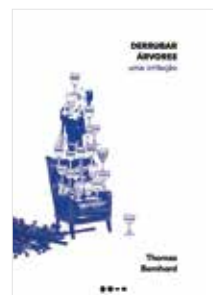
O texto, que se orienta segundo o fluxo de pensamentos circulares, tem a forma de monólogo. Mas não se trata de um monólogo contínuo e desenvolvimento: os pensamentos se organizam em espiral, em repetições sem fim da mesma náusea e das mesmas angústias que alimentam o ódio que o narrador destina ao casal Auersberger e à classe artística como um todo, uma repulsa que, no fim das contas, diz respeito a ele próprio, também artista.

O seu estilo, atravessado ora por uma autoironia terrível, ora por um pessimismo apocalíptico, se assemelha a um discurso neurótico em que a repetição dá lugar à absoluta certeza, isto é, essa neurose não se manifesta meramente enquanto temática, mas como fundamento criativo de sua obra. Para os narradores bernhardianos, não há espaço para a dúvida e para o “talvez”, tudo é categórico e superlativo. Não é sem razão que o autor austríaco é conhecido pela crítica como “artista do exagero” [Übertreibungskünstler].

Entre os inúmeros elementos próprios da prosa de Thomas Bernhard, o suicídio é um denominador elementar. Assim como no romance **O naufrago**, em **Derrubar árvores** o enredo é centrado em reflexões sobre o suicídio de uma artista, Joana, amiga comum que possibilita o reencontro do narrador com seus velhos colegas do teatro. O encontro em memória de Joana vai se apagando e dando lugar a conversas vazias, exibicionismos e à bajulação entre artistas, o que se revela uma farsa aos olhos do narrador.

O discurso mau humorado é atravessado por referências eruditas às obras de Nikolai Gógol e Paul Celan, na literatura, e Webern e Schoenberg, na música, influências que permeiam a sua prosa e dão vitalidade a seus personagens, como quando Bernhard, em **O naufrago**, eleva o pianista canadense Glenn Gould ao símbolo da perfeição inalcançável.

Em excelente tradução de Sergio Tellaroli, **Derrubar árvores: uma irritação** sintetiza com perfeição os principais traços e obsessões da obra de Thomas Bernhard, como a repulsa à mediocridade ilustrada, ao fingimento histriônico, à falsidade que reduz as pessoas a bajuladores e à própria sociedade vienense, que são combatidos mediante um discurso catártico, no qual conclui que a arte verdadeira só pode ser preservada mediante a fuga da artificialidade que a tudo consome. Como escreveu Carpeaux, “não se pode imaginar leitura mais repelente nem mais fascinante”. 🗨️



Derrubar árvores: uma irritação

THOMAS BERNHARD
Trad.: Sergio Tellaroli
Todavia
192 págs.

CRISTINA CAMPO

Tradução: **Hugo Langone**

Ilustração: **Eduardo Mussi**



*Devota come ramo
curvato da molte nevi
allegra come falò
per colline d'oblio,*

*su acutissime lamine
in bianca maglia d'ortiche,
ti insegnerò, mia anima,
questo passo d'addio...*

Devota como ramo
curvado por muita neve
alegre como fogueira
por colinas de oblvio,

sobre amolada lâmina
em branca malha de urtigas,
te ensinarei, alma minha,
este passo do adeus...

*Amore, oggi il tuo nome
al mio labbro è sfuggito
come al piede l'ultimo gradino...*

*Ora è sparsa l'acqua della vita
e tutta la lunga scala
è da ricominciare.*

T'ho barattato, amore, con parole.

*Buio miele che odori
dentro i diafani vasi
sotto mille e seicento anni di lava —*

*ti riconoscerò dall'immortale
silenzio.*

Amor, hoje o teu nome
ao meu lábio escapou
como ao pé o último degrau...

Esparsa agora é a água da vida
e toda a longa escada
é de recomeço.

A ti troquei, amor, com palavras.

Negro mel que recende
dentro dos diáfanos vasos
sob mil e seiscentos anos de lava —

reconhecer-te-ei pelo imortal
silêncio.

Quadernetto

*Un anno... Tratteneva la sua stella
il cielo dell'Avvento. Sulla bocca
senza febbre o paura la mia mano
ti disegnava, oscura, una parola.
E la sfera dell'anima e dell'anno
vibrava in cima a uno zampillo d'oro
alto e sottile, il sangue.*

*Ne tremavano
sorridenti gli sguardi — all'accostarsi
buio di quel guardiano incorrutibile
che nei giardini chiude le fontane.*

*Ora rivoglio bianche tutte le mie lettere,
inaudito il mio nome, la mia grazia richiusa;
ch'io mi distenda sul quadrante dei giorni,
riconda la vita a mezzanotte.*

*E la mia valle rosata dagli uliveti
e la città intricata dei miei amori
siano richiuse come breve palmo,
il mio palmo segnato da tutte le mie morti.*

*O Medio Oriente disteso dalla sua voce,
voglio destarmi sulla via di Damasco —
né mai lo sguardo aver levato a un cielo
altro dal suo, da tanta gioia in croce.*

Caderneta

Um ano... Apresava a sua estrela
o céu do Advento. Por sobre a boca
sem febre nem pavor a minha mão
te desenhava, escura, uma palavra.
E a esfera da alma e também do ano
vibrava acima dum repuxo de ouro
alto e sutil, o sangue.

Tiritavam
ridentes os olhares — ao chegar-se
sombrio do guarda incorruptível
que nos jardins estanca os chafarizes.

Quero agora outra vez brancas as minhas letras,
inaudito o meu nome, minha graça cerrada;
que eu me estenda sobre o quadrante dos dias,
a vida reconduza à meia-noite.

E o meu vale cor de rosa dos olivais
e a cidade embaraçada dos meus amores
cerrados estão como breves palmas,
a minha em que se marcam todas as minhas mortes.

Ó Médio Oriente por sua voz estendido,
despertar eu quero a caminho de Damasco —
não ter o olhar jamais erguido a céu
que não o seu, de tanta alegria em cruz.

*Ora che capovolta è la clessidra,
che l'avvenire, questo caldo sole,
già mi surge alle spalle, con gli uccelli
ritornerò senza dolore
a Bellosguardo: là posai la gola
su verdi ghigliottine di cancelli
e di un eterno rosa
vibravano le mani, denudate di fiori.*

*Oscillante tra il fuoco degli uliveti,
brillava Ottobre antico, nuovo amore.
Muta, affilavo il cuore
al taglio di impensabili aquiloni
(già prossimi, già nostri, già lontani):
aeree bare, tumuli nevosi
del mio domani giovane, del sole.*

Agora que se inverteu a clepsidra,
que aquilo que há de vir, este sol quente,
às costas já me surge, com os pássaros
voltarei isenta de dor
a Bellosguardo; lá pus o pescoço
em guilhotinas verdes de portões
e de um eterno rosa
vibravam as mãos, despidas de flores.

Oscilando entre o fogo das olivas,
brilhava o outubro antigo, amor novo.
Muda, afiava o coração
sob o corte de pipas impensáveis
(já próximas, já nossas, já distantes):
féretros aéreos, nevados túmulos
do meu amanhã juvenil, do sol.

*Ora non resta che vegliare sola
col salmista, coi vecchi di Colono;
il mento in mano alla tavola nuda
vegliare sola: come da bambina
col califfo e il visir per le vie di Bassora.*

*Non resta che protendere la mano
tutta quanta la notte; e divezzare
l'attesa dalla sua consolazione,
seno antico che non há più latte.*

*Vivere finalmente quelle vie
— dedalo di falò, spezie, sospiri
da manti di smeraldo ventilato —
col mendicante livido, acquattato*

tra gli orli di una ferita.

Nada ora resta, só velar sozinha
com o salmista e os velhos de Colono;
o queixo numa mão à mesa nua
velar sozinha: qual a então menina
com o califa e o vizir por Baçorá.

Nada resta, senão estender a mão
tanto quanto a noite; e desmamar
a expectativa do consolo seu,
seio vetusto que não tem mais leite.

Poder enfim viver aquelas vias
— dédalo de fogo e espécies, suspiros
de mantos de esmeralda arejada —
com o mendigo lívido, albergado

entre as orlas duma ferida.

*La neve era sospesa tra la notte e le strade
come il destino tra la mano e il fiore.*

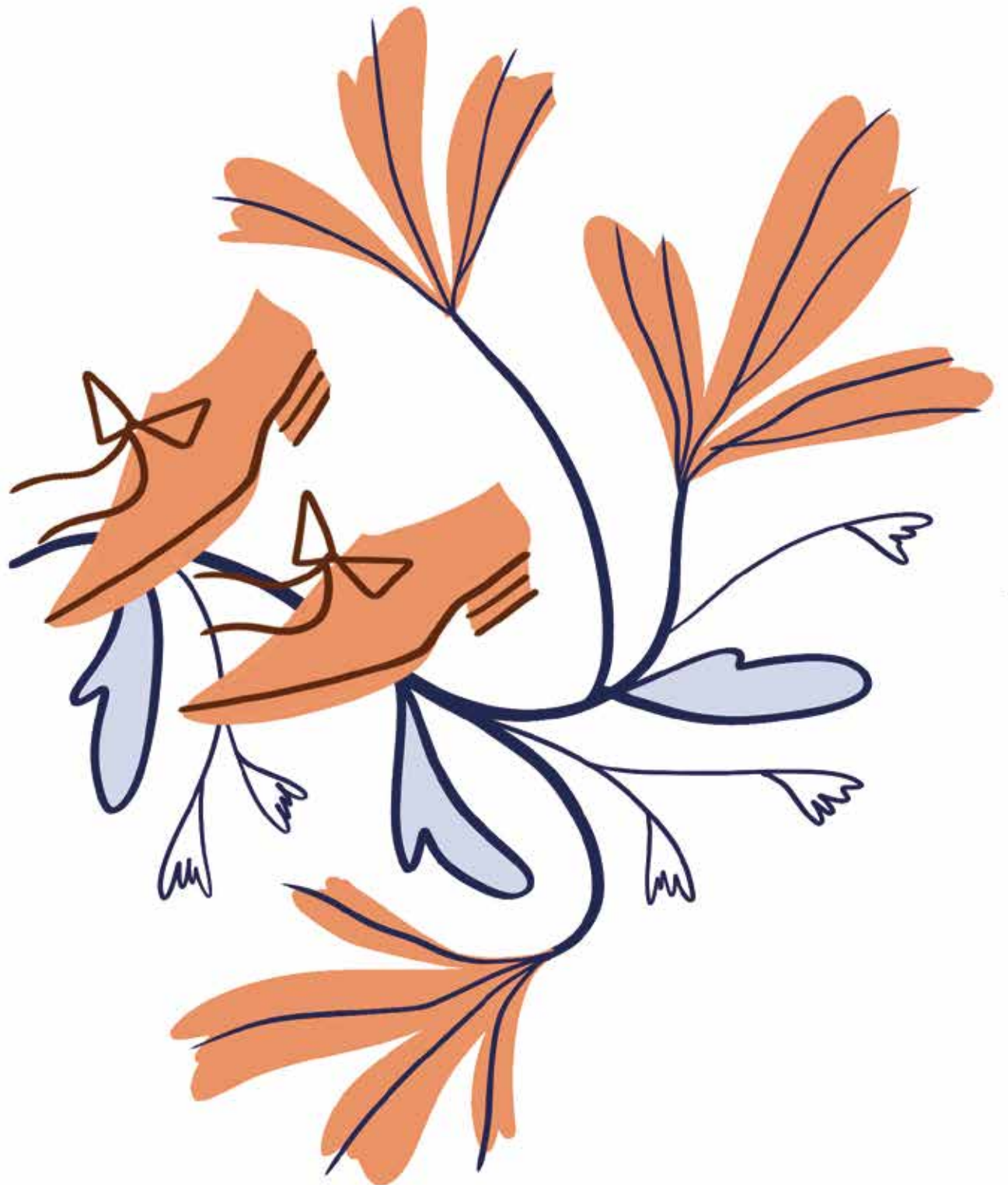
*In un suono soave
di campane diletto sei venuto...
Come una verga è fiorita la vecchiezza di queste scale.
O tenera tempesta
notturna, volto umano!*

*(Ora tutta la vita à nel mio sguardo,
stella su te, sul mondo che il tuo passo richiude).*

Suspensa era a neve entre a noite e as vias
como o destino entre a mão e a flor.

Em som suave
de campanas diletto vieste...
Qual uma vara floresceu a velhice destas escadas.
Ó tenra tempestade
noturna, rosto humano!

(Toda a vida agora em meu olhar se encontra,
estrela sobre ti, sobre o mundo que teu passo encerra). 📖



CRISTINA CAMPO

É o pseudônimo de Vittoria Guerrini. Nasceu em Bolonha, Itália, em 1923. Contemporânea e interlocutora das pensadoras Maria Zambrano e Simone Weil, era poeta, ensaísta e tradutora. Escreveu poucos poemas, de fina lavra e alto esplendor. Faleceu em Roma em 1977.



O TRADUTOR

HUGO LANGONE

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1987. Poeta, ensaísta e editor, já verteu ao português autores como Marshall McLuhan, Bertrand Russell, Flannery O'Connor, entre outros. Autor dos livros de poesia *Do nascer ao pôr do sol, um sacrifício perfeito* (2015) e *A descida do Monte Tabor* (2021).

SINÉAD MORRISSEY

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**



English lesson

Today I taught the Germans about Northern Ireland.
High on their interest, I paraded as a gunman
On the Falls Road. Death holds the attention—
BANG! blew them off their seats and I got away scot free.

“A fiddler in a death-camp” —
Beyond the lot of it.

The only honesty is silence.

Aula de inglês

Hoje dei uma aula sobre a Irlanda do Norte para alemães.
Animada com o interesse deles, imitei um atirador
Na Falls Road¹. A morte prende a atenção —
O BANG! ergueu-os de seus assentos e eu fugi impune.

“Um violinista no campo de extermínio” —
Além daquele quinhão.

A única honestidade é o silêncio.

1. A Falls Road é uma das vias mais importantes de Belfast, na Irlanda do Norte. Em 1970, ocorreram lá confrontos armados entre católicos nacionalistas e tropas britânicas. O evento ficou conhecido como “The Troubles.”

The Juggler

He must have practiced for hours
Between the bins and the mattresses
Of a rented back yard
To dance the seven painted skittles
Off his fingers like that.
He was the game whittled

To art. God knows what
Anachronism he took up before,
Using medieval skills to stop
Time: he puts the clock back
Nine hundred years
With his side-show for a quack

Of diversion for a king,
Still, or because of the drain
Of things modern, we ring
Him with faces. He knows
How we anticipate failure
And that what he owes

His audience is a defiance
Of breakdown. We watch as his magic
Creates the radiance
Of a spinning blue arc, brought
Slowly to standstill. Natural begrudgers,
We are nevertheless caught

By the weightlessness, the controlled
Mechanics of air

With all the improbables cajoled
Into truth, we are not as far out
From faith as we were.

O malabarista

Ele deve ter praticado por horas
Entre caixotes e colchões
De um quintal alugado
Para fazer dançar os sete pinos coloridos de boliche
Com seus dedos, como fez.
Ele é talhado para o jogo
da arte. Sabe Deus

Que anacronismos ele ingeriu, antes,
Usando medievais habilidades para fazer
Cessar o tempo, atrasando o relógio
Novecentos anos
Com seu show à parte, para um charlatão

Ou para distrair um rei.
E ainda, ou por causa do sorvedouro
Das coisas modernas, nós o cercamos
Com olhares. Ele sabe
O quanto antevemos as falhas
E o que ele deve,

À sua audiência, é desafiar
O colapso. Nós o observamos enquanto sua magia
Cria o esplendor
De uma arca azul que gira, e que vai
Lentamente parando. Naturalmente invejosos,
Somos ainda assim capturados

Pela leve e precisa
Mecânica aérea.

Com todas as aduladas improbabilidades,
Rumo à verdade, pois não estamos assim tão distantes,
Da fé, quanto antes estávamos.

The fort-maker

It was too late for invasion
By the time he'd sent his hungry eye on the hill
Above the town, and thought of the view.
War was not the reason
For the three years' haulage—
It was sheer love.

And because his need
Was a beginning and an end to all things,
His house became a circle of windows—
Catching ruins and birds
And the blank faces of the sea
In a stilled frame, everywhere he looked.

O construtor do forte

Já era tarde demais para invadir
Quando ele lançou seu olhar faminto para a colina
Sobre a cidade, e pensou na vista.
A guerra não fora a causa
Para a carga levada por três anos —
E sim o mais puro amor.

E porque o que ele precisava
Era de um começo e de um fim para todas as coisas,
Sua casa se transformou num círculo de janelas —
Capturando ruínas, pássaros
E as faces inexpressivas do mar
Numa estática moldura, para onde quer que olhasse.

DIVULGAÇÃO

**SINÉAD MORRISSEY**

Uma das vozes mais originais da nova poesia irlandesa, Sinéad Morrissey nasceu em Portadown, na Irlanda do Norte, em 1972. Digna herdeira da tradição literária daquele pequeno país que nos deu, entre outros, figuras como Oscar Wilde, James Joyce e Samuel Beckett, ela escreve uma poesia ao mesmo tempo intimista e cosmopolita.

To encourage the study of Kanji

I've been inside these letters it seems for years, I've drawn them on paper, palms, steamed mirrors and the side of my face in my sleep, I've waded in sliced lines and crossed boxes.

They stay, stars in the new-moon sky, as dead as the names of untraceable constellations. Intricate, aloof, lone, abstracted,

some other mind made them and still since then they've shrunk to a hint at a fairytale. Say I thread beads. Say I remember a sky of walking pictures.

Para incentivar o estudo de Kanji

Estou mergulhada nessas letras parece que há anos, eu as desenhei no papel, na palma das mãos, em espelhos embaçados e nas minhas bochechas dormindo, eu vadiiei por linhas e formulários.

Elas ficam, estrelas do céu de lua nova, tão mortas quanto os nomes de constelações não rastreáveis. Intrincadas, distantes, solitárias, absortas,

pois alguma outra mente as criou e, desde então, encolheram como uma alusão num conto de fadas. Digamos que eu teça colares com miçangas. Digamos que me lembre de um céu de desenhos que caminham.

From *China* (7)

I find I have made a ghost of you—I'm sorry—as I aimed my camera foolishly at the passing coloratura of mountains and fields, and snapped them anyway, knowing I'd never get them back the way they were being given, at that precise instant, and caught them, yes alright, adequately enough, but somehow also caught your watchful face filling the window without its source. Confucius refuses to speak about spirits. *Till you know about the living, how are you to know about the dead?* he pronounces to the ever-curious Tzu-lu.

And I wonder, if I can make ghosts of the living with my dinky, digital machine, is it possible I can also make the dead visible? And I set my camera more deliberately now on the vast, peopleless expanse, the check its screen to see if I've got anything in its wide-eyed little net.

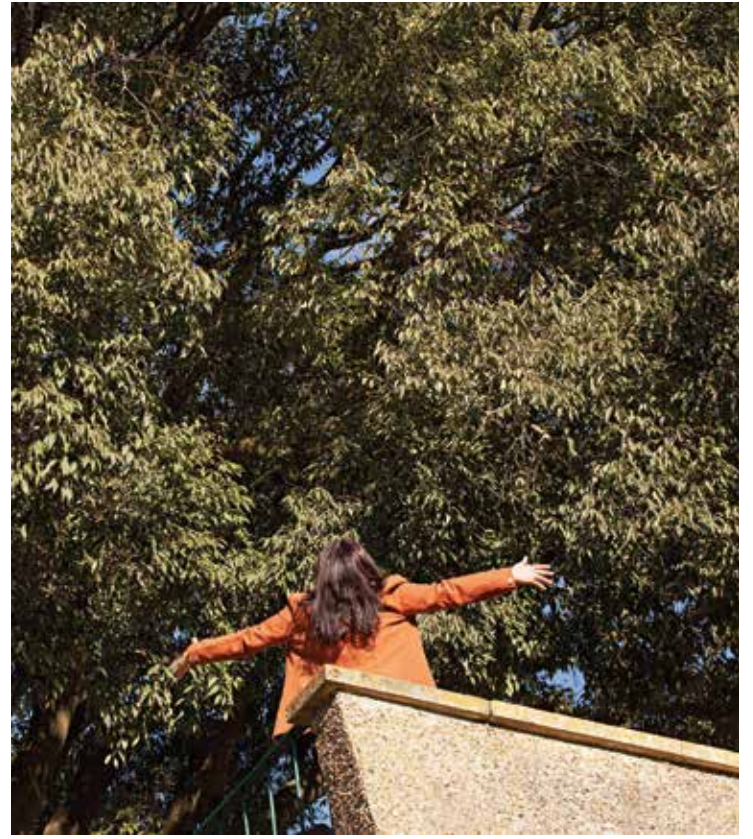
I don't know what I expected— one or two of the million Yangtze drowned, perhaps, still draining their ears by banging the sides of their heads, or looking after the vanishing tumult of the train for direction home?

Trecho de *China* (7)

Percebo que fiz de você um fantasma — me perdoe — pois irresponsavelmente aponte minha câmera para a coloratura de montanhas e campos, que passava e os cliquei de qualquer maneira, sabendo que jamais os teria de volta da maneira como se apresentavam naquele exato momento, e os capturei, sim, é certo, de modo suficientemente adequado, mas de alguma maneira também capturei sua face atenta a preencher toda a janela sem mostrar sua origem. Confúcio se recusava a falar de espíritos. *Até que aprenda sobre os vivos, o que poderá saber, você, dos mortos?* ele explicou ao sempre curioso Tzu-lu. E fico imaginando, se posso criar fantasmas a partir dos vivos, com minha pequena máquina digital, será que eu também poderia tornar visíveis os mortos? E aponto minha câmera agora, mais deliberadamente, na direção da imensidão vazia, e então confiro a tela para ver se capturei alguma coisa em sua pequena tela de grandes olhos. Não sei bem o que esperava encontrar — um ou dois dentre os milhões de afogados no Yangtzé, talvez dando tapas nas cabeças para tirar água das orelhas, ou em busca do desvanecente tumulto de um comboio para descobrir o caminho de casa? 📷

**ozias filho**

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO

**MARIA ESTHER MACIEL****MARIA ESTHER MACIEL**

Poeta, ensaísta, ficcionista e professora de literatura da UFMG e da Unicamp, nasceu em Patos de Minas (MG) e vive em Belo Horizonte. Publicou vários livros em diferentes gêneros literários, como **Triz** (poesia, 1998), **A memória das coisas** (ensaio, 2004), **O livro de Zenóbia** (prosa/poesia, 2004), **O livro dos nomes** (ficção, 2008), **A vida ao redor** (crônicas, 2014), **Literatura e animalidade** (ensaio, 2016), e **Longe, aqui. Poesia incompleta (1998-2019)**. Lançou, em 2021, **Pequena enciclopédia de seres comuns**, pela Todavía. Dirige a revista *Olympio* – literatura e arte.



Leia mais em
rascunho.com.br





rogério pereira

SUJEITO OCULTO

PINHEIRINHOS DE NATAL

Nunca acreditei em Papai Noel. Se existisse, seria um velhote dos mais mesquinhos: jamais se animara a deixar um carrinho de controle remoto sob a árvore inexistente ou aquela sonhada bola de capotão. Tampouco a chaminé do fogão a lenha sufocou seu corpanzil na descida recheada de presentes. Nada disso. Apenas um espasmo de desprezíveis brinquedos nos chegava quando o ano já deitava os últimos dias por trás das flores na chácara onde vivíamos e trabalhávamos para pagar a morada. Ainda sem banheiro, mas com água encanada e luz elétrica — benesses que aos poucos nos transformavam em pessoas urbanas. Invariavelmente, o pai nos dava uns carrinhos de plástico. Na raiva infantil, colávamos chiclete de hortelã mascado e os deixávamos ao sol. Logo, o monstro gelatinoso derretia como num filme de terror. Só nos restava eviscerar o plástico ordinário em busca, quem sabe, de um tesouro. Em poucas horas, nossos carrinhos se transformavam em sucata. Era, talvez, nossa maneira de nos vingarmos da miséria que nos envolvia. Uma vingança besta e inútil.

Mas a chegada do Natal era também uma época de fartura — representada pelo tilintar de moedas que recebíamos com as mãos espalmadas feito um faminto à espera de comida. Entregávamos os pinheirinhos e estendíamos as mãos diminutas de criança. Talvez o espírito natalino e a suposta inocência infantil amolecassem corações e bolsos mais sortudos que os nossos. Não havia escapatória: tínhamos de ajudar o pai a entregar os pinheirinhos vendidos na chácara. Durante o ano, eram plantados e cultivados com método e atenção. Quando o fim de ano se aproximava, tínhamos de arrancá-los com pás afiadas e plantá-los novamente em latas grandes (em geral de tinta). O processo era quase industrial. A fileira de pinheirinhos se espriava no horizonte à nossa espera. Iriam diretamente para casas luxuosas e grandes. Era necessário um pé direito alto para abrigar a um canto o símbolo da felicidade, da bonança e da sorte de Deus olhar com mais misericórdia para aquele lar. Eram pessoas abençoadas — além de contar com um lindo pinheirinho, que logo seria decorado e receberia caixas e caixas de presentes, podiam nos entregar moedas, com as quais sempre comprávamos pirulitos, chicletes e balas no bar do Gábito — um homem ma-

gro, feio, fétido e com um filho orelhudo, cujo apelido era Spock.

Eu adorava elevadores. Quando o pai dizia “é um apartamento”, uma alegria percorria meu corpo magricelo. Gostava da sensação de subir numa caixa de metal em direção ao céu, o corpo no vazio, mas protegido. Nem mesmo minha acrofobia severa — da qual eu ainda nem desconfiava — me tirava a alegria da subida e da descida. Mas naquele dia, o pânico tomou conta de todos nós.

O pai ia na boleia da velha Kombi — uma espécie de pangaré meio cambaio a resfolegar pelas ruas de asfalto de C. Nós, eu e meu irmão, íamos na traseira amparando os pinheirinhos e cuidando para evitar qualquer dano. O toque da pelagem áspera das árvores fustigava e marcava nossa pele. Vivíamos nos coçando feito dois cachorros sarnentos. Quando estacionamos diante do prédio de alto padrão, porteiro com traje de porteiro, muros intransponíveis feito castelos medievais, retiramos com extremo cuidado o imenso pinheirinho. O pai abraçava a lata onde estavam fincadas as raízes, o irmão mais velho ficava no meio da planta a proteger os galhos, eu, o filho mirrado, cuidava da co-

pa onde seria, em geral, colocada uma estrela para iluminar e abençoar o Natal dos afortunados.

Feito Curly, Moe e Larry, íamos a passos de tartaruga prédio adentro, sempre sob o olhar meio irônico dos porteiros. O pobre não é solidário nem no Natal. Neste dia, ao chegar à porta do elevador, a desgraça baixou sobre nós: no manuseio, mesmo que cuidadoso, a copinha do pinheirinho enroscou e, para nosso desespero, quebrou — e ficou a balançar por uma fina película. Uma tragédia completa. Um pinheirinho sem sua amada e desejada copinha era um inválido, um ser desprovido de sua essência. Onde brilharia a estrela a observar a felicidade plena da família a festejar que, sim, o Papai Noel sempre existiu?

Já sentia a mão pesada do pai pregada na minha orelha (afinal, eu era o responsável pela maldita copinha), quando o irmão disse “precisamos dar um jeito”. A ira paterna arrefeceu com a possibilidade de uma solução, mesmo que precária. Mais rápido que um rato a roubar milho no paiol, peguei na Kombi um rolo de durex. Carregávamos de tudo: tesoura, faca, pregos, cola, etc. A vida tinha lá seus percalços.

“Vamos enrolar com durex”, sugeri. Após a delicada cirurgia, colocamos o pinheirinho no elevador e o pai apertou o botão do andar altíssimo do prédio no bairro de C., onde o Papai Noel mais gostava de passear com seu trenó puxado por renas bem alimentadas e saudáveis.

Ao abrir a porta, uma senhora elegante nos sorriu. Sempre me parecera que nos ofereciam um sorriso de pena: começava pelo rosto do pai, descia pa-

ra meu irmão e terminava em mim, o menor dos três patetas. Entrem, coloquem ali no canto. Era invariavelmente num canto quase maior que a nossa casa. Naquele dia, manuseamos com mais cuidado ainda. Levávamos um pinheirinho doente, fraturado e engessado por durex e pelo desespero. O pai fazia força extrema para evitar que a lata arranhasse o piso de mármore (ou seja lá que pedra fosse) a refletir nosso esforço naquela Ítaca impossível.

Eu observava atento a copinha firme e resiliente — uma solidária comparsa da fraude natalina. Imóvel à espera da estrela. Era impossível não notar as casas, mesmo com o pai nos dizendo o tempo todo “não podemos perder tempo”. Não achava perda de tempo admirar sofás gigantescos, com aspecto fofinho, tevês de tamanho indecente, cadeiras de formatos estranhos, mesas quilométricas, tapetes que saíam voando a um simples assovio. Às vezes, nos ofereciam água gelada. Às vezes, refrigerante. Mesmo contrariando o pai, aceitávamos todas as ofertas. Em especial, as moedas.

Quando conseguimos deixar o pinheirinho exatamente no local indicado, a senhora nos alcançou copos d’água. E um punhado de balas. Muito obrigado, ficou ótimo, está lindo — ou algo parecido saiu de sua boca um tanto murcha pelo tempo. O pai agradeceu e nos direcionou porta afora. Eu apenas vislumbrei a imensa janela a escancarar um céu azul e muitos outros prédios no horizonte de C.

Possivelmente, seria por aquela janela que Papai Noel entraria sorridente, trenó repleto de presentes para quem se comportou bem durante todo o ano. 📍



Ilustração: FP Rodrigues

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi LITERÁRIO



palco de grandes ideias

11ª temporada



7/dezembro
19h30
**Natalia
Borges
Polesso**



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

ABERTURA
11ª temporada
**Andréa
del Fuego**



11/janeiro
19h30
**Edney
Silvestre**



8/fevereiro
19h30
**Carol
Bensimon**



8/março
19h30
**Jarid
Arraes**



6/abril
19h30
**Tatiana
Salem
Levy**



Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paioliterario.com.br



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

